

**Pontifícia Faculdade de Teologia
Nossa Senhora da Assunção**

Francisco de Assis Gonçalves

**Teologia e Literatura:
O papel da Igreja na sociedade a partir
de ‘Incidente em Antares’**

São Paulo - 2008

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

**Pontifícia Faculdade de Teologia
Nossa Senhora da Assunção**

Francisco de Assis Gonçalves

**Teologia e Literatura:
O papel da Igreja na sociedade a partir
de ‘Incidente em Antares’**

**Dissertação de Mestrado apresentada
em cumprimento às exigências do
Curso de Pós-Graduação em Teologia
Sistemática à Pontifícia Faculdade de
Teologia Nossa Senhora da Assunção,
para obtenção do grau de Mestre,
sob a orientação do
Prof. Dr. Côn. Antonio Manzatto.**

São Paulo – 2008

**Esta dissertação é dedicada especialmente,
aos deleites de minha vida: Deus e minha família
(Ivete, minha esposa e meus filhos, Ricardo e André),
pelos impulsos, incentivos e amor que me
proporcionaram durante esta minha caminhada.**

Agradecimentos:

- Ao Prof. Dr. Côn. Manzatto
pela sua valiosa orientação
- Ao Prof. Pe. Dr. Francisco Martins
pela ajuda em determinados momentos
- A Dom Joaquim Justino Carreira
pela confiança e ajuda
- À minha irmã Vileni que foi
revelação da face de Deus em
tantas situações.
- Ao Pe. Vando Valentini pelo
despertar da vocação e auxílio na
caminhada.
- Ao Côn. Antônio Aparecido
Pereira pelo constante incentivo
- A Azis Miguel Jorge e família pelo
testemunho cristão durante a
caminhada
- A todos que contribuíram direta ou indiretamente
para a realização deste trabalho

Sinopse

O objetivo desse trabalho foi o de apresentar a importância e a possibilidade do diálogo entre teologia e literatura. Tomando como base a obra literária *Incidente em Antares*, de Erico Veríssimo, essa dissertação tentou uma aproximação temática entre o universo dos personagens e a teologia. Focou principalmente os personagens, padre Gerônimo e padre Pedro-Paulo, que por suas posturas de vida e de valores representavam, respectivamente, as eclesiologias vivenciadas no pré e pós Concílio Vaticano II. Dentro desse diálogo teologia e literatura buscou-se detectar como essas eclesiologias influenciavam os valores da sociedade e como elas davam uma compreensão de Deus. De igual forma, tentou-se refletir sobre o problema da instituição eclesial acompanhar ou não a história e até que ponto isso pode influenciar no seu discurso para passar sua mensagem para o ser humano.

GONCALVES, Francisco de Assis. *Theology and Literature: the role of the Church in society under the prism of 'Incident in Antares'*. São Paulo: PFTNSA, 2008. (Dissertação de mestrado)

ABSTRACT

The objective of this work was to demonstrate the importance and the possibility of the dialogue between theology and literature. It is based on the work of art "Incident literary work in Antares", by Erico Veríssimo. This dissertation tried a thematic approach between the characters' universe from the book and the theology. It focused the characters, priest Gerônimo and priest Pedro-Paulo, mainly, studying their life postures and their values, because they symbolizes, respectively, the ecclesiologies lived before and after the II Vatican Council. Inside of this dialogue between theology and literature was looked for to detect as those ecclesiologies influenced the values of the society and as they gave an understanding of God. Also, it was tried to contemplate on it the problem of the Church to follow or not the history and how this can influence in her speech to pass her message for the human being.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO I - LITERATURA E TEOLOGIA	
1 – A questão da Literatura e da Teologia.....	11
1.1 – A Literatura	11
1.2 – A Teologia.....	19
2 – As relações entre Literatura e Teologia.....	23
2.1 – Métodos de abordagem na relação Literatura e Teologia.....	29
2.1.1 - O pensamento de Antonio Manzatto sobre Teologia e Literatura.....	30
2.1.2 - O pensamento de Antonio Magalhães sobre Teologia e Literatura.....	33
CAPITULO II - ESTUDO LITERÁRIO SOBRE ÉRICO VERÍSSIMO	
2 – Estudo literário sobre a obra de Erico Veríssimo.....	37
2.1 – Panorama histórico-literário de ‘Incidente em Antares’ de Erico Veríssimo.....	45
2.1.1 - Contextualização histórica: do Estado Novo ao Regime Militar.....	45
2.1.2 - Contextualização literária.....	54
2.2 – Análise Literária.....	56
2.2.1 - Biografia sintética de Erico Verissimo	58

2.2.2 - Resumo de ‘Incidente em Antares’	62
2.2.3 - Caracterização da obra e análise dos personagens.....	70
2.2.4 - Breve contexto literário.....	74
CAPITULO III – ANÁLISE TEOLÓGICA	
3 – Análise teológica sobre o papel da Igreja na sociedade a partir de Incidente em Antares.....	78
CONCLUSÃO.....	106
BIBLIOGRAFIA.....	112

INTRODUÇÃO

Ao elaborarmos essa dissertação sob o título de *Teologia e Literatura: o papel da Igreja na sociedade a partir de 'Incidente em Antares'*, procuramos seguir um caminho que só recentemente tem sido trilhado, a reflexão sistemática sobre as relações entre a teologia e a literatura.

Muito embora a religião cristã esteja fundamentada na Palavra de Deus inserida num livro, a Bíblia, no qual seus textos possuem qualidade literária, como os Salmos, expressões da espiritualidade, dos sofrimentos, das esperanças, dos sonhos e das expectativas de pessoas que acreditavam em Deus, a Igreja sempre considerou a literatura como um diletantismo, mesmo que a linguagem da poesia tenha sido empregada pelos maiores de seus místicos, como São João da Cruz ou Santa Teresa de Ávila.

Só com o desenvolvimento das ciências humanas e com o advento do século XX, há um novo olhar sobre as relações entre literatura e teologia, já que como a literatura enfoca a realidade humana e as situações vivenciadas pelos seres humanos, reportando seus valores e os julgando, pode-se com o auxílio da antropologia encontrar um ponto convergente com a teologia para o estabelecimento de um diálogo, pois a teologia de modo semelhante realiza uma leitura do humano para compreender Deus e a partir de Deus compreender o humano.

Nesse objetivo, escolhemos o livro de Erico Veríssimo, *Incidente em Antares*, para realizar esse diálogo entre literatura e teologia, buscando extrair do ser humano, inserido nesta obra literária, respostas às perguntas teológicas: o que eu aprendo de Deus com esse personagem? O que ele apresenta de Deus? Mesmo considerando ser uma obra literária de ficção, seus personagens podem ser verdadeiros no sentido humano e nos levar a enxergar neles uma

humanidade com a qual comungamos ou não. Desse modo, eles são verdadeiros não por serem históricos, mas verdadeiros pelo seu sentido humano, por serem símbolos do humano.

Por outro lado, levando em conta o conceito de Igreja como sendo uma comunidade de pessoas que têm fé em Deus, até que ponto a compreensão de como ser Igreja nos leva a compreender Deus? Desse modo, vamos nos deter no estudo das várias eclesiologias que podem ser detectadas no romance de Erico Veríssimo, e como elas podem influenciar as pessoas a colocarem na sua vida prática os seus entendimentos sobre Deus, e como essas visões eclesiológicas inseridas nesta obra podem nos ajudar no discernimento de uma melhor compreensão de Deus.

Essas várias imagens de Igreja vão nos mostrar seu lado atraente e misterioso, e por ser, ao mesmo tempo, divina e humana, ela nos aparece envolta em sombras e luzes. Ao falarmos de Igreja, não podemos deixar de ter em mente sua constituição ontológica, fundada no mistério trinitário, o qual nos foi revelado por Jesus Cristo, mistério encarnado na história. Assim, a metodologia para compreender o modo de ser Igreja dos vários personagens de *Incidente em Antares*, vai estar situada no repensar do cristianismo iniciado no Concílio Vaticano II.

Para tanto, segue a presente dissertação em três capítulos que pretendem de forma crescente abordar o tema. O primeiro capítulo busca apresentar de uma forma bastante geral as relações existentes entre teologia e literatura e as metodologias empregadas pelos dois maiores pesquisadores brasileiros sobre esse diálogo: Antonio Manzatto e Antonio Magalhães. O segundo capítulo tem a intenção de realizar um estudo sobre a obra de Erico Veríssimo e realizar sua análise literária. O terceiro e último capítulo tenta fazer uma análise teológica sobre o papel da Igreja na sociedade a partir de *Incidente em Antares*.

CAPÍTULO I

LITERATURA E TEOLOGIA

1 – A questão da Literatura e da Teologia

1.1 – A Literatura

Quando se fala de literatura, verifica-se que sua definição é cercada de controvérsias, pois existem inúmeras definições e, a cada época, surgem novos conceitos. Alguns dizem que literatura é tudo aquilo que se escreve. No entanto, será que tudo que está escrito em livros e revistas se constitui literatura?

Segundo Marisa Lajolo, em seu livro *O que é Literatura*, existem escritores, poetas, que deram liberdade a outros escritores e até a leitores para chamar suas obras de literatura, ou não. Lajolo acentua que os poemas que apreciamos, os romances inéditos, peças de teatro esquecidas pelo tempo, ou mesmo aqueles livros que nenhum professor indica, mas que gostamos de ler, se pode conceituá-los como fazendo parte, ou não, da literatura. A dependência fica subordinada ao sentido que temos ao interpretá-los. Algumas pessoas definem literatura como sendo algo que está escrito, mas precisa que outros a leiam, precisa de um envolvimento social pelo qual a obra deve passar antes de chegar a ser vendida. Lajolo afirma que “a literatura iguala-se a qualquer produto produzido e consumido em moldes capitalistas”.¹ Isso significa que uma obra, para ser considerada literatura, tem que possuir certa tradição cultural e precisa ser avaliada por setores especializados.

¹ LAJOLO, Marisa. *O que é Literatura*, p.17.

Antonio Candido, em *Literatura e Sociedade*², escreveu que a literatura é uma forma de comunicação social, por isso é uma relação inter-humana organizada por fatores internos e externos. Os elementos internos são, por exemplo, a estrutura da narrativa. Enquanto que os elementos externos são os sociais. Antonio Candido, porém, ressalta que a relação entre literatura e sociedade vai além, pois esses elementos externos, na verdade, tornam-se internos em uma obra literária, ou seja, um fator da própria construção artística.

“O que uma sociedade determinada, ou as sociedades em geral, reconhecem como arte literária varia de época para época, embora as variações guardem algumas constantes”,³ irá dizer Maria da Glória Bordini, complementando que as constantes derivam do consenso das épocas.

Antonio Manzatto, abordando a discussão sobre as várias definições de literatura, julga “menos oportuno para nosso estudo buscar uma definição de literatura que ver de perto as diferentes relações entre literatura, estética e verdade, para poder estabelecer uma forma que nos permita ver mais claramente as relações entre teologia e literatura”.⁴

O importante é perceber que literatura não é meramente uma transmissora de informações, ela gera, no seu leitor, aquilo que os sentidos o orientam para realizar uma interpretação. Nesse sentido, o leitor, ao se debruçar sobre uma obra literária, pode, pela leitura, vivenciar aquilo que lê e gerar em si as imagens propostas pelo texto. A obra tanto pode ser verídica como pode ser ficção. Não importa se os personagens do texto sejam reais, ou fruto da imaginação do autor, pois a literatura possui toda a liberdade de criação, muito embora, o autor, ao criar a ficção no seu texto, insere de alguma forma um fundamento real. Ressalte-se que a literatura não é o reflexo do “real”, mas é elaborada na mente do autor a partir da sua história, cultura, da sociedade em que vive, de seu conhecimento etc.

² CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, p. 20.

³ BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Veríssimo*, p. 25.

⁴ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: Reflexão Teológica a partir da Antropologia contida nos romances de Jorge Amado*, p. 16.

Bordini assevera que “a questão primordial para o romancista é como conciliar a saída para o irreal que a atividade artística propicia com a responsabilidade de aderir ao real”⁵, requisito básico para que não se torne um alienado na sociedade em que ele vive. Porém, lembra Bordini:

O trabalho literário pode ser fantástico ou realista, mas nunca será aistórico, pois a escolha do escritor estará radicada numa posição necessariamente existencial e datada. Esta escolha é que poderá negar ingresso ao evento histórico no texto, mas ela mesma e as convenções de que se vale para essa negação terão raízes na história.⁶

História, tempo, memória e identidade são conceitos diferentes, mas intimamente ligados entre si. Quando o autor narra um conto, ele transmite aquilo que ele sabe sobre os acontecimentos, afetos, sensações e sofrimentos que marcaram sua vida. Como a história é um movimento de mudança permanente, vale assinalar que, com o avanço na idade cronológica do autor, vão ocorrer variações no modo dele narrar um evento. O texto elaborado na juventude é diferente daquele quando o autor atinge a maturidade. O passar dos anos cria na pessoa subjetividades diferentes, diferentes modos de se colocar no mundo, diferentes formas de pensar e ver a vida, de se relacionar com seu próprio corpo, de se vincular com os outros. Mas, em todos esses movimentos, ele conserva sua identidade.

Na narrativa, o autor sempre coloca suas memórias, as lembranças de fatos ocorridos em sua vida, pois eles constituem o seu “saber”. E, daí, surge o questionamento sobre até onde o que ele lembra é fruto da realidade dos fatos, e o que é ficção ou percepção?

Tanto o conceito de história, quanto o de memória, pouco ou nada tem a ver com o conceito de verdade. Estes conceitos questionam a verdade. Nesse sentido, pode-se dizer que a lembrança é sempre, de certa forma, ficcional. E a história de cada um é uma espécie de narrativa que cada sujeito cria em relação a si mesmo e na qual acredita piamente.

⁵ BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Verissimo*, p 27.

⁶ *Ib.*, p. 38.

O autor de uma obra literária, como todo ser humano, tem um passado que interfere nas suas lembranças atuais. A memória une o passado com o presente e permite que se projete no futuro. Todo esse movimento une-se através do desejo que é como o fio que une as contas de um colar.

A história de uma pessoa e a história que ela conta é a história de suas emoções, pois é a emoção que marca os fatos mais relevantes da vida. O que uma pessoa lembra de acontecimentos vivenciados, há 10 ou 20 anos, é produto da emoção com que eles foram vividos, e pode ser que não tenha nada a ver com o que aconteceu verdadeiramente. O lembrado é sempre depois do acontecido e nesse tempo que passa, entre o acontecimento e a recordação, a pessoa vai vivendo, vai mudando, vai adquirindo novos códigos de análise das coisas e, em certo ponto, quem lembra não é a mesma pessoa que protagonizou aquele acontecimento agora lembrado. A lembrança vem após o acontecimento e esse tempo transcorrido muda muita coisa. A recordação é real, pois é nossa realidade; somente nesse sentido é realmente verdadeiro.

Ninguém pode ter absoluta certeza da veracidade de suas lembranças. Nós nos lembramos a partir de um estímulo no presente e, então, vem a recordação de um tempo passado, que pode ter sido ontem, e os dois tempos parecem se juntar em um só. Constrói-se algo novo: a lembrança sempre deformada do passado, mais os afetos daquele tempo, mais os afetos de hoje que lembro, mais o que sou hoje, mais o que já fui, mais o que foi me acontecendo nesse tempo todo.

Assim, o texto literário é resultado de uma amálgama de pensamentos ou sentimentos, vividos pelo autor, e que sofrem no processo criativo da obra uma transformação semelhante ao sonho.

Assim o conceito de verdade só pode ser atribuído aos juízos que a consciência faz do mundo ou de si mesma, mas não às criaturas de sua fantasia, pois nelas o tempo natural

não vige, substituído pelo tempo do desejo, no qual os conteúdos e sua ordem podem ser distribuídos arbitrariamente.⁷

O conceito de verdade, de maneira geral, é adequação à realidade, ou seja, verdadeiro é tudo aquilo que se afirma sobre o real, que pode ser comprovado. Só é verdadeiro aquilo que é real. Ora, ao dizer que a literatura é ficção, busca-se relacioná-la com a verdade. “Normalmente para nossa mentalidade empirista e cientificista, ficção quer dizer falso; mas ficção pode conter uma verdade, e mesmo talvez uma verdade mais profunda e mais verdadeira que o empirismo”.⁸

Bernard Quelquejeu, em seu artigo *‘Quando a escrita é questionada...’*, assinala que o homem ocidental vai se tornando cada vez mais surdo a qualquer outro tipo de linguagem a não ser a da ciência. Ressaltando que devemos “reaprender a escuta e a prolação da linguagem da *existência*, a única que permite unir as profundezas míticas do ser às altitudes simbólicas e espirituais do espírito”.⁹

A literatura, sobretudo a de ficção, de romance, não se preocupa com a afirmação da verdade, enquanto adequação com o real; ao contrário, um romance de ficção, já indica, no seu início, tratar-se de um texto irreal, fruto da imaginação do autor. Levanta-se então, a questão: até que ponto a literatura se coloca diante da verdade? E como a ciência pode se aproximar da literatura para explicar a verdade, se a literatura não busca o real nem lhe dá importância?

Este é um problema que se coloca diante de um diálogo teologia e literatura, pois sendo a teologia uma ciência que se preocupa com a verdade, como é que pode aprender ou trabalhar a partir de um fenômeno, que é por definição, falso? Como é que um falso ficcional pode auxiliar ao verdadeiro, que é uma preocupação científica?

⁷ *Ib.*, p. 84.

⁸ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura*, p. 16.

⁹ QUELQUEJEU, Bernard. *Quando a escrita é questionada...*, Algumas perguntas aos que “escrevem” teologia, in *Concilium* 115, 1976, p.64.

Para resolver estas questões, pode-se empregar a hermenêutica¹⁰, muito embora não seja do agrado da ciência, pois os cientistas, por natureza, não gostam de admitir procedimentos de interpretação, porque consideram o real aquilo que é comprovado. No entanto, os defensores da interpretação do real dizem que algo é real somente quando enxergado pelo sujeito; e que a verdade é objetiva, porém ela só se transforma em verdade para o sujeito quando se torna subjetiva; e, ainda, que, ao se tornar subjetiva, ela entra no mundo do sujeito que, dependendo do mesmo, recebe certa valoração, caracterização. Em outras palavras, o real não é igual para todas as pessoas.

Com o desenvolvimento das ciências humanas, as regras da interpretação hermenêutica são cada vez mais aplicadas, pois a ciência se deu conta de que suas pesquisas são influenciadas pelas características do meio psicológico, econômico, cultural e sociológico de quem as elabora.

Diferentemente do passado, em que a interpretação estava fundamentada nas intenções do autor, hoje, é dada fundamental importância ao leitor. A literatura é um bom exemplo disso, pois, quem interpreta é o sujeito que lê. Daí que a interpretação vai ser aquilo que o leitor atribuiu ao texto, atribuição essa que vai variar de acordo com a vida do leitor, de sua cultura e de seus valores.

A literatura por não ser ciência, não está obrigada a comprovar o que expressa. Ela é arte, que é fruto da imaginação do autor, não se sujeitando, assim, à obrigação de estar fundamentada em fatos comprováveis, nem de se preocupar com registros históricos. Diferentemente da ciência, que tem preocupação com a verdade, com aquilo que é demonstrável, a literatura não tem obrigação com a verdade científica. A sua preocupação reside na busca da beleza que se concretiza no emprego da palavra escrita.

¹⁰ Hermenêutica, em nosso entendimento, é a ciência ou metodologia da interpretação, especialmente de um texto escrito. Uma forma ampla de interpretação, no sentido da procura do simbólico. A hermenêutica bíblica é a ciência que trata das normas para interpretar retamente os Livros Sagrados.

Os romancistas e romancistas, na sua modéstia e simplicidade aparentes, sabem que usam do real com inteira liberdade. Sabem que o personagem tem a ver com a realidade dentro do livro, a realidade do romance, com sua arquitetura [...] e não com a realidade do meio em que vivem os homens, de que eles romancistas e romancistas se utilizam como barro. O criador amassa e emprega a realidade para criar outra realidade, uma realidade que obedece à complicada geometria literária, ao seu sistema de forças, que nada tem a ver com as ciências físicas, naturais ou sociais.¹¹

Assim, a literatura se exprime num idioma, respeitando suas normas gramaticais, buscando o belo através da comunicação com o leitor, para que seja compreendida. Cada língua retém em si o espírito de uma cultura e é apropriada para determinada expressão que só adquire significação em si própria. Assim, a beleza de uma língua é a beleza de sua cultura, que revela como é seu povo.

O autor literário usa seu idioma para externar não só sentenças, mas para expressar, em termos lingüísticos, as imagens advindas de sua imaginação. Cada língua tem sua forma de expressão, sobretudo, nas suas figuras de linguagem, e a elas recorre o autor para falar de suas imagens.

Embora exista uma narrativa histórica com documentação, presa à realidade, a narração de ficção, por falar daquilo que não é real, consegue ser mais atraente para quem vai ouvir ou ler, pois, não fica restrita ao universo da realidade e, talvez, aí resida uma das relações com o belo, com as imagens que o autor extrai da beleza do imaginário. E a imaginação é a forma mais fundamental de operação da consciência humana; por isso, somente o ser humano consegue criar arte ou valores. Na imaginação, está a origem da criatividade humana.¹²

No caso da poesia, pela sua raiz imaginária, ela é a forma mais expressiva de ficção, onde o poeta, ao sonhar com o que deve ser real, tem liberdade na criação, não só de imagens, mas também de palavras. Na imaginação do autor ele cria sua estória, se for narração, ou imagem

¹¹ Cf. DOURADO, Autran in BORDINI, Maria da Glória. Criação Literária em Erico Verissimo, p. 105.

¹² ALVES, Rubens. *O Enigma da Religião*, p. 42.

poética de choque de palavras, se for poesia. Embora a imaginação do autor seja livre para imaginar qualquer coisa, na verdade, existem restrições nesta forma de liberdade, já que o autor, como qualquer ser humano, é condicionado pela sua cultura, pela época em que vive, pela língua, pelo tipo de formação que teve etc. Sua imaginação é sempre condicionada pelas suas referências vividas no contexto cultural. O seu imaginário, então, vai estar referenciado pela vida do autor.

Muito embora, as obras literárias façam referência primária ao mundo do autor, elas não se explicam apenas pelo autor, pois o texto tem uma objetividade. Daí que ao ler uma obra literária, o leitor não visualiza a imaginação, ou o pensamento do autor, mas simplesmente o texto, e é a partir do que ele narra que o leitor interpreta. Ocorre, então, uma interação entre os três elementos que compõem a obra literária: autor, obra e leitor¹³. Importante assinalar que quem atribui significado ao texto é o leitor, na medida em que se apropria da obra, incorporando-a em sua vida. A obra de arte vai depender da recepção de quem a vê, por isso, o sentido não é atribuído pelo autor, mas pelo leitor, que interpreta a partir daquilo que o texto conta. Paul Ricoeur expressa:

Por um movimento de transcendência, toda obra de ficção projeta para fora dela mesma um mundo que se pode chamar 'mundo da obra'; assim, a epopéia, o drama, o romance projetam sob o modo de ficção maneiras de habitar o mundo que ficam à espera de uma retomada da leitura, capaz por sua vez de fornecer um espaço de confrontação entre o mundo do texto e o mundo do leitor.¹⁴

A metáfora pode, eventualmente, levar ao transcendente caso o autor seja místico, mas, o que é mais comum é que a obra traga o transcendente para o real concreto.

A obra literária é uma metáfora do real, e por ser metáfora ela necessita de interpretação, que se dá de forma relativamente livre, pois o leitor, ao interpretar o texto, está condicionado não só por aquilo que o autor colocou, mas pelo que ele, leitor, projeta no texto. Verifica-se, então, que uma obra pode ter variação na sua interpretação, de acordo com o tempo e o ambiente cultural

¹³ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura*, p.35.

¹⁴ Paul RICOEUR, *Temps et récit II* apud MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura*, p.31.

onde ela se realiza. Manzatto, referindo-se ao pensamento de Paul Ricoeur, irá dizer no tocante à interpretação que “aparecem as questões de saber o que o texto diz, o que ele pode dizer e o que ele quis dizer: é o decifrar dos símbolos, a passagem do senso literal ao senso segundo”.¹⁵

1.2 – A Teologia

O termo teologia, originário do grego, compõe-se etimologicamente de dois termos: theós + logia = Deus + ciência. Tem por objeto principal Deus. “Coloca-se Deus em discurso humano. Etimologicamente, significa um discurso, um saber, uma palavra, uma ciência de ou sobre Deus”.¹⁶ Porém, como Deus é o criador de tudo, então, qualquer coisa pode ser estudada pelo teólogo. “A fé diz respeito em primeiro lugar a Deus, e das demais coisas só por consequência, ou seja, por causa de Deus”.¹⁷ Daí ser a teologia utilizada como visão do mundo à luz de Deus, ou seja, ver em tudo o divino.

Como ciência, a teologia possui as seguintes fontes: a Revelação, a Tradição da Igreja e o Magistério eclesial. Para melhor compreender sua fé, o cristão emprega ferramentas científicas, como a filosofia, a psicologia, a antropologia, a sociologia, as artes, e entre estas, a literatura. “O papel da Teologia é pensar os dados da Revelação a partir e dentro da experiência de fé, tal como esta é vivida hoje pela comunidade cristã”.¹⁸

Mas o que significa Revelação? A Bíblia não contém um termo específico para discriminar o que se compreende como Revelação¹⁹. Ela utiliza uma linguagem simbólica para atestar que Deus intervém na história para revelar e se desvelar ao homem. Este processo se dá,

¹⁵ Ib., p. 31

¹⁶ LIBANIO, J.B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*, p.63.

¹⁷ BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. P. 44; que cita Santo Tomás de Aquino: “A Verdade teológica (divinae cognitionis) se refere em primeiro lugar e principalmente (primo et principaliter) à própria Realidade criada; e às criaturas como que consequencialmente (quodammodo consequenter), enquanto, conhecendo-se aquela, se conhece tudo o mais”.

¹⁸ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura*, p.40.

¹⁹ TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A Revelação de Deus na realização humana*, p. 25. “Aparecem diversas expressões: desvelar, aparecer, falar. A terminologia não clarificada indica que a Bíblia está menos interessada no conceito e na reflexão acerca da Revelação, que no fato e no acontecimento dela”.

não através de um conhecimento que o saber humano adquire sobre os mistérios divinos, mas no encontro com Deus na realidade do mundo; partindo essa iniciativa sempre de Deus.

Todo o Antigo Testamento mostra Deus intervindo nos acontecimentos históricos, revelando seus mistérios através de uma relação pessoal com o homem, propondo uma aliança a que o homem deveria responder pela fé e obediência. Através das pessoas, com quem Deus se revela, é transmitida a sua proposta, como se verifica em alguns trechos da Sagrada Escritura: Gn 1, 26-30; Ex 2,24; Ex 3, 7-12. Já no Novo Testamento, a auto-manifestação de Deus não ocorre apenas como doutrina comunicada, ela é acontecimento e palavra divina. A todo este processo de comunicação se dá o nome de Revelação.

Durante todo o transcorrer da história da Igreja, os teólogos buscaram ater-se mais nas verdades reveladas do que em Deus que revela e se desvela; dedicando pouca atenção à relação inter-pessoal entre Deus e o homem. Somente a partir da segunda década do século XX é que o pensamento católico procurou entrar no cerne do tema da Revelação e da Palavra de Deus e de sua inserção na história humana. Isso aconteceu por decorrência da renovação do estudo bíblico e da patrística, que levaram as pesquisas às fontes bíblicas e que trouxeram, como consequência, o primado da Palavra e da ação da Revelação. Outro fator que contribuiu foi o desenvolvimento das pesquisas semânticas que permitiram uma melhora da noção da realidade bíblica.

P. Marie Dominique Chenu, um dos renovadores do pensamento católico, publicou, em 1937, *“Une École de Théologie, le Saulchoir”* (Le Saulchoir, Kain-lez-Tournai, Belgique, et Étiolles, France), que desencadeou um processo de discussões sobre o papel da Revelação. Ele ia de encontro a uma teologia intelectualista, mais dedicada a conclusões extraídas do dado revelado que na realidade do mistério. P. Chenu valorizava a natureza realista, histórica e religiosa da Revelação e da fé. Ele expressou que o dado revelado se mostra na história e não em forma de idéias abstratas.

O Concílio Vaticano II, na Constituição Dogmática *Dei Verbum*, amplia o entendimento sobre a Revelação, vendo-a como diálogo e convivência pessoal entre Deus e o ser humano.²⁰

A Revelação, com seu caráter imanente e transcendente, é, na definição de Torres Queiruga: “Essa história englobante na qual o homem se vai descobrindo e realizando em sua intimidade, enquanto determinado e entregue a si mesmo pelo Deus que se lhe comunica”.²¹

Esta revelação divina se faz progressivamente, de inúmeras maneiras e graus. A Carta aos Hebreus expressou este processo: “Muitas vezes e de modos diversos falou Deus, outrora, aos nossos pais pelos profetas; nestes últimos dias, falou-nos por meio do Filho” (Hebr 1, 1).

A Revelação, por outro lado, é imanente, ou seja, ocorre dentro da experiência humana e, ao mesmo tempo, ela é transcendente: a experiência que o homem tem da palavra divina o leva a encontrar um sentido que ele atribui a uma revelação de Deus. No campo religioso, é onde se dá inicialmente o processo da Revelação. Torna-se mais fácil perceber a manifestação de Deus em sua palavra. No dia-a-dia, Carlos Mesters propõe a teoria do triângulo hermenêutico:

Texto, contexto e pré-texto. O texto é a palavra escrita da Bíblia. O contexto é a vida de fé da comunidade. O pré-texto são as condições socioeconômicas e políticas em que tal comunidade vive... É um triângulo cujo movimento não se interrompe. Vai do texto ao contexto e ao pré-texto e vice-versa. De cada ângulo se pode enxergar o todo. A ciência exegética atua mais sobre o texto. A experiência de fé constitui o contexto. E a situação social configura o pré-texto. No fim deste movimento surge o sentido novo, a leitura nova, a interpretação da palavra de Deus para a vida da comunidade. A Revelação de Deus, outrora acontecida e consignada no texto, faz-se viva para a comunidade de fé nesse novo contexto de vida.²²

²⁰ *Dei Verbum* n.º 2: “Mediante esta Revelação, portanto, o Deus invisível levado por seu grande amor, fala aos homens como a amigos e com eles se entretém para os convidar à comunhão consigo e nela os receber. Este plano de Revelação se concretiza através de acontecimentos e palavras intimamente conexos entre si, de forma que as obras realizadas por Deus na História da Salvação, manifestam e corroboram os ensinamentos e as realidades significadas pelas palavras. Estas, por sua vez, proclamam as obras... no entanto, o conteúdo profundo da verdade seja a respeito de Deus, seja a de salvação do homem se nos manifesta por meio dessa Revelação em Cristo que é ao mesmo tempo mediador e plenitude de toda a Revelação”.

²¹ TORRES QUEIRUGA, A. *A Revelação de Deus na realização humana*, p. 203.

²² MESTERS, C. *Por trás das palavras*. Petrópolis: Vozes, 1980 (coleção CID - Exegese, n.1) apud LIBANIO, J.B. *Teologia da Revelação a partir da modernidade*, p. 98.

Depreende-se que é necessário ter uma nova visão sobre como se realiza a Revelação divina, pois, com a mudança dos parâmetros culturais, mudou, também, a própria forma de estar neste mundo e, em conseqüência, mudou a forma de se relacionar com Deus. Ora, buscar esta mudança de enfoque não é tão fácil, pois, estão arraigadas, nas pessoas, concepções advindas já de sua infância, onde se sobressai um Deus que, de longe, as observa e dita normas para elas seguirem, e não o Deus retratado por E. Fichte, que ama a si mesmo nos seres humanos.²³

Manzatto acrescenta que “a teologia possui, portanto, um caráter eminentemente humano e humanista, ou melhor dito, antropológico [...] As relações entre Deus e o homem na história, à luz da fé, refletidas de maneira crítica e atualizada, eis o que a teologia faz”.²⁴ O Papa Paulo VI, em seu discurso de encerramento do Concílio Vaticano II, corrobora essa idéia ao expressar que “para conhecer a Deus, é preciso conhecer o homem”.²⁵

A teologia, que utilizou no passado a mediação da filosofia para conhecer a Deus, hoje, nessas novas visões teológicas, tem que recorrer aos préstimos das ciências humanas. A teologia não pode ater-se somente a si mesma, pois ela tem uma missão social. “Ainda mais, se a teologia é influenciada pela história, no sentido que ela muda ao longo dos séculos, ela é igualmente condicionada pela situação sócio-política na qual é construída. É para responder às situações concretas da vida e da sociedade que um pluralismo teológico existe”.²⁶

Dentre esse universo de teologias, destaca-se o pensamento teológico nascido no continente latino-americano, após o Vaticano II, a Teologia da Libertação. Como o conhecimento

²³ FICHTE, E. in TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Recuperar a Criação*: por uma religião humanizadora, p.57: ” neste amor o Ser e a existência, Deus e o homem, são um, inteiramente amalgamados e fundidos”; porque o manifestar-se de Deus no homem ‘é seu amor a si mesmo’, [...]mas a tomada de consciência de nossa parte- nisso consiste, definitivamente, a religião – passa por meio de nossas capacidades. E essas não só são sempre limitadas, mas também tendem a medir tudo com esquemas e categorias humanas,...Para a própria imagem de Deus...projetamos nela demasiadas vezes nossos medos, ressentimentos e ambições individuais; e, por outro, tendemos a envolvê-la numa rede de relações que refletem as estruturas sociais do prestígio, dominação e inclusive exploração.[...] Neste sentido, é preciso ver toda a historia humana como busca da verdadeira face de Deus...”.

²⁴ MANZATTO, Antonio. Teologia e Literatura, p.40.

²⁵ “E se recordamos, veneráveis Irmãos e amados Filhos, todos vós que estais aqui presentes, como no rosto de todo o homem, sobretudo se se tornou transparente pelas lágrimas ou pelas dores, devemos descobrir o rosto de Cristo (8), o Filho do Homem; e se no rosto de Cristo devemos descobrir o rosto do Pai celestial, segundo aquela palavra: «quem me vê a mim, vê também o Pai» (9), o nosso humanismo muda-se em cristianismo, e o nosso cristianismo faz-se teocêntrico, de tal modo que podemos afirmar: para conhecer a Deus, é necessário conhecer o homem”. Discurso do Papa Paulo VI na última sessão pública do Concílio Vaticano II, Terça-feira, 7 de Dezembro de 1965. In http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1965/documents/hf_p-vi_spe_19651207_epilogo-concilio_po.html

²⁶ MANZATTO, Antonio. Teologia e Literatura, p. 44.

da vida humana é importante para a teologia, surgiu na América Latina “uma reflexão teológica contextualizada, que busca dar respostas às questões apresentadas à fé pela realidade sócio-econômico-política desse continente”.²⁷

Diante das agruras vividas pelo homem latino-americano, a teologia começou a questionar-se sobre o papel que a fé teria que desempenhar diante de uma realidade de pobreza e exploração do ser humano; e como este poderia entender a Revelação. Como a teologia reflete a fé, e, sendo sua mensagem direcionada ao ser humano, que é um ser situado, logo, a fé tem algo a dizer sobre essa realidade.

Manzatto esclarece que isso leva a uma compreensão dialética da relação entre fé e realidade:

A teologia, além de seu aspecto querigmático, é também compreendida como hermenêutica da realidade à luz da fé e, inversamente, como hermenêutica da fé à luz da realidade, o que mostra a relação de reciprocidade entre os dados revelados e a situação histórica.²⁸

Com o pluralismo teológico, a teologia, embora trabalhando com metodologias diferentes, sempre deve confrontá-las com a verdade.

2 – As relações entre Literatura e Teologia

A literatura, em princípio, é uma relação com a beleza e com o estético; enquanto, a teologia procura se relacionar com a verdade, com a questão do conhecimento. Assim, duas questões se levantam: A literatura tem alguma relação com a verdade? Qual o interesse específico da teologia na literatura?

²⁷ *Ib.*, p. 47.

²⁸ *Ib.*, p. 51.

A literatura, por ser uma obra de ficção, não possui a preocupação com registros históricos, nem em ser pautada pela ciência com dados comprováveis; no entanto, numa obra literária, a partir de uma visão de leitura, existem fatos narrados que contêm algo de verdade, não em relação aos personagens, mas com respeito ao conjunto da humanidade. Deste modo, as características emanadas dos personagens podem ser percebidas em muitas pessoas, no universo em que vive o leitor.

A obra literária não afirma, nem quantifica, um fenômeno; não descreve a realidade da mesma maneira que a ciência. O autor literário, diante da realidade com que se defronta, imagina um outro real, sonha com uma outra realidade; e, assim, ele cria uma outra situação que não é demonstrada, mas que, ao ser narrada, faz uma apresentação do real através dos símbolos.

Rubens Alves cita Mannheim para dizer que: “A imaginação surge da insatisfação do homem com a realidade existente, e por isto, em todas as suas multiformes expressões, encontramos sempre uma indicação daquilo que ‘faltava na vida real’”.²⁹ Nesse sentido, não é simplesmente o real histórico, mas há uma referência ao mundo real em toda obra literária, seja para confirmá-lo, seja para criticá-lo. O autor, ao narrar um comportamento do ser humano, sabe que os fatos não determinam sua maneira de ser, e sim, os acontecimentos transfigurados pela emoção.³⁰

Em termos comparativos, poderíamos dizer que um escrito científico é uma descrição do mundo real que pode ser comprovado, já o escrito literário é uma parábola do mundo através do procedimento do imaginário. Ao utilizar uma linguagem simbólica, a literatura, se não demonstra a realidade, pode mostrar, através de seus símbolos, a realidade. Jean-Pierre Magnin irá dizer no seu artigo ‘O Ensaio’:

²⁹ ALVES, Rubens. *O Enigma da Religião*, p.47.

³⁰ *Ib.*, p. 50.

Para uma cultura que reencontra às palpadelas os vestígios de Deus, a aproximação não é mais uma deficiência da expressão imaginária, é uma condição da verdade, uma vez que esta mesma verdade se busca na penumbra; nesta busca é preciso aceitar que a poética, com sua teia de parábolas e metáforas, vá assinalando as etapas da Revelação.³¹

Uma obra literária não se atém a descrever a realidade, como o faz a ciência, mas ela busca a compreensão, através da apresentação que a obra mostra da realidade, de um possível sentido da realidade. Assim, a obra não descreve o real, mas a ele se refere, não no aspecto de descrição fenomenológica, mas na compreensão de fenômenos. Desse modo, pode-se afirmar que a literatura possui referência com a verdade, pois ela ao imaginar pelo falso, traça um caminho de afirmação da verdade.

Pode-se, assim, concluir que a verdade suprema do real não reside na simples afirmação daquilo que é, do status quo, mas, no desejo de afirmar aquilo que se pretende que seja, ou daquilo que se é chamado a ser.

Hervé Rosseau questiona, ao abordar a aproximação entre teologia e literatura:

Esta [literatura] é antes de tudo a expressão duma experiência vivida, mesmo que seja através do imaginário. Se o teológico encontra um lugar privilegiado nesta experiência, não representa então a literatura, por sua vez, um lugar teológico essencial enquanto está mais capacitada que a teologia dialética a exprimir a experiência cristã?³²

Aparentemente, Rousseau estabelece o poder teológico da literatura circunscrito ao que se denomina ‘espiritualidade’. Porém, ele, adiante, amplia esse conceito ao expressar:

A experiência cristã não é independente da experiência humana, na qual se insere, nem da cultura do tempo; está em correlação com a experiência vivida dos não-crentes

³¹ MAGNINE, Jean-Pierre. *O Ensaio*, in *Concilium* 115, 1976, p.43.

³² ROUSSEAU, Hervé. *A literatura: qual é seu poder teológico?*, in *Concilium* 115, 1976, p.7.

contemporâneos. Somos, por isso, levados a estender a exploração a todo o conjunto da literatura e a procurar o significado teológico de toda e qualquer obra literária.³³

O ser humano é uma das preocupações da literatura, seja pela ficção ou pela poesia. Ela retrata a vivência do humano, com suas ansiedades e expectativas; na sua busca do sentido da vida e de suas relações consigo próprio e com os outros seres. Por outro lado, “a teologia é uma melhor compreensão da fé e, à sua luz, do homem, do mundo, do universo, da vida”.³⁴

Muito embora a teologia tenha a preocupação com a verdade e a literatura, como vimos, por ser obra de ficção, não se paute pela verdade do fato narrado, já que ela é fruto da imaginação do autor, isso não significa impossibilidade de diálogo.

O imaginário é o procedimento humano que pode indicar uma possibilidade de conhecimento de uma relação com a verdade, pois a verdade não é uma simples adequação ao real. O falso imaginado passa a ser, então, um caminho de acesso à verdade. Claro que a imaginação pura, sem nenhuma ligação com o real, pode ser alienação, ilusão. No entanto, quando se imagina na aproximação do real, que é a maneira empregada pela literatura, então, fazendo uma interpretação, se pode obter uma compreensão do real, não simplesmente o real físico, das reações químicas, mas no sentido do ser humano. Desta forma, por modo tangencial, a obra literária pode exprimir um conhecimento da verdade.

Nesse sentido, a obra literária é um símbolo, uma metáfora do real, tem certa referência ao real e uma referência à verdade. Paul Ricoeur irá dizer que a “metáfora consiste em falar de uma coisa nos termos de outra que se assemelha”.³⁵ Magrine complementa:

É preciso aprender a viver tudo que o ensaio literário e teológico comportam de subjetividade, ficção, riqueza de tecido metafórico, como se fossem outros tantos indicadores apontando para uma realidade desconhecida.

³³ *Ib.*, p. 8.

³⁴ MANZATTO, Antonio. Teologia e Literatura, p.39.

³⁵ RICOEUR, Paul. *A Metáfora Viva*, p. 302.

Restaurar o simbólico (portanto a literatura, portanto o ensaio) como *revelador*, sem transformar as imagens em ídolos, eis talvez indicado, por via indireta duma exigência do espírito, um dos empenhos atuais da vida do crente.³⁶

Do ponto de vista metafísico, a verdade é única, mas está oculta, existindo diversos caminhos para desvendá-la, tais como: beleza, ciência, literatura, filosofia, religião etc. Cada um deles contempla um aspecto da verdade, sem que nenhum deles resuma a totalidade da mesma. A teologia, que busca a verdade, pode relacionar-se com esses caminhos descritos para chegar ao conhecimento de Deus. Durante muitos anos, ela se utilizou da filosofia com esse intento, mas com o desenvolvimento das ciências humanas, a teologia tem se utilizado da antropologia como mediação para o saber divino.

Como foi visto anteriormente, a Revelação divina se dá através de situações humanas; então, tudo que é humano interessa à teologia. Portanto, a teologia pode, também, ter um discurso sobre o humano, um discurso antropológico. Duas questões podem ser argüidas: Qual seria a relação entre teologia e antropologia? A teologia tem o direito de fazer um discurso antropológico?

Todas as ciências, de acordo com seu campo de atuação específico, têm relação com o humano, já que todas visam à existência do ser humano e contribuem para o seu conhecimento e para a sua compreensão. Ora, como a teologia fala do sentido último do ser humano, que é Deus, seu discurso pode ajudar o ser humano a se conhecer e a se compreender melhor, para poder relacionar-se mais com Deus.

À luz do relacionamento com Deus, o ser humano pode interpretar e compreender qual é o significado de sua existência. Nesse sentido, o discurso teológico é um discurso que contribui, no universo das ciências, para conhecer mais o ser humano, pois, ainda que a teologia não fale simplesmente do humano, ela fala do humano que crê, e o ato de crer é um ato de humanidade.

³⁶ MAGNINE, Jean-Pierre. *O Ensaio*, in *Concilium* 115, 1976, p.44.

O discurso da teologia não vai explicar o que é o ser humano, já que não é de sua competência, sendo mais apropriado às outras ciências. Ele vai dizer, a partir da Revelação, algo pertinente ao conhecimento humano, já que ele fala sobre o sentido do ser humano, de seu fim último. A teologia é uma interpretação do humano, atribui um sentido ao ser humano, é um discurso que dá o significado do ser humano. É aqui, exatamente, no sentido do ser humano, que literatura e teologia dialogam. Nas questões seguintes, surgem os pontos de convergência entre teologia e literatura: *o que significa o ser humano, como ele se comporta, como ele pode ser interpretado?*

Existem ciências próprias que focam a literatura, como é o caso da crítica literária, ou da lingüística; no entanto, por ser uma arte que lê o humano, a literatura pode interessar a outras ciências, da mesma maneira que o ser humano interessa não apenas à biologia, à medicina, mas a outras ciências, entre elas, a teologia. Ora, como a matéria-prima do trabalho do teólogo são as situações humanas, e a literatura as apresenta; e, como a elaboração que a teologia faz é a apresentação do sentido do humano, de igual modo realizado pela literatura, detectam-se aqui conjunturas apropriadas para a ocorrência de um diálogo.

A objeção que ocorre é que se define teologia como o tratado sobre Deus, o discurso sobre o humano à luz do discurso sobre Deus, e que literatura tem sua dissertação sobre o humano; então, como conciliá-los? Bem, a literatura não precisa falar de Deus para ser de interesse da teologia, pois, pelo princípio da analogia³⁷, falar de Deus é falar do humano. E, exatamente porque a teologia fala do que o humano é chamado a ser, no sentido de chamado a ser com Deus, então, ao se falar de Deus, se fala do humano; e, inversamente, ao se propor o sentido do humano,

³⁷ “Para quem reflete, torna-se claro que as realidades sensíveis em si mesmas, que fornecem à razão humana a fonte do conhecimento, conservam nelas um certo vestígio de semelhança com Deus, embora se trate de um vestígio tão imperfeito que é incapaz de exprimir a substância de Deus. Todo efeito possui, a seu modo, uma certa semelhança com sua causa, embora o efeito nem sempre atinja a semelhança perfeita com a causa agente. No que concerne ao conhecimento da verdade de fé – verdade que só conhecem à perfeição os que vêem a substância divina –, a razão humana se comporta de tal maneira que é capaz de recolher a seu favor certas verossimilhanças”, in AQUINO, Tomás de. *Suma Contra Gentes*, I.I cap. 8. São Paulo: Abril Cultural, 1979, 2ª ed., p. 67. apud BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*, p. 324.

e, como o sentido do humano é Deus, se estabelece um caminho, através da literatura, para realizar uma reflexão sobre Deus.

O princípio da analogia é a compreensão do humano a partir de Deus, e, de Deus, a partir do humano, que é imagem e semelhança de Deus. Este princípio significa o efeito Revelação, ou seja, a obra revela o autor. Desta forma, a obra literária revela o pensamento de seu autor, como o ser humano revela o ser de Deus; o efeito revela a causa.

Pode-se, assim, visualizando a natureza, encontrar traços que revelam e que remetem ao seu autor. Esse é o princípio da teologia natural ³⁸, o qual sinaliza que o ser humano pode chegar a Deus pela contemplação da natureza. Chegar ao conhecimento de Deus não significa, apenas, chegar a afirmar sua existência, mas, significa conhecer sua maneira de ser, exatamente porque o efeito revela a causa. Logo, como, ao se contemplar a natureza, se pode concluir algo a respeito de Deus; ao contemplar o homem, se pode concluir algo a respeito de Deus. Ocorre, também, o inverso: o conhecimento a que se chega de Deus ilumina o conhecimento do humano e do que o humano deve ser; e, não, simplesmente, como o humano é.

Ora, se a teologia tem um discurso sobre o humano possível, relacionado com seu lugar específico, que é o lugar da fé, contemplando o discurso sobre Deus, e, se, também a literatura tem um discurso sobre o humano, então, elas podem dialogar.

2.1 – Métodos de abordagem na relação Literatura e Teologia

Quando tentamos divisar qual é o fundamento da atuação da teologia nós vamos descobrir que ela busca respostas a essas perguntas: quem é, ou, o que é Deus? Por conseqüência, a

³⁸ “Embora sobre Deus não se saiba propriamente o que Ele é, para tratar dos assuntos teológicos o teólogo recorre, no lugar da definição, ao efeito (obra) de Deus, seja na ordem da natureza, seja na ordem da graça. O mesmo acontece, aliás, em algumas ciências filosóficas: estas demonstram algo sobre a causa a partir do efeito, aceitando para tanto o efeito no lugar da definição prévia da causa”, in AQUINO, Tomás de. *Suma Teológica*, parte 1, questão 1, artigo 7 apud BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1999. p.58.

teologia, ao se aproximar de qualquer situação, procura analisá-la à luz dessa compreensão. Assim, de que forma a teologia pode encontrar respostas a estas perguntas, ao se aproximar da literatura? Caso o objeto de estudo for a Sagrada Escritura, poderemos, facilmente, discernir respostas a essas questões formuladas. No entanto, se o universo de pesquisa estiver direcionado para a literatura profana, como divisar uma solução para o problema?

No nosso estudo, se defrontam métodos de abordagem desse problema por dois expoentes da pesquisa da relação entre teologia e literatura: Antonio Manzatto e Antonio Magalhães.

O cônego Dr. Antonio Manzatto é diretor da Pontifícia Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e foi pioneiro, no Brasil, no desenvolvimento de um estudo teológico mais profundo sobre a relação entre teologia e literatura, a partir de um enfoque teológico sobre a antropologia inserida na obra literária de Jorge Amado.³⁹

Antonio Magalhães é professor no Curso de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP e autor de livro⁴⁰ sobre o diálogo teologia e literatura.

2.1.1 - O pensamento de Antonio Manzatto sobre Teologia e Literatura

Antonio Manzatto, pioneiro no nosso país a publicar um livro abordando a relação entre teologia e literatura usando a mediação da antropologia, é no dizer de Antonio Magalhães,⁴¹ “o único trabalho no Brasil que desenvolve de forma mais sistemática um diálogo teológico com a literatura”.

³⁹ MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: Reflexão Teológica a partir da Antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

⁴⁰ MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras: Teologia e literatura em Diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

⁴¹ MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *Notas introdutórias sobre teologia e literatura*, in *Teologia e literatura*. Cadernos de pós-graduação 9. São Bernardo do Campo: UMESP1997, p. 30.

Para Manzatto, a literatura contribui para a teologia ao fornecer a sua visão do humano, pois uma obra literária apresenta uma proposta de humanidade, de ser humano. Utilizando a ciência antropológica, Manzatto emprega um método que busca extrair do ser humano, inserido na obra literária, respostas às perguntas teológicas: *o que eu aprendo de Deus com esse personagem? O que ele apresenta de Deus?*

Manzatto afirma que a literatura:

Revela valores vividos pelos homens; ela mostra uma compreensão do homem, ela fala sempre do homem, apresenta-o, critica-o, mostra um homem vivendo. Sua ocupação é sempre o homem, o homem concreto, situado. Nesse sentido, ela é antropocêntrica. E é por esse antropocentrismo radical da arte literária que ela pode interessar à teologia.⁴²

Para Manzatto, um personagem literário revela um ser humano concretamente, não quantificável por número, porém, apresentado em todos os seus aspectos – psicológicos, antropológicos, sociológicos, culturais, históricos etc. A literatura, mais que a ciência, apresenta um ser humano vivo; por isso, ocorre a articulação do leitor com a obra literária, em que ele se relaciona com o personagem, estabelece uma convivência com o personagem. Daí que uma obra literária não é um trabalho científico, mas uma apresentação de visão de mundo, que pode ser comungada, ou não, por quem a lê.

O método de Manzatto para estabelecer a relação entre teologia e literatura não se faz por temas, mas pelo sentido do ser humano. Para ele, toda arte faz uma leitura do ser humano, demonstrando elementos e atraindo quem a observa para uma reflexão sobre o humano, mas a literatura faz essa reflexão não pelos elementos visuais, mas pelo imaginário, que pode ser uma referência do real. A literatura pode apresentar o humano como ele *pode* ser, ou como ele *não deve* ser, ou representar uma busca pelo que ele *poderia* ser. Desse modo, ela faz referência ao

⁴² MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura*. Op. cit. p. 7.

sentido do humano. A verdade do ser humano – essa é a contribuição que a literatura, na visão de Manzatto, dá à humanidade; e, é aí que a teologia se aproveita disso, já que o conhecimento de Deus vem de situações humanas, pois, são nelas que Deus se revela.

Assim, Manzatto acentua que um teólogo, ao ler uma obra literária, não tem que pesquisar o que de Deus ela mostra, mas o que do humano ela revela. Dessa maneira, a pergunta não é ‘o que a obra literária ensina de Deus a quem dela se aproxima’, mas ‘o que ela apresenta de ser humano’; e, quando da elaboração teológica, é que o discurso humano se transforma na leitura de Deus. Manzatto usa a metodologia de se pesquisar numa obra literária como é que é o ser humano que ela apresenta, quais são os seus valores, suas perspectivas. Desse modo, o método parte do discurso humano para poder contemplar a realidade divina.

Algumas críticas são colocadas ao método de Manzatto, como a feita por Adilson Schultz:

O problema da obra de Manzatto [...] parece estar na sua compreensão de teologia. Parece que o objeto da teologia é compreender o ser humano, ou dizer o que ele é. No diálogo entre teologia e literatura proposto por Manzatto, a literatura entra com a antropologia tal como ela é, e a teologia com a antropologia como ela deveria ser. Trata-se de um esquema que preserva a eterna incorreção do esquema pergunta-resposta: a teologia faz uso da literatura para melhor conhecer e poder responder às perguntas da realidade. Mas isso é diálogo? O que muda na teologia com o diálogo? Como bem salienta o subtítulo de sua obra [MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: Reflexão Teológica a partir da Antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994], trata-se de reflexões teológicas a partir da literatura.⁴³

Antonio Magalhães vê limitações no método de Manzatto, pois ele parte de uma visão teológica de que a Revelação divina está já delimitada e que se pode obter pela Tradição da Igreja:

O problema divino já tem a sua resposta, enquanto o problema humano é mediado pela literatura. Em tal relação a tarefa teológica não estabelece um diálogo que possibilite uma reavaliação dos chamados temas centrais do cristianismo como Revelação, encarnação,

⁴³ SCHULTZ, Adilson. *Agenciamentos teórico-metodológicos básicos para o estudo do lugar do Protestantismo no imaginário religioso brasileiro a partir do encontro da Teologia com a Literatura (na Casa de João Guimarães Rosa)*, p.38.

crucificação etc. Dá a nítida impressão que a teologia em si já tem suas soluções, suas respostas estabelecidas, precisando somente de uma melhor e mais eficaz mediação de suas verdades, tendo neste caso a literatura como interlocutora privilegiada.⁴⁴

Magalhães vê que a obra de Manzatto possui um problema fundamental que é “a fixação quanto às formas de conhecimento. Literatura seria algo fixo e a teologia, por sua vez, também”.⁴⁵

2.1.2 - O pensamento de Antonio Magalhães sobre Teologia e Literatura

A metodologia de abordagem de Antonio Magalhães é baseada no pensamento do teólogo alemão e pastor luterano Paul Tillich, um dos mais influentes teólogos protestantes no século XX. Tillich, em seu livro *Teologia da Cultura*⁴⁶, desenvolveu um estudo aprofundado da relação entre a teologia e cultura, naquilo que ele denominou de método da correlação. O método está fundamentado na relação entre Deus e o mundo. O mundo levanta, nesse diálogo, uma série de questionamentos, e a teologia busca dar-lhes respostas.

O método “cria uma mediação entre o que se pensa e o que se experimenta, a qual se dá através da cultura humana. Pelas manifestações da cultura, podemos ver a forma dos conteúdos religiosos da vida humana e aquilo que lhe é não só pertinente, mas de maior importância, de valor e sentido último”.⁴⁷ Para Tillich, Deus não se manifesta só num local sagrado, como a Igreja, mas ele se revela na cultura, que se torna, assim, o espaço da manifestação divina. Desse modo, em toda a cultura se pode divisar o que ela revela de Deus. Ressalte-se que Tillich rejeita encontrar a manifestação divina só em alguns aspectos da vida, como o estético, o experimental, pois, para o teólogo, ela ocorre em todos os aspectos da vida humana.

⁴⁴ MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *Notas introdutórias sobre teologia e literatura*, in *Teologia e literatura*. Cadernos de pós-graduação 9. São Bernardo do Campo: UMESP1997, p. 37.

⁴⁵ *Ib.*, p. 38.

⁴⁶ TILLICH, Paul. *Theology of Culture*. New York: Oxford University Press, 1959.

⁴⁷ CARVALHAES, Cláudio. *Paul Tillich e a Teologia da Cultura*, p.2.

A partir da idéia de Tillich sobre a relação de teologia e cultura, Magalhães a aplicou à relação entre teologia e literatura. Magalhães estabelece uma relação entre algum tema teológico e algo correspondente na literatura. Por exemplo, se a literatura fala sobre sofrimento, então, como é que a teologia trabalha a idéia de sofrimento? Antonio Magalhães denomina esse método de correspondência. Ele se baseou no conceito matemático da Teoria dos Conjuntos:

A cada elemento de um conjunto são associados um ou mais elementos de outro. Numa formulação mais voltada para a teologia, a cada elemento considerado da Revelação na Bíblia e na tradição teológica, podem ser associados um ou mais na literatura mundial. A cada narrativa considerada compreensão da fé, há que se associar outra dentro da literatura. A cada forma de anúncio de uma verdade considerada fonte de fé, há que se associar outra na experiência das pessoas e nas interpretações literárias.⁴⁸

Para Magalhães, essa relação se faz, sobretudo, na temática trabalhada na literatura e na teologia. Assim, através do método de correspondência, o diálogo entre teologia e literatura se realiza quando se questiona como é que a religião é apresentada em determinado texto literário, e como este se relaciona com determinado texto teológico. Colocam-se, lado a lado, os textos e tenta-se descobrir qual a semelhança entre ambos.

O problema que se apresenta, nesse método, é quando não ocorrem temas trabalháveis para serem colocados juntos, o que torna difícil estabelecer a reflexão teológica. Isso restringe o diálogo entre teologia e literatura a temas trabalháveis. Na verdade, não se relacionam temas, mas se aproximam temas. Tome-se o exemplo do tema da esperança. Empregando o método de Magalhães, a tarefa se faz na verificação do que a literatura diz a respeito da esperança; em seguida, se busca a abordagem que é feita, pela teologia, sobre a esperança; e realiza-se a operação de descoberta da semelhança entre ambos. Ora, constata-se, no entanto, que, caso não seja realizada essa aproximação de textos, nada impede que, tanto a literatura, quanto a teologia, abordem, de forma continuada, o tema da esperança. Isso implica que, falando pelo aspecto

⁴⁸ MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras: Teologia e literatura em Diálogo*, p. 205.

teológico, o que a teologia trata sobre a esperança não vai sofrer nenhum tipo de alteração, caso aproxime o texto teológico do literário, ou não.

Nesse aspecto, surge a crítica ao método de Magalhães, pois para que se utilizar a literatura para ir ao tema teológico, se nada vai ser acrescentado à teologia pela literatura? No texto literário, pode-se perceber a idéia teológica do autor sobre determinado tema, idéia essa advinda do aprendizado que o autor concebeu ao longo de sua vida. Daí que os críticos do método questionam a ida ao texto para verificar a teologia que o autor apresenta, pois consideram isso como um desvio, levando-se em conta que se pode ir direto à fonte teológica.

Adilson Schultz agrega um outro fator: “Para ele [Magalhães], as pessoas e sua condição (o pobre, a mulher, o índio, o convertido, o clero, o negro, etc.) não podem ser determinantes na interpretação da bíblia e formulação da teologia”.⁴⁹

Schultz levanta uma outra questão:

O problema é que literatura vira instrumento teológico. Não parece manter sua autonomia, como Antonio [Magalhães] mesmo advoga. Ademais, são conhecidos os problemas quanto a quem detem o poder de definir o cânon literário. O problema está no fato de se imaginar que a literatura é livre, ou tem caráter mais popular. O método da correspondência não leva em conta quem lê, onde lê, porque não lê, o que lê... Ou então os problemas modernos de quem consegue escrever, quem consegue vender... Quem vai definir as narrativas que estão ou estarão *em correspondência* com a bíblia? *A Companhia das Letras?* A multinacional *Ática?* Ou a *FTD* federal?⁵⁰

O que se pode depreender é que o método da correspondência se aplica mais na relação entre literatura e religião, ou ciências da religião, já que a afirmação do comportamento religioso interessa às ciências da religião, o que é diferente de quem faz teologia, que se preocupa com Deus. O teólogo preocupa-se não com aquilo que já conhece de Deus, mas diante de uma arte, de

⁴⁹ SCHULTZ, Adilson. *Agenciamentos teórico-metodológicos básicos para o estudo do lugar do Protestantismo no imaginário religioso brasileiro a partir do encontro da Teologia com a Literatura (na Casa de João Guimarães Rosa)*, p.40.

⁵⁰ *Ib.*, p. 41.

um livro, de uma pessoa, ele se questiona sobre o que isso lhe pode fazer conhecer de Deus. Um livro não é interessante para a teologia apenas e tão somente a partir de sua temática. O livro de literatura não é importante para a teologia só quando em suas páginas fala de Igreja, fala de pecado; ou porque apresenta um padre como personagem ou alguém que apregoa valores cristãos semelhantes.

Algumas questões se levantam e são decorrentes dessa análise do método de Magalhães: se o livro não fala de Deus, de religião, de padre, então, não se pode estabelecer a relação entre teologia e literatura? Há certa literatura que vai interessar à teologia e outra que não vai interessar a teologia – como aquela que apregoa o paganismo? Esta é a crítica maior ao método da correspondência.

Conclusão do capítulo

Procuramos mostrar, em nosso estudo, que a literatura é uma arte e não uma necessidade de ser utilizada para se chegar a uma visão teológica. Na verdade, ela é uma possibilidade, com a diferença que, ao empregarmos a literatura, podemos abordar de tudo, e daí ser importante à teologia ouvir a literatura, e, quando ela o faz, ela aprende em termos de construção de humanidade.

No próximo capítulo, entraremos no estudo da obra de Erico Verissimo, *Incidente em Antares*, e, nela, não iremos pesquisar o que de Deus ela mostra, mas, o que, do humano, ela revela. Assim, tentaremos descobrir o ser humano exposto nos personagens e, no terceiro capítulo, quando da elaboração teológica, como esse discurso humano se transforma na leitura de Deus.

CAPITULO II

ESTUDO LITERÁRIO SOBRE ÉRICO VERISSIMO

2 - Estudo literário sobre a obra de Erico Verissimo

Jorge Andrade e Erico Verissimo, ao caminharem juntos, certo dia, pelas ruas de Porto Alegre, refletiam a respeito da influência da infância sobre a obra do autor gaúcho. Veio à tona a lembrança de Erico da farmácia do pai, na cidade de Cruz Alta, no Rio Grande do Sul, onde seus olhos de criança se detinham em frascos de formol, com vísceras humanas, sobre o pai que manipulava os remédios e se deixava corroer pelos instintos, curando uns e ferindo a família, que sangrava em decomposição.

Erico expõe suas recordações ao amigo:

Muitas das minhas lembranças fundamentais estão enraizadas naquela farmácia. Lembro-me que, um dia, foi arrastado para a sua sala de curativos um desconhecido de origem humilde, espancado pela polícia. Fui chamado — eu tinha onze anos — para segurar a lâmpada enquanto se faziam os curativos. Vejo ainda um polegar pendurado por um tendão, uma cabeça escarpada, um ferimento de navalha que rasgava a boca até a orelha. Naquela noite, nasceu em mim o sentimento de justiça, de repugnância pela violência, que me domina até hoje. Sei que não tenho nenhuma qualidade de líder, mas detesto mandar ou ser mandado⁵¹.

Pelo colóquio com Erico, Jorge Andrade entendeu que o último romance de Erico, *Incidente em Antares* –, ao mostrar a atmosfera de decomposição que domina a cidade de Antares, principal personagem do livro, em que sete mortos insepultos descem do cemitério e, diante da

⁵¹ ANDRADE, Jorge. *O galho da nespeira*. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*, p. 8.

cidade, se apresentam em corpos decompostos como terrível acusação aos vivos, que, ao longo do livro, cheiram pior do que eles –, tudo isso teve nascedouro nas reminiscências da farmácia dos Verissimos.

Essa impossibilidade – de separar o mundo do autor do mundo de sua obra –, é vista por Tristão de Athayde desse modo:

Por mais que o mundo de um romancista não se confunda com o mundo de sua obra e que seus personagens tenham uma autonomia própria, muito diversa da personalidade e da vida de seu criador, — é impossível separar esses dois mundos. Há sempre, em todos os seus personagens, mesmo os mais opostos e contraditórios entre si e com o próprio autor, um reflexo do criador nas criaturas. Todos nós somos um e muitos, ao mesmo tempo. O romancista não é um tipo de outra espécie do que a nossa, de leitores ou críticos. É apenas alguém, se há nele a verdadeira vocação romanesca, que tem, em grau intenso, a unidade e a multiplicidade que nós outros temos em grau mínimo ou médio. Existem, além disso, vários tipos de romancistas. Principalmente dois. Aqueles que participam de sua obra. E aqueles que a criam como uma libertação, e não uma participação. Embora, em cada um desses tipos, haja sempre alguma coisa do outro. Nem biológica, nem psicologicamente, pertencemos jamais a um tipo único. Somos sempre, em certos momentos, o oposto de nós mesmos. Não são apenas duas almas que habitam em nós, como disse Goethe em um verso imortal. São muitas. E num romancista de vocação real, essa multiplicidade é infinita. Erico Verissimo é, sem qualquer dúvida, um desses últimos.⁵²

A popularidade do escritor cruz-altense levou, freqüentemente, a crítica e a história literária nacional a considerarem pouco estética sua obra. Um de seus mais algozes críticos, Álvaro Lins, o considerava um “escritor que piorava sucessivamente de um romance para outro”⁵³, opinando que Erico se submetia ao gosto do público, que lhe impunha o seu gosto e preferências. Por ter prestígio acentuado junto à intelectualidade, Álvaro Lins impingiu, durante

⁵² ATHAYDE, Tristão de. *Erico Verissimo e o antimachismo*. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*, p. 86.

⁵³ BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Verissimo*, p.15.

anos, essa má fama ao escritor gaúcho, só decrescida com a publicação da coletânea *O Contador de Histórias*, organizada por Flavio Loureiro Chaves.⁵⁴

Comentando que a obra de Erico Verissimo, por ser profundamente brasileira e retratando a alma de seu povo, iria interessar aos editores estrangeiros, Jorge Amado expressou:

Tão nacional, tão rio-grandense, a ponto de, mesmo quando levado por suas preocupações de homem posto em meio aos conflitos continentais ou mundiais — a criar sobre a América Central ou o Vietnam — mesmo aí seus personagens possuem aquela inconfundível marca brasileira que é o sal de sua criação.⁵⁵

Jorge Amado assim se expressou sobre *Incidente em Antares*:

Li *Incidente em Antares* nos Estados Unidos, numa cidade universitária entre jovens ardentes, em meio aos problemas colossais do mundo de hoje. De repente, nas páginas do romance de Verissimo, o Brasil inteiro (não apenas o Rio Grande) invadiu o pequeno apartamento estrangeiro e o calor do trópico fundiu a neve lá fora. Tenho amado, no correr desses quarenta anos, os livros de Erico Verissimo, todos eles, alguns mais do que outros; nenhum me comoveu tanto quanto esse último, talvez porque o tenha lido assim, distante do Brasil, nele reencontrando minha gente, o bom e o ruim, a alegria e a tristeza, a opressão e a luta pela liberdade, o Brasil inteiro, cerne da obra de Erico Verissimo.⁵⁶

Erico Veríssimo pode ser identificado como um narrador, ou seja, uma pessoa que narra eventos fictícios como se realmente tivessem ocorrido, e por outro lado é um romancista. Erico usa a ficção que se parece com a realidade, que é aquela com a qual o leitor busca identificar-se. Talvez aí resida seu sucesso editorial. O romance realista traz uma qualidade na ficção, e, embora a sociedade que a gerou e a reflete já não exista mais, no entanto, os homens de hoje ainda estão marcados pela herança dela. Otto Maria Carpeaux faz uma análise crítico-literária do escritor gaúcho:

⁵⁴ *Ib.*, p.16.

⁵⁵ AMADO, Jorge. *Erico Verissimo pelo mundo afora*. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*, p. 31.

⁵⁶ *Ib.*, p.34.

Realismo é uma síntese de romantismo e de naturalismo; e esta definição parece a melhor possível da arte do romancista Erico Verissimo. Naturalista, embora não no sentido de Zola, é sua invenção de um mundo de personagens, naturalista é a narração dos seus destinos; mas romântica é sua procura da autenticidade de si mesmo e da autenticidade de cada uma de suas criaturas, romântica é sua procura da solidariedade de todos eles. Enfim, o realismo de Erico Verissimo oferece um honesto depoimento da verdade moral, que é a força vital dos seus romances.⁵⁷

Antonio Candido ao fazer um estudo da obra de Veríssimo assinala:

Por vários ângulos (sobretudo na primeira parte), Incidente em Antares recapitula satiricamente alguns livros anteriores, notadamente O Tempo e o Vento, numa espécie de paródia do romancista a si mesmo. E culmina com a visão dos vivos pelos mortos, de maneira a formar um cruzamento moral: os mortos se decompõem fisicamente e o seu mau cheiro sufoca a cidade; mas, do coreto da praça, desvendam uma realidade que faz os vivos parecerem mais decompostos que eles, com um mau cheiro e consciência pior que o deles... No mundo dos vivos estão os realmente mortos; os que aceitam tudo para garantir o próprio interesse e, no romance, estão à espera de um definitivo golpe salvador, que acabe com as greves e assegure as posições (o ano do incidente é 1963). Nas árvores, os jovens se solidarizam com os mortos, não com os vivos. E na atmosfera mágica do insólito, o bisturi finíssimo do Autor vai recortando em molde realista a figura da verdade, com a mesma coragem serena, o mesmo engajamento desencantado e firme, a mesma crença irônica e inabalável dos livros precedentes, que vieram marcando, de Trinta a Setenta, o caminho do humano, nunca demasiado humano.⁵⁸

Erico Veríssimo passou quase toda a sua vida policiado, tanto pelos ideólogos de direita, quanto pelos de esquerda. Estes não perdoavam sua visão de que a História é a história vivida, a das pessoas que vivenciam seu cotidiano através de milhares de escolhas, carregadas de contradições que não estão focadas na luta de classes, mas antes de tudo das paixões.⁵⁹ Daí sua busca de referências que associem arte, liberdade e compromisso social.

⁵⁷CARPEAUX, Otto Maria. *Erico Veríssimo e o público*. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*, p. 39.

⁵⁸CANDIDO, Antonio. *Erico Veríssimo de trinta a setenta*. In: CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*, p. 51.

⁵⁹BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Veríssimo*, p.28.

O escritor gaúcho acreditava que o repertório no “fato literário são pedaços de vida, que antes de serem a obra já estiveram em outras mãos, estão impregnadas da experiência humana e não devem ser traídos pelo escritor”.⁶⁰ Isso origina em Erico a noção de que a função da linguagem deva possuir uma fidelidade à imagem da vida que os homens fazem para poderem suportar a consciência da finitude e a angústia existencial que o nada suscita.

Há na obra literária de Erico uma preocupação em interar o evento histórico com a criação literária. Em uma de suas anotações, ele deixou assinalado: “a estória está implicitamente contida na História... Ninguém escapa da História por mais que corra do calendário e da geografia. Mesmo na história chamada alienada, a História estará sempre implícita”⁶¹. Para ele não se pode separar a perspectiva histórica do texto literário: “O trabalho literário pode ser fantástico ou realista, mas nunca será aistórico, pois a escolha do escritor estará radicada numa posição necessariamente existencial e datada”.⁶² O que demonstra que vida e arte caminham juntas.

A literatura, por outro lado, tem sua função formativa variada, pois depende do leitor, já que ele possui a liberdade absoluta, mesmo de fechar o livro por mais que ele seja excelente. No entanto, o escritor não possui a mesma liberdade. Para Erico, o romance para adquirir legitimidade, seu escritor deve convencer seu leitor de que acredita no que está narrando. Isso leva o criador da literatura a um compromisso ético, que não pode mentir a si mesmo, mesmo ao fingir.⁶³ O que transporta o autor para dois mundos, o do escrever e o do escrito, empenhado em ser verdadeiro. Erico afirmou a respeito disso:

No fundo, as histórias que escrevemos são verdadeiros monstros feitos de pedaços de recordações, de velhas experiências, influências de leituras, lembranças de pessoas e coisas

⁶⁰ Ib., p.33.

⁶¹ Ib., p.37.

⁶² Ib., p.38.

⁶³ Ib., p.50.

vistas. Tudo isto misturado dá o romance. É bem como na história de Frankenstein, o monstro acaba dominando e matando o seu criador.⁶⁴

Erico Veríssimo via que, para a criação, é necessária a memória, além da experiência, que fornece intuições imediatas. Na memória, são armazenadas as impressões e que sobem à superfície do ato criativo, também, por operações que ele não compreende. A grande preocupação do criador é que as experiências arquivadas fiquem distorcidas e permaneçam somente traços, o que explica a origem de suas ficções.

Mantendo-se fiel a estética realista, o escritor gaúcho valoriza dois aspectos para a existência do romance: a fábula e a personagem. Se é na História que o homem se dá a conhecer, entende-se por que Erico, um humanista convicto, não consegue conceber o romance senão em função da efabulação e da caracterização das personagens. Ele afirmou:

Ninguém pode falar de ninguém sem contar uma história. Nenhuma figura humana pode ser estudada em termos literários num vácuo, pois ela pertence a um tempo e a um espaço, tem um passado, vive um presente. É também um contínuo devir, um processo transitivo e não um produto acabado.⁶⁵

Para Erico, todo romance condiciona como elemento determinante, no processo criativo, a consecução da verossimilhança. Na visão de Maria da Gloria Bordini, a noção de verossimilhança de Erico:

equilibra-se precariamente entre a exigência de veridicidade, associada à subserviência ao modelo da vida e do tempo cronológico, e a de licença poética, em que o criador precisa manipular os elementos fabulares para convencer seu leitor de que o modo como os dispõe na obra é mais aceitável do que o que organiza a própria vivência objetiva. No primeiro

⁶⁴ Ib., p.51.

⁶⁵ Ib., p. 82

sentido de verossimilhança como reprodução sem alterações da verdade histórica, Erico se preocupa em fundamentar suas fábulas em documentação fidedigna.⁶⁶

Nesse sentido, há uma preocupação para não ferir os fatos, nem passar informações falsas ao leitor. Claro que essa noção de verossimilhança não deve ser confundida com a verdade, pois ela é mais motivação realista que tentar fazer o romance substituir a História. Pode também o criador realizar modificações na matéria retirada da experiência, desde que seja fiel à essência. Erico Veríssimo expressa a defesa do erro de verossimilhança:

Vários leitores leram o Incidente de lápis na mão, anotando ‘cochilos’ do autor. Muitos deles ocorreram, não nego. Mas a verdade é que assim como em poesia existe o que se chama ‘licença poética’ (quantas vezes o velho Camões usou!) em ficção existe o que se poderia chamar de ‘licença novelesca’. Exemplos? Na sua trilogia [sic] intitulada *José e seus irmãos*, Thomas Mann tomou a liberdade de fazer a história de José passar-se durante o reinado dum faraó que, segundo a História, só governou o Egito um século antes... ou depois, não me lembro exatamente, [...] Duas personagens de Somerset Maugham [...] acham-se num museu e, em certo trecho do diálogo, o autor precisa da ‘presença’, ali, dum determinado quadro famoso que, na realidade, se encontrava noutra museu, noutra cidade, noutra país. Ora, o nosso W.S.M. não teve dúvidas: trouxe o quadro para onde necessitava dele. E fez muito bem, porque o que importa é o fato essencial representado pela existência da tela e não a circunstância acidental de estar ela neste ou naquele museu.⁶⁷

Em decorrência da noção de que a verdade nem sempre é aceitável, sendo missão do criador cuidar antes da probabilidade, também o romance fantástico pode ser verossímil. A maneira de estabelecer a verossimilhança do gênero fantástico consiste, para Erico, em exagerar no uso de elementos que o senso comum considera como inaceitáveis:

O estratagema melhor é ainda o mais simples. Um conto ou romance em que tudo seja insólito, excepcional, sobrenatural não terá força para fazer o leitor aceitar todas as fantasias do escritor. Outra coisa importante é não tentar explicar o ‘impossível’, mas fazer o leitor aceitá-lo com naturalidade. Afinal de contas, a linha entre o real e o imaginário não

⁶⁶ Ib., p.84

⁶⁷ Ib., p.85.

é tão nítida como em geral imaginamos, particularmente nestes nossos dias, quando a ficção mais descabelada está empalidecendo quando comparada à realidade. [...] O romancista tem de conseguir dar credibilidade ao incrível. Para conseguir isso, não deve fazer demasiados apelos à capacidade de crer do leitor e ao mesmo tempo evitar o perigo de cair no puro grotesco. A operação é delicada como a de procurar atravessar um abismo numa frágil pinguela feita de palavras e imagens. Eis uma acrobacia que o escritor deve fazer de tal modo que o leitor não perceba em nenhum momento que ele está com medo da fragilidade da ponte ilusória ou do abismo.⁶⁸

Quando da elaboração de um romance, Erico sempre partia pela criação das personagens, para então criar a fábula. Ele parte para criar uma personagem como se estivesse no caos, repleto de lembranças, impressões, frustrações etc. Daí pode surgir uma fisionomia, uma voz, que permitirão ao autor criar um corpo para sua criatura. Essa criatura, por sua vez, ao longo do processo criativo vai criando independência. Na nomeação de suas personagens, Erico conta:

Achar nomes para personagens é um processo que sempre me tem trazido revelações divertidas. Em *Incidente em Antares*, eu procurava um nome para a preta—velha que faz a limpeza do gabinete do prefeito da cidade. O primeiro nome que o inconsciente me ofereceu foi Fortunata. [...] Folheando ao acaso o primeiro volume de *O tempo e o vento*, verifiquei com surpresa que Carl Winter tinha uma criada preta chamada Gregória. Quando em 1947 ‘batizei’ a escrava do Dr. Winter, não me dei pela coincidência do nome, mas estou certo de que em 1971 o meu inconsciente ‘lembrava-se’ de Gregória quando me soprou o nome de Fortunata. Desse modo, o prenome de uma personagem gera o prenome de outra, ambos sugeridos por uma personalidade histórica que não aflora à consciência naquele momento: no caso, Gregório Fortunato, o guarda-costas negro de Getúlio Vargas.⁶⁹

Importante ressaltar que uma personagem, na visão de Erico, só é válida se ela, além de interagir com o leitor, carregar em si a imagem da realidade da qual é oriunda. Já no tocante ao tempo e espaço, o autor gaúcho cria uma moldura que situa a história. Na criação da dimensão temporal da narrativa, o tempo para Erico é quase sempre a sucessão de eventos concretos, todavia, ele não age como um historiador, pois não se pauta pela rigidez das datas, mas pelo

⁶⁸ *Ib.*, p.86.

⁶⁹ *Ib.*, p.88.

tempo guardado na memória. Muito embora, utilizasse a pesquisa de fontes históricas, o que fazia nas coleções do jornal O Correio do Povo, de Porto Alegre (RS), Erico confessa:

Sou fraco em matéria de pesquisas de qualquer natureza. [...] Um romancista é antes de tudo um intuitivo. [...] É muito perigoso para o romance quando o autor sabe coisas demais sobre uma região ou uma época histórica. Sua tendência é usar tudo que sabe, isto é, atravancar as páginas do romance com móveis e utensílios, etc. Não tenho qualidades de historiador. O aparecimento eventual de vultos e fatos históricos em meus romances vale como um selo de autenticidade para as minhas ficções. Marcam a época com seus dramas ou comédias políticas.⁷⁰

Quanto ao espaço narrativo, Erico tem a mesma posição quanto à caracterização das personagens:

Ao cabo de mais de quatro decênios de exercício da literatura venho descobrindo, mais lenta e relutantemente do que devia, a inanidade de certas descrições, a inutilidade de fazer retratos humanos verbais, pintar paisagens com palavras jogos pueris que podem divertir quem os pratica mas que não têm quase nenhum valor objetivo para o leitor. Reconheço, no entanto, que reincido a cada passo nesse vezo ou vício.⁷¹

Desse modo, esse espaço não é recheado de lugares e objetos, pois visa fornecer ao leitor elementos para despertar sua imaginação e ele próprio reconstruir o ambiente proposto pelo autor.

2.1 – Panorama histórico - literário do livro ‘Incidente em Antares’ de Erico Veríssimo

2.1.1 - Contextualização histórica: do Estado Novo ao Regime Militar

Do Estado Novo à redemocratização (1937- 1955)

⁷⁰ Ib., p.94.

⁷¹ Ib., p.95.

No dia 10 de novembro de 1937, o presidente Getúlio Vargas, ao anunciar em cadeia de rádio o Estado Novo, iniciava um período de ditadura na história do Brasil. O motivo para o golpe foi a alegativa de existir um plano comunista para a tomada do poder (Plano Cohen). Alicerçado nesta tese, Getúlio Vargas, articulado com os militares e apoiado pela população, que antes havia sido bombardeada com propaganda anticomunista, fechou o Congresso Nacional e impôs ao país uma nova constituição, que ficaria conhecida, depois, como "Polaca", por ter se inspirado na constituição da Polônia, de tendência fascista.

O governo impôs a censura aos meios de comunicação, reprimiu a atividade política, perseguiu e prendeu inimigos políticos, adotou medidas econômicas nacionalizantes, e deu continuidade à sua política trabalhista, com a criação da Consolidação das Leis do Trabalho-CLT, em 1943. O principal acontecimento na política externa foi o desenvolvimento da 2ª Guerra Mundial (1939-1945), responsável pela grande contradição do governo Vargas, que dependia economicamente dos EUA e possuía uma política semelhante à alemã. Em 1942, o governo brasileiro rompeu relações diplomáticas com as potências do Eixo e entrou na guerra ao lado dos EUA.

A derrota do nazi-fascismo contribuiu decisivamente para o fim do Estado Novo. Com o fim da guerra, o anseio pela democracia começou a se alastrar pela sociedade brasileira, já que tendo contribuído com soldados para libertar os países europeus de regimes fascistas, chegava à conclusão de ser incoerente ter um regime aqui semelhante ao que ela havia combatido fora. No entanto, partidários de Vargas desencadearam uma campanha, chamada de 'queremismo', para que ele permanecesse no poder. Os militares, sentindo os reclamos da sociedade, sob a liderança do general Góis Monteiro, depuseram Getúlio Vargas, em 29 de outubro de 1945.

Foi realizada uma Assembléia Constituinte que elaborou, em 1946, uma constituição que embora contivesse pontos democráticos, pouco avançou nos aspectos sociais. O presidente eleito na redemocratização do país, Eurico Gaspar Dutra, aliado da política americana, restringiu as atividades sindicais e fechou o Partido Comunista Brasileiro — PCB.

Ao findar o governo Dutra, Getúlio Vargas é eleito presidente, em 1951, e desencadeia uma política trabalhista permeada de populismo. O seu suicídio, em 1954, deu cabo do populismo getulista diante de poderosas forças políticas conservadoras, aliadas ao imperialismo norte-americano.

Em termos econômicos, a era getulista foi marcada por um nacionalismo acentuado, que movia mobilizações populares como a campanha encetada pela defesa do monopólio estatal do petróleo.

Governo Juscelino Kubitschek-JK (1956-1961)

Foi um período em que foi dada ênfase ao desenvolvimento econômico. Para tanto, o governo JK criou o seu famoso Plano de Metas (energia, transporte, alimentação, indústria de base, educação e construção de Brasília), tendo o Estado como coordenador dessa tarefa. Os recursos captados no exterior para a execução desse plano fizeram crescer escandalosamente a dívida externa, e, num menor grau, a inflação.

Novos investimentos públicos são realizados na infra-estrutura (construção de estradas, barragens, novas siderúrgicas). O governo atrai o capital estrangeiro para a implantação da indústria automobilística. Uma nova capital foi construída no cerrado brasileiro, Brasília, síntese do seu programa desenvolvimentista.

Os custos sociais também cresceram, pois a inflação, decorrente das constantes emissões de papel-moeda, desvalorizava o dinheiro e os salários, aumentando o custo de vida. Grandes levadas migratórias internas ocorreram, principalmente, aquelas formadas por nordestinos, em busca de melhores condições de vida no centro-sul do Brasil, gerando favelas nas periferias dos centros urbanos.

A oposição começava a ganhar força diante do agravamento econômico e pela imagem de corrupção que pairava nos gastos na construção da capital federal.

Governo Jânio da Silva Quadros (1961)

Apoiado numa campanha moralista, que empregava como símbolo uma vassoura para acabar com a corrupção no país, Jânio Quadros, apoiado pelo partido UDN (União Democrática Nacional) elegeu-se presidente para o período 1961-1965, por larga margem de votos sobre o candidato marechal Lott, do PSD (Partido Social Democrático). No entanto, Jânio renunciou ao posto de mandatário em agosto de 1961, alegando que forças ocultas o impediam de governar o país.

Governo João Goulart (1961-1964)

Com a renúncia de Jânio Quadros, em 1961, o vice-presidente João Goulart, que pertencia ao PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), deveria assumir o cargo, mas os ministros militares opuseram-se, gerando uma crise institucional e militar. Estando o país dividido e com parte do exército exigindo o respeito à constituição e a posse de Goulart, foi adotado um ato adicional à

Constituição do Brasil, então vigente, estabelecendo o parlamentarismo no país (através de um plebiscito, em 1963, retornou o Brasil ao regime presidencialista). Desde a posse de João Goulart (1961-1964), se instala uma crise política no país que, através de um processo, irá culminar com o golpe militar de 1964.

O governo de João Goulart deu uma ênfase acentuada às organizações sociais, tais como a classe estudantil, organismos populares e aos trabalhadores, gerando apreensões das classes conservadoras, que assim perdiam espaço. O período de 1963 a março de 1964 foi marcado por grandes disputas ideológicas entre setores da direita e da esquerda. A elite temia que o Brasil se tornasse um país socialista, o que era também motivo de preocupação dos Estados Unidos – o de ter uma outra nação com conotações comunistas, dentro de sua zona de influência; pois, na época, se vivia o auge do antagonismo em relação aos países comunistas, a denominada ‘Guerra Fria’.

A União Democrática Nacional (UDN) e o Partido Social Democrático (PSD) proclamavam que Jango planejava um golpe de esquerda e era o responsável pelo desabastecimento e pela inflação que atormentavam o povo brasileiro. Por sua vez, a esquerda pressionava o governo para implantar a Reforma Agrária e as Reformas de Base, que objetivavam mudar radicalmente as estruturas agrária, econômica e educacional do país, considerando-as imperativas para o desenvolvimento do país.

A partir de julho de 1963, o Plano Trienal é descartado e o governo começa a se guiar pela implantação das Reformas de Base. Em setembro daquele ano, ocorre a revolta dos sargentos, que adiciona mais um componente à crise, o militar, pois, tendo Goulart apoiado a revolta, os setores militares tornaram-se sumamente descontentes pela quebra da hierarquia. Greves ocorrem em várias partes do país e, quando o presidente se recusa a aprovar o Estado de Sítio, em outubro de 1963, fica isolado politicamente. A radicalização da política populista de integração política e econômica das massas urbanas (e também rurais) é a resposta à ascensão do movimento popular.

No dia 13 de março de 1964, o presidente João Goulart promove um grande comício na Central do Brasil, no Rio de Janeiro, onde defende as reformas de base. Nesse mesmo discurso, Goulart critica a “indústria do anticomunismo” e a utilização de símbolos religiosos como instrumentos políticos de oposição a seu governo.

O inolvidável Papa João XXIII é que nos ensina, povo brasileiro, que a dignidade da pessoa humana exige... o direito e o uso dos bens da terra, ao qual corresponde a obrigação fundamental de conceder uma propriedade para todos ... O cristianismo nunca foi o escudo para os privilégios... nem ... os rosários podem ser levantados contra a vontade do povo e as suas aspirações mais legítimas... Os rosários não podem ser erguidos contra aqueles que reclamam a discriminação da propriedade da terra, hoje ainda em mãos de tão poucos, de tão pequena maioria.⁷²

O comentário provocou uma verdadeira faísca, àquela altura dos acontecimentos, e, dentro dos critérios da “indústria do anticomunismo”, foi considerado ofensivo aos valores cristãos e como declaração explícita da intenção de levar adiante as reformas (agrária, bancária, eleitoral, universitária, urbana), mesmo que isso afrontasse a legalidade constitucional. O empresariado, em conjunto com setores da imprensa e da classe média, assustado com a possibilidade do país se tornar comunista, recorre à Igreja Católica para empreender marchas em defesa da família e da propriedade e, ainda, contra as ameaças do comunismo.

A Marcha da Família, realizada, no dia 19, em São Paulo, com a participação de quinhentas mil pessoas, foi uma resposta direta ao 13 de março de 1964, partindo de setores políticos conservadores (contra o “caos”) e católicos (a favor do “rosário”). As entidades femininas, as associações religiosas e as organizações do patronato em conjunto, organizaram o movimento. “A mudança do nome – de ‘Marcha do Desagravo ao Santo Rosário’ para ‘Marcha da Família com Deus pela Liberdade’ – não resultou apenas da sugestão de uma deputada udenista, a

⁷² Trecho do discurso em que Goulart referia-se, provavelmente à maneira como as mineiras da Liga da Mulher pela Democracia’ (LIMDE), que de terços nas mãos, haviam impedido Leonel Brizola (então governador do Rio Grande do Sul e cunhado do presidente Goulart) de discursar pelas reformas de base; in CODATO, Adriano Nervo, OLIVEIRA, Marcus Roberto. *A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964*. Revista Brasileira de História. São Paulo: v.24, n.47, p.278.

fim de incentivar ‘a participação de todos os credos’, mas significou a perda, por parte dos setores apenas católicos, do controle exclusivo do movimento.⁷³

Em vários estados da federação, foram igualmente realizadas marchas. Esses movimentos instavam as Forças armadas a derrubar o governo Goulart. Isso deu partida ao levante militar, em 31 de março de 1964, e que, no dia seguinte, derrubaria Goulart. A queda do governo João Goulart representou o encerramento da experiência da democracia populista, cujas raízes estão na Revolução de 1930 e na era de Vargas.

Em 9 de abril de 1964, os militares editam o Ato Institucional Número 1 (AI-1), cassando mandatos políticos de opositores ao regime militar. De 1964 a 1985, o país viveria o período que se denominou Ditadura Militar, caracterizado pela falta de democracia, supressão de direitos constitucionais, censura, perseguição política e repressão aos opositores do regime militar. Para dar uma aparência democrática, os militares impõem ao Congresso Nacional a eleição de uma série de presidentes militares.

Governo Castello Branco (1964-1967)

O primeiro presidente do regime militar foi o general Humberto de Alencar Castello Branco, eleito pelo Congresso Nacional, em 15 de abril de 1964. Ele empreende uma gestão autoritária: estabelece eleições indiretas para presidente, extingue os partidos políticos, com cassações de parlamentares federais e estaduais, cancela as garantias constitucionais e os direitos políticos, intervém nos sindicatos e institui o bipartidarismo com dois partidos autorizados: Movimento Democrático Brasileiro (MDB) de oposição controlada, e a Aliança Renovadora Nacional (ARENA), governista. O governo militar impõe, em janeiro de 1967, uma nova Constituição, na qual institucionaliza o regime militar.

⁷³ Ib., p.296

Governo Costa e Silva (1967-1969)

Em 1967, assume a presidência o general Arthur da Costa e Silva, que sofreria protestos e manifestações sociais, e aumento da oposição ao regime militar. A UNE (União Nacional dos Estudantes) realiza, no Rio de Janeiro, a Passeata dos Cem Mil. Greves são desencadeadas nas fabricas paulistas e mineiras.

A guerrilha urbana aparece na realidade brasileira, formada por jovens de esquerda que assaltam bancos e seqüestram embaixadores para obter fundos para o movimento de oposição armada. No dia 13 de dezembro de 1968, o governo decreta o Ato Institucional Número 5 (AI-5), que era mais repressivo que os anteriores: suspensão das garantias constitucionais de vitaliciedade, inamovibilidade e estabilidade da magistratura; suspensão do habeas corpus e atribuição ao presidente do poder de intervir nos Estados e municípios, cassar mandatos, suspender direitos políticos por 10 anos etc. Pelo Ato Complementar nº 38, foi decretado, também, o recesso do Congresso Nacional, por tempo indeterminado.

Governo da Junta Militar (31/8/1969-30/10/1969)

Acometido de uma trombose, Costa e Silva foi substituído, no Governo, em agosto de 1969, por uma junta militar formada pelo brigadeiro Márcio de Souza e Melo, pelo almirante Augusto Rademaker, e pelo general Aurélio Lira Tavares, enquanto se processava a escolha, também pela via indireta, do seu sucessor. Em outubro, reaberto o Congresso, o general Emílio Garrastazu Médici foi indicado presidente da República.

Governo Médici (1969-1974)

Escolhido pela Junta Militar, em 1969, para ser o novo presidente da República, o general Emílio Garrastazu Médici governaria o país de maneira mais dura que seus antecessores; daí seu período governamental ser chamado de ‘anos de chumbo’. Seu governo foi caracterizado por: aumento da repressão à luta armada e da censura aos meios de comunicação e às formas de expressão artística; crescimento da tortura aos presos políticos pelo DOI-Codi (Destacamento de Operações e Informações e Centro de Operações de Defesa Interna) e combate à guerrilha rural, principalmente nas margens do rio Araguaia.

Na parte econômica, foi um período (1969 a 1973) de crescimento econômico, chamado de Milagre Econômico, quando o PIB (Produto Interno Bruto) obteve taxas de 12 % ao ano, e inflação de 18% ao ano. Esse desenvolvimento foi conseguido através de empréstimos que gerariam igualmente um crescimento enorme da dívida externa brasileira.

Governo Geisel (1974-1979)

Em 1974, quando o país enfrentava problemas em sua economia e insatisfação popular, o general Ernesto Geisel assume a presidência e inicia uma lenta e gradual transição, rumo à democracia. Com isso, ele sofre resistências junto aos militares ligados à repressão. A crise militar se instala quando, em 1975, o jornalista Vladimir Herzog é assassinado no DOI-Codi, em São Paulo, e, em janeiro de 1976, o operário Manuel Fiel Filho aparece morto em situação semelhante. Geisel intervém nos comandos militares e, em 1978, extingue o AI-5, restaurando o habeas corpus.

Governo Figueiredo (1979-1985)

Assume, em 1979, o último presidente militar, general João Batista Figueiredo, que promulga a Lei da Anistia. No seu governo, militares de linha dura continuaram a reprimir os

opositores de forma clandestina. Ocorreram atentados, como: cartas-bomba colocadas em órgãos da imprensa e da OAB (Ordem dos advogados do Brasil) e bomba durante um show, no centro de convenções do Rio Centro.

Em 1979, é restabelecido no Brasil o pluripartidarismo, surgindo novos partidos, entre eles, o Partido dos Trabalhadores (PT). No dia 15 de janeiro de 1985, o Colégio Eleitoral escolheria o deputado Tancredo Neves, para ser o novo presidente. Findava-se o regime militar. Em 1988, é aprovada uma nova constituição para o Brasil, restabelecendo os princípios democráticos no país.

2.1.2 - Contextualização literária

No Brasil, o termo ‘modernismo’ identifica o movimento desencadeado a partir da Semana de Arte Moderna de 1922, que rompeu com padrões rígidos e buscou uma forma criativa para as artes e a literatura. Com respeito à literatura, uma das principais inovações se deu na abordagem de temas do cotidiano, focados na realidade brasileira e nos problemas sociais. O texto deixa de ser pautado por uma linguagem culta, passando a utilizar a linguagem coloquial utilizada pelo povo, com o emprego de gírias.

O modernismo vive uma segunda fase (1930-1945), quando é lançado *Alguma Poesia*, de Carlos Drummond de Andrade. Há uma ênfase maior para temas sociais e o regionalismo ganha força na exploração de seus temas. Destacam-se nesta fase: Rachel de Queiroz, de *O Quinze*; Graciliano Ramos, de *Vidas Secas*; Jorge Amado, de *Capitães da Areia*; José Américo de Almeida, de *A Bagaceira*; e José Lins do Rego, de *Menino de Engenho*. São também dessa fase, os romances de introspecção psicológica urbanos, como *Caminhos Cruzados*, de Erico Verissimo.

Numa linha mais intimista, estão poetas como Cecília Meireles, autora de *Vaga Música*; Vinicius de Moraes, de *Poemas, Sonetos e Saladas*; Augusto Frederico Schmidt, de *Desaparição da Amada*; e Henriqueta Lisboa, de *A Face Lívida*. O regionalismo, durante essa fase, não é aquele utópico e idealizado, externado no romantismo, mas sim um regionalismo crítico, solidário, e comprometido com as dificuldades vivenciadas pela região e por seu povo. Erico Verissimo é o representante gaúcho do regionalismo modernista, em sua segunda fase.

Tendo um estilo simples e uma linguagem coloquial, Erico se tornou, ao lado de Jorge Amado, um dos escritores mais populares de nossa literatura. Trabalhando temas tanto cotidianos como universais, produziu uma imensa bibliografia, onde retrata, entre inúmeros tipos humanos, o gaúcho. O ser humano apresentado por Erico, sempre mostra seu lado psicológico, bem como, o autor sempre deu sua visão sociológica de seus personagens. Ora, isso leva seus leitores a se encontrarem nos tipos humanos elaborados pelo autor gaúcho.

Conhecer algumas personagens de Erico Verissimo amplia nossa compreensão de nós mesmos, ou, ainda, da própria condição humana, no que ela apresenta de melhor e de pior, de pessoal e de universal, de terreno e de espiritual.

Os romances de Erico Verissimo geralmente são classificados da seguinte forma:

- primeira fase: romances urbanos, intimistas ou psicológicos (de 1933 a 1942);
- segunda fase: romances histórico-regionalistas (de 1948 a 1961);
- terceira fase: romances políticos (1965 em diante).

Além da grande quantidade de romances, Erico ainda escreveu contos, impressões de viagens, memórias e literatura infantil.

2.2 — Análise literária

Incidente em Antares recebeu inúmeras adjetivações para identificá-lo: romance de terror, de costumes, picaresco, tragicomédia, gótico etc. No entanto, por suas preocupações sócio-políticas, os críticos, em sua maioria, qualificam-no de romance político que assume a feição de uma sátira.⁷⁴

A sátira consiste numa maneira literária de tecer crítica às instituições ou pessoas, na censura a males da sociedade ou dos indivíduos. Ela vive próxima do humor e pressupõe uma atitude ofensiva, mesmo que dissimulada. Um dos modos de Erico Verissimo atacar e fazer rir, nesta sua obra, é o de expressar idéias com exagero, com hipérbole. Isso pode ser detectado na linguagem empregada pelos caudilhos antarenses, como o Cel. Vacariano:

“— Pois eu já não confio nos bispos. . . — retrucou Vacariano. — Nem no Papa. Estão todos a soldo de Moscou!” (p. 221).

“— Eu já preveni a Lanja, os meus filhos e o meu médico. Se um dia, por desgraça, eu precisar duma transfusão, não quero que me metam nas veias sangue de negro, nem de judeu ou de comunista” (p. 103).

A ironia é um dos recursos empregados por Erico com maior freqüência para ridicularizar os portadores de idéias retrógradas. Podemos vê-la quando o torturador Delegado Inocêncio Pigarço, discutindo com o padre Pedro-Paulo sobre o retorno escatológico de Jesus ouve do sacerdote:

⁷⁴ FURLAN, Oswaldo Antonio. *Estética e Crítica Social em "Incidente em Antares"*, p.55.

“— Suponhamos que Jesus Cristo tenha mesmo voltado... Delegado Pigarço, não seria prudente mandar seus investigadores procurar o Filho do Homem? Olhe que esse indivíduo é perigoso. . um subversivo socializante, um terrorista com antecedentes criminosos, com uma ficha negríssima no DOPS de Pôncio Pilatos. Lembre-se do que ele andou dizendo e fazendo contra o grande Estabelecimento Romano...”

Inocêncio pôe-se de pé, a cara contraída. Mas o jovem padre prossegue:

— Prenda Jesus, delegado, prenda-o o quanto antes! Interrogue-o. Faça-o confessar tudo, dizer o nome de todos os seus discípulos e cúmplices. . . Se ele não falar, torture-o em nome da Civilização Cristã Ocidental (p. 320-321).

O escritor gaúcho em *Incidente em Antares* deixa o leitor impressionado com a desumanidade da opressão e do uso da violência, mostrando com realismo e dramaticidade os eventos de tortura, como numa cena cinematográfica. Por outro lado, o emprego de elementos míticos e fantásticos evidencia a vontade do autor em enfatizar a intangibilidade do direito humano à liberdade, à justiça e à verdade, como também de mostrar os sentimentos de repulsa humana à escravidão, à injustiça e à falsidade.

Mikhail Bakhtin tem uma teoria para se discernir a gênese de um romance político. Para tanto, a linguagem parece a mais adequada, uma vez que, para esse estudioso:

A palavra é a mediação material através da qual as pessoas interagem na sociedade e será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais. Por ser o fenômeno ideológico por excelência, já que manifesta a consciência interior e a põe em comunicação com o mundo, o discurso, também no texto literário, se toma o veículo das tensões sociopolíticas, porque é o encontro de diferentes posicionamentos sociais mediados pela palavra.⁷⁵

Para Bakhtin, a linguagem encerra uma visão de mundo, como uma opinião concreta. Assim, cada grupo social pensa de forma diferente, tem uma concepção de mundo diferente, que vai se manifestar na linguagem, pois este é o local onde acontecem os conflitos sociais. Para ele, a

75 SILVA, Márcia Ivana de Lima. A gênese de *Incidente em Antares*, p.20.

realidade não se divide em setores, como, por exemplo, economia, política, cultura, etc. Deve ser pensada como um todo pela linguagem, pois a palavra é a realidade: “não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial”.⁷⁶

Desse modo, Erico ao assumir uma seleção lingüística, ele manifesta sua consciência individual, sua visão de mundo, seu posicionamento ideológico, como também o dos outros membros do corpo social a que pertence.

O fato de Erico usar uma cidade imaginária dá ao drama humano um caráter universal. Por outro lado, o autor ao denominar a cidade por Antares, que significa “contra a guerra”, e como a condenação da violência e do poder arbitrário é a tônica do romance, pode-se dizer que, já desde o título, o romance é um libelo contra tudo aquilo que fere a dignidade humana em qualquer nível, seja ideológico, político ou físico.

2.2.1 - Biografia sintética de Erico Verissimo (1905-1975)

Erico Lopes Verissimo nasceu no município de Cruz Alta, região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, distante 336 km de Porto Alegre, no dia 17 de dezembro de 1905, filho de Sebastião Verissimo da Fonseca e Abegahy Lopes Verissimo.

Sua família fora rica, mas, já no princípio do século 20, havia arruinado. Seu pai era proprietário da Farmácia Brasileira, que se tornou um local em que Erico passava suas horas livres na infância.

⁷⁶ Ib., p.44.

Começou a estudar em 1912 e, aos 13 anos, já lia autores nacionais, como Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Joaquim Manoel de Macedo, Afrânio Peixoto e Afonso Arinos. Eles eram encontrados na biblioteca paterna, que lhe deu oportunidade de também tomar contato com as melhores obras francesas e de língua inglesa.

Quando em Cruz Alta grassou a gripe espanhola, as aulas na escola ficaram suspensas, o que permitiu ao garoto dedicar-se à leitura de autores estrangeiros, como Walter Scott, Tolstói, Eça de Queiroz, Émile Zola e Dostoievski.

Em 1920, vai estudar como interno em uma escola protestante em Porto Alegre, no Colégio Cruzeiro do Sul. Em 1922, com a separação de seus pais, motivada pelas infidelidades matrimoniais paterna, muda-se com a mãe, o irmão Ênio e a filha adotiva do casal, Maria, para a casa da avó materna. Erico precisou, aos 18 anos, abandonar os estudos para trabalhar como balconista no armazém de secos e molhados do tio Americano Lopes. Essas dificuldades não o abateram e começa a fazer traduções de trechos de escritores ingleses e franceses e a escrever, escondido, seus primeiros textos. Vai trabalhar no Banco Nacional do Comércio.

Em 1924, a família da mãe muda-se para Porto Alegre, a fim de que seu irmão, Ênio, faça o ginásio no Colégio Cruzeiro do Sul. No entanto, Erico, por problemas de saúde, perde o emprego que havia conseguido na matriz do Banco do Comércio. Devido aos insucessos, a família resolve voltar para Cruz Alta, e Erico volta a trabalhar no Banco do Comércio, de Cruz Alta, como chefe da Carteira de Descontos, em 1925.

Recebendo proposta de um amigo de seu pai, Lotário Muller, se torna sócio da Pharmacia Central, naquela cidade, em 1926. Aliando seu trabalho na farmácia, começa a lecionar aulas particulares de literatura e inglês, e a namorar sua vizinha, Mafalda Halfen Volpe, de 15 anos.

Em 1929, publica no mensário “Cruz Alta em Revista”, “Chico: um conto de Natal”. A Revista do Globo, em Porto Alegre, publica seus contos “Ladrão de gado” e “A tragédia dum homem gordo”. O suplemento literário “Correio do Povo” publica seu conto “A lâmpada mágica”.

Como sua farmácia faliu, em 1930, o autor muda-se para Porto Alegre disposto a viver de seus escritos. Conhece escritores já renomados, como Mario Quintana, Augusto Meyer, Guilhermino César e outros. No final do ano, é contratado para ocupar o cargo de secretário de redação da “Revista do Globo”.

Em 1931, casa-se, em Cruz Alta, com Mafalda Halfen Volpe. Lança sua primeira tradução, “O sineiro”, de Edgar Wallace, pela Seção Editora da Livraria do Globo. Em 1932, torna-se diretor da “Revista do Globo”. Publica sua obra de estréia, “Fantoches”, coletânea de histórias. Em 1935, lança seu primeiro romance, “Clarissa”, seguido de “Música ao longe”, agraciado com o Prêmio Machado de Assis, “Caminhos cruzados”, Prêmio Fundação Graça Aranha; “Música ao longe” e “A vida de Joana d’Arc”. Em 1936, publica seu primeiro livro infantil, “As aventuras do avião vermelho”. Lança, também, “Um lugar ao sol”. É eleito presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa.

Lança, em 1938, um de seus maiores sucessos, “Olhai os lírios do campo”. Passa três meses nos Estados Unidos, a convite do Departamento de Estado americano, em 1941, proferindo conferências. As impressões dessa temporada estão em seu livro “Gato preto em campo de neve”. Em 1942, publica “O resto é silêncio”, e vai lecionar Literatura Brasileira na Universidade da Califórnia.

Retorna ao Brasil, onde, em 1946, publica “A volta do gato preto”, sobre sua vida nos Estados Unidos. Começa a escrever, em 1947, “O tempo e o vento”. “O continente”, primeiro

volume de “O tempo e o vento”, é finalmente publicado, em 1949. No ano de 1951, é lançado o segundo livro da trilogia “O tempo e o vento”: “O retrato”.

Convidado pelo governo brasileiro, toma posse, em 1953, na direção do Departamento de Assuntos Culturais da União Pan-Americana, na Secretaria da Organização dos Estados Americanos, em Washington, E.U.A.

De volta ao Brasil, em 1956, lança “Gente e bichos”, coleção de livros para crianças. Sua filha, Clarissa, casa-se com David Jaffe e vai morar nos Estados Unidos. “O arquipélago”, terceiro livro da trilogia “O tempo e o vento”, começa a ser escrito em 1958.

Em 1961, sofre o primeiro infarto do miocárdio. Publicam-se os primeiros tomos de “O arquipélago”. Em 1962, sai o terceiro tomo de “O Arquipélago”, concluindo o projeto de “O tempo e o vento”. O volume é considerado uma obra-prima. Visita a França, a Itália e a Grécia.

Ganha o Prêmio Jabuti, da Câmara Brasileira de Livros, em 1965, com o livro “O senhor embaixador”. Em 1971, é editado o livro “Incidente em Antares”.

Em 1972, comemorando os 40 anos de lançamento de seu primeiro livro, relança “Fantoches”, e em 1973, edita o primeiro volume de suas memórias, sob o título de “Solo de clarineta”.

No dia 28 de novembro de 1975, Erico Veríssimo morre subitamente, deixando inacabada a segunda parte do segundo volume de suas memórias, além de esboços de um romance que se chamaria “A hora do sétimo anjo”.

Em 1976, “Solo de clarineta – Memória 2”, organizada por Flávio Loureiro Chaves, é lançado postumamente.

Em 1994, “Incidente em Antares”, adaptado por Charles Peixoto e Nelson Nadotti, com direção de Paulo José e constando de seu elenco Fernanda Montenegro e Paulo Betti, é apresentada pela Rede Globo.

Em 2003, morre Mafalda Verissimo, viúva do escritor.

2.2.2 - Resumo de ‘Incidente em Antares’

O romance de Erico Veríssimo, ‘Incidente em Antares’, está dividido em duas partes, Antares e o Incidente. Na primeira parte, o autor procura situar a cidade fictícia de Antares e descrever o progressivo acomodamento das duas famílias (os Campolargo e os Vacariano), que, de ferrenhas inimigas na política local, por ingerência da política nacional e pela ameaça comunista que se avizinha, se unem na defesa de suas oligarquias e interesses econômico-financeiros. Essa união se torna latente quando surge, na pacata cidade, uma classe operária que reivindica seus direitos, e que representa, para as famílias dominantes, o comunismo em ação em seu território.

Na segunda parte, o autor trata do "Incidente" que deu mote ao título do livro, que foi a greve dos coveiros. Quando, inesperadamente, morrem sete pessoas em Antares, incluindo a matriarca dos Campolargo, os coveiros, em greve, se negam a enterrar os mortos, constituindo-se, assim, num componente de pressão para que a pauta reivindicatória, proposta pelos operários em greve geral, fosse atendida pelos governantes e pela elite local.

Primeira parte: Antares

O livro começa traçando uma visão histórica de Antares, pequena cidade do Rio Grande do Sul, às margens do rio Uruguai, “na fronteira do Brasil com a Argentina”, onde, em 1963, numa sexta-feira, vive “um drama talvez inédito nos anais da espécie humana”.⁷⁷

Embora a cidade de Antares não conste nos mapas, existe documentação que atesta sua existência. Seus habitantes sempre protestam contra essa falta de atenção. Até o prefeito, vereadores e, mesmo o padre, já mantiveram contato com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística para que sanasse essa omissão, inutilmente.

O documento mais antigo, sobre a existência de Antares, se encontra no livro de Gaston Gontran, naturalista francês, *Voyage Pittoresque au Sud du Brésil* (1830-1831). De acordo com o relato de Gontran, passando ele por um local chamado de "Povinho da Caveira", e conversando com Francisco Vacariano, fazendeiro que lhe dava hospedagem e era proprietário daquelas terras, lhe mostrou, numa noite estrelada, a estrela Antares. “É um bonito nome para um povoado”, disse o fazendeiro.⁷⁸ O primitivo nome do povoado “Povinho da Caveira” será substituído por Antares, em 1853, quando é elevado à categoria de vila. Para muitos, entretanto, Antares significava “lugar das antas”.

O segundo documento, que se poderia chamar de pré-história de Antares, é uma carta do padre jesuíta Juan Bautista Otero, que narra seu trabalho pastoral naquelas terras, realizando casamentos e batizados com permissão do senhor Francisco Bacariano, pai de uma dezena de

⁷⁷ VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p.3.

⁷⁸ *Ib.*, p.6.

filhos naturais com várias índias e que não os batiza, nem os legitima. O sacerdote pergunta a Bacariano se ele não deseja casar-se e este menciona que vai se casar em Alegrete, com Angélica.

Os velhos livros da matriz atestam que, realmente, Francisco Vacariano se casou com Angélica, filha de um rico estancieiro, e tiveram sete descendentes, entre homens e mulheres. O primeiro filho se chama Antônio Maria.

No verão de 1860, Francisco Vacariano soube que um rico criador de gado, natural de Uruguaiana, Anacleto Campolargo, pretendia adquirir terras nas proximidades de Antares. Apesar dos esforços de Vacariano para que as transações não ocorressem, Campolargo compra as terras e manda construir uma grande casa de alvenaria na praça do Império, em Antares. Desde logo, criou-se um antagonismo entre os dois.

Antares era dominada pela família Vacariano desde seus primórdios, até surgir Anacleto Campolargo, criador de gado e homem de posses, que passa a disputar a hegemonia política com o pioneiro (Chico Vacariano). Em lutas pelo domínio daquela localidade, muitos descendentes de ambas as famílias foram abatidos, gerando uma rivalidade que durou “quase sete decênios, com períodos de maior ou menos intensidade”.⁷⁹

Nenhum dos dois demonstrava amar a Deus e muito menos ao vigário. Campolargo consegue o respeito dos moradores pelo ar paternal, pelo cultivo do murmúrio e por ser o único a enfrentar Vacariano, o "Chico Vaca", como é chamado, pelas costas, pelos desafetos. Vacariano é agressivo, autoritário, sem o menor tato.

Campolargo funda na vila o Partido Conservador e, Vacariano, sem perda de tempo, cria o Partido Liberal. Nas missas de domingos e dias santos, os conservadores sentam-se à direita do

⁷⁹ Ib., p.11.

altar-mor, e os liberais nos da esquerda. O vigário procurava em seus sermões não ventilar nenhuma palavra que pudesse, mesmo de leve, descontentar algum dos grupos. Essa política de neutralidade era impossível de ser aplicada ali. Quem chegasse na cidade tinha fatalmente de tomar partido por uma das duas facções.

Anacleto Campolargo consegue separar Antares de São Borja e elevá-la à categoria de cidade, no dia 15 de maio de 1878. Como esse era um dos projetos mais caros a Chico Vacariano, ele, com quase 80 anos, cai morto uma semana antes dos festejos da emancipação. Num gesto de cavalheiro, Anacleto transfere as festividades para dezembro daquele ano. E quando, em dezembro, a cidade preparava-se para festejar, eis que Anacleto morre picado por uma cobra jararaca.

Antares, em 1879, começa com chefes novos: Benjamin Campolargo que perdeu o olho, num combate corpo a corpo, na Guerra do Paraguai e Antão Vacariano, o maneta, cuja mão foi perdida em solo paraguaio. De vingança em vingança, Campolargos e Vacarianos vão se matando. Os Campolargos vão por algum tempo para a Argentina, retornando depois. Antão é assassinado e os novos líderes são: os inimigos, Benjamim Campolargo e Xisto Vacariano.

Com o passar dos anos, a cidade de Antares vai se inovando, graças ao progresso. O estudo passa a ser medida de prestígio, daí que, em meados da década de 20, vários membros dos Campolargos e Vacarianos partem para estudar em Porto Alegre. Formam-se advogados, médicos e engenheiros, mas poucos deles exercem tais profissões. Porém, o contato com a metrópole, faz eles retornarem a Antares com uma visão mais moderna e aberta.

Nessa época, a industrialização chega a Antares, acarretando progresso, tanto material, quanto intelectual. O telégrafo, o cinema, os jornais e revistas que vinham de fora, a estrada de

ferro e, depois de 1925, o rádio, contribuíram decisivamente para aproximar o mundo de Antares, ou vice-versa.

Getúlio Vargas, na época, deputado federal e cheio de prestígio em ambas as famílias dominantes de Antares, conseguiu estabelecer um acordo de paz entre as famílias Vacariano e Campolargo. Getúlio chama Xisto Vacariano e Benjamin Campolargo, então, chefes dos clãs e diz: *“Os amigos não de concordar que os tempos estão mudando. O mundo se encontra diante da porteira duma nova Era. Essas rivalidades entre maragatos e republicanos serão, um dia, coisas do passado. Precisamos pacificar definitivamente o Rio Grande para podermos enfrentar unidos o que vem por aí...”*⁸⁰

Com a morte dos dois velhos chefes das dinastias, agora apaziguados, assumem respectivamente, Zózimo Campolargo, casado com D. Quitéria (D. Quita) e Tibério Vacariano, casado com D. Briolanja (D. Lanja). Como Zózimo não possuía nenhuma vocação para liderar pessoas, a liderança da família Campolargo é assumida por D. Quita, “criatura enérgica e inteligente, senhora de razoáveis leituras, e até duma certa astúcia política”.⁸¹ Com o “tratado de paz”, engendrado por Getúlio, entre as duas famílias, criou-se uma grande amizade entre os casais das famílias, até então, beligerantes.

Com Getúlio Vargas, estabelecendo o Estado Novo no Brasil, Tibério Vacariano se muda para o Rio de Janeiro, onde se enriquece através de negociatas e corrupção. “Além de advocacia administrativa, ganhava dinheiro em transações imobiliárias e, ocasionalmente, no câmbio negro. A Segunda Guerra Mundial proporcionou-lhe oportunidades para bons negócios, uns lícitos, outros ilícitos. Habitara-se a viver de sócios, e para si mesmo. E, como tantos de seus pares, já

⁸⁰ Ib., p.35.

⁸¹ Ib., p.38.

possuía, num banco de Zurique, uma conta corrente numerada, cada vez mais gorda em dólares”.

82

Com a redemocratização do país, e com Getúlio Vargas no ostracismo, incompatibiliza-se com ele e retorna para Antares, onde cria uma indústria de óleos comestíveis com Mr. Chang Ling, a Cia. de Óleos Sol do Pampa. No lado afetivo, Tibério se envolve numa relação amorosa com a exuberante Cleo, que passa a ser sua amante.

Getúlio Vargas volta triunfante ao poder da república, em 1951. É um período cheio de crises políticas e que levam Getúlio ao suicídio: “Daqui só saio morto. Estou muito velho para ser desmoralizado e já não tenho razões para temer a morte” (p. 80). Esta fase conturbada da nação é acompanhada em Antares pelo jornal “A Verdade”. Lucas Faia, o jornalista, retrata em suas páginas os acontecimentos do país: o governo (cinquenta anos em cinco), de JK, a construção de Brasília, a industrialização do país. É por esta época, que morre Zózimo, no Rio, onde fora transportado em busca de cura de uma doença.

Novas eleições presidenciais. Jânio Quadros foi o candidato de Tibério Vacariano, mas com sua renúncia, além de trazer decepção a Tibério, trouxe um panorama de incertezas políticas para o Brasil. Com a posse do vice-presidente, Jango Goulart, inúmeras greves e agitações ocorreram e precipitaram o golpe militar em março de 1964.

Por essa época, o que perturba a calma da cidade foi a vinda de grupo de professores e alunos do Centro de Pesquisas Sociais, da Universidade do Rio Grande do Sul, sob a orientação do professor de sociologia Martim Francisco Terra, que pretendia coletar dados para sua obra *Anatomia duma Cidade Gaúcha de Fronteira*. Escolhe a comunidade de Ribeira, na verdade

⁸² Ib., p.48.

Antares, como objeto de estudo. Lucas Faia, do jornal "A Verdade", dedica páginas inteiras à chegada do grupo, apelidado pela cidade de gafanhotos, por virem "em bandos no verão, em tempo de seca e com um jeito de praga".

A idéia da pesquisa é saber que tipo de cidade é Antares, como vive sua população, seu nível econômico, cultural e social; seus hábitos, gostos, opiniões e crenças religiosas. Logo, surgem as mais variadas reações dos habitantes. Para uns, os comunistas tomam de assalto a cidade; para outros, são espões da CIA ou, ainda, espões do pessoal do imposto de renda.

Quando o estudo ficou pronto para ser publicado, ocorreu o movimento militar de 31 de março de 1964, em que os militares tomam o poder civil no Brasil e começa uma caça aos comunistas e a quem era denunciado como tal. O que era o caso do professor Martim Francisco, que foi acusado de ter feito palestras, havia dois anos, sob o título de Marxismo e Humanismo.

Apesar disso, o estudo foi publicado em livro, em 1965, e Antares revoltou-se com a imagem com que a cidade foi apresentada e a de seus personagens ilustres.

Segunda parte: o Incidente

Geminiano Ramos, o sindicalista, promove uma greve geral em Antares reivindicando melhoria salarial. Todas as atividades das indústrias Frigorífico Pan-Americano (de Mr. Jefferson Monroe III), Cia. Franco Brasileira de Lãs (de M. Jean François Duplessis), Cia. de Óleos Comestíveis Sol do Pampa (de Mr. Chang Ling) são paralisadas, e também a Usina Termo-elétrica Municipal, deixando a cidade às escuras.

Era o dia 11 de dezembro de 1963. Nessa mesma data, morre a matriarca D. Quitéria (enfarto do miocárdio) e mais seis outras pessoas: Dr. Cícero Branco (derrame cerebral),

advogado das falcatruas do Cel. Tibério e do Prefeito Vivaldino; o anarco-sindicalista José Ruiz, vulgo Barcelona; o “subversivo” João Paz, torturado pelo delegado Inocêncio: o maestro Menandro, que se suicidou cortando os punhos; o bêbado Pudim de Cachaça, envenenado pela mulher; e a prostituta Erotildes, que morreu vitimada pela tuberculose.

Com a greve geral, também os coveiros aderiram, ao impedirem os enterros, deixando insepultos os sete defuntos. Eis que acontece o fantástico: os defuntos saem de seus caixões e, liderados pelo Dr. Cícero, elaboram um plano para que as autoridades promovam seus sepultamentos: “ou nos enterram dentro do prazo máximo de vinte e quatro horas, ou nós ficaremos apodrecendo no coreto, o que será para Antares um enorme inconveniente do ponto de vista higiênico, estético... e moral, naturalmente”.⁸³

Caminham até o centro da cidade provocando o caos na cidade. D. Quitéria vê a briga de seus genros e filhas, pelas suas jóias; o Dr. Cícero surpreende a esposa em flagrante adultério com um rapaz; Barcelona afugenta os policiais e dá uma lição no delegado Inocêncio Pigarço; Menandro toca, enfim, a “Apassionata” de Beethoven; Erotildes visita a amiga Rosinha que a recebe, na sua humilde casa; Pudim de Cachaça se encontra com o amigo Alambique; Joãozinho Paz inicialmente conversa com o padre Pedro-Paulo, na praça, e depois tem um encontro com a esposa grávida (Ritinha).

O prefeito, diante do problema, procura reunir todas as pessoas influentes da localidade para tomarem medidas. Depois de intensas discussões, a proposta vencedora é de haver um diálogo com os mortos. O encontro se realiza na praça, ao meio dia. Com o público apinhado, até nas arvores, começa um verdadeiro julgamento dos vivos, onde os mortos revelam as falcatruas, as negociatas, os adultérios dos principais próceres da cidade.

⁸³ Ib., p.250.

Uma assembléia encerra a greve e os mortos são, enfim, enterrados. Quando a imprensa de Porto Alegre chega a Antares para documentar o fenômeno, o prefeito nega tudo e inventa outra estória: tudo fora um artifício para promover a cidade. Começava a “operação borracha”, com o intuito de ninguém falar sobre o acontecido, e caso alguém aborde, fazê-lo parecer sem credibilidade. Coroada de êxito, a “operação borracha” se encerra com um grande banquete em que a sociedade antarense, apaziguada pelo tempo, repõe as suas velhas máscaras.

Em março de 1964, a revolução militar se instala no poder e impõe os valores da sociedade capitalista, banindo os adeptos do credo socialista e comunista. Enquanto isso, em Antares, uns morrem (Cel. Tibério, Pe. Gerônimo); alguns são promovidos (delegado Inocêncio, o juiz Dr. Quintiliano); outros foram perseguidos pelo novo governo (Geminiano, Pe. Pedro-Paulo).

Na festa de Ano Novo, a cidade toda se diverte. O professor Libindo comenta com o prefeito que a “operação borracha” foi um sucesso.

2.2.3 - Caracterização da obra e análise dos personagens

Pode-se ver que a obra *Incidente em Antares* está dividida em duas partes. Na primeira (“Antares”), Erico procura passar para o leitor uma visão histórica da localidade, com suas duas famílias rivais, Campolargos e Vacarianos, que a dominam política e economicamente, por mais de cem anos. Revelando documentos e trechos de livros, o autor procura dar um ar de verdade à sua narrativa. Dessa forma, ele faz uma apresentação dos personagens, do palco onde vai se desenrolar a narrativa, do fantástico ‘incidente’ da sexta-feira, 13 de dezembro de 1963. Já a segunda parte, trata do incidente propriamente dito e suas conseqüências. Empregando o fantástico, como forma de expressão, Erico Veríssimo apresenta a decomposição social e moral da

sociedade humana, por meio de Antares. Com o intuito de ressaltar o caráter carnavalesco e ridículo da situação, Erico Verissimo satiriza comicamente pessoas e fatos.

Incidente em Antares é, sem dúvida, um romance; no entanto, a primeira parte, por mostrar sucessivos episódios, de forma linear, recorda a espécie literária denominada novela.

Quanto aos personagens da obra, eles podem ser subdivididos em grupos, de acordo com suas posturas e convicções políticas, pela sua visão da forma como a Igreja deve atuar no mundo, e pela sua condição social. Destacamos alguns grupos:

1) A elite dirigente – com posicionamento político, econômico e moral acentuadamente conservador, nela são enquadradas as duas famílias rivais (Vacarianos, clã chefiado pela postura autoritária e corrupta do coronel Tibério, e Campolargos) e todo um séqüito de pessoas que usufruem as benesses proporcionadas pelos dois clãs, fruto da corrupção e da podridão moral. Erico Verissimo, ao revelar essa decomposição da sociedade, acentua que seu odor pútrido é pior do que o proveniente dos cadáveres em decomposição.

2) D. Quitéria e Valentina – personagens femininas que, diferentemente das demais mulheres submissas da cidade, se revelam fortes no enfrentamento dos problemas. Valentina, mulher do Dr. Quintiliano, sofre influência de suas leituras e do padre Pedro-Paulo, e se rebela contra a dominação imposta por seu marido. D. Quitéria, com cerca de 70 anos, é o esteio moral da sociedade de Antares e pertence à oligarquia dos Campolargos. Participa, de forma autoritária e envolvente, dos movimentos da Igreja e da vida política local, sendo anticomunista ferrenha. Considera que quem tem fé em Deus e na sua Igreja ganha a eternidade.⁸⁴ Padre Gerônimo a considerava mãe dos pobres de Antares.

3) Pessoas de esquerda – defensoras do socialismo e taxadas de comunistas pela sociedade conservadora, lutam por uma sociedade mais justa. Destacam-se o professor Martim Francisco

⁸⁴ VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p.243.

Terra, Joãozinho Paz (o próprio nome expressa ser uma pessoa contra a violência e vive na esperança de um mundo melhor) com sua mulher (Ritinha), Geminiano Ramos, Barcelona, o anarco-sindicalista, e mesmo Xisto, neto do coronel Tibério. Joãozinho Paz é um dos personagens que mais evidencia a luta por um ideal e o papel de vítima que uma sociedade desumana e violenta acarreta. Em um de seus diálogos com o padre Pedro-Paulo, sobressai esta sua visão do transcendente:

“— [...] Eu quis acreditar em Deus e na vida eterna. Mas não posso. Nunca pude. Mas acredito nesta vida. E como! Tenho esperança num futuro melhor para nossa terra, para o mundo. Quero que meu filho nasça, cresça e viva para participar desse mundo.
— Isso é religião — disse-lhe eu baixinho [padre Pedro-Paulo]. — Você diz que não acredita em Deus, mas vejo que acredita em todos os Seus pseudônimos.⁸⁵

4) Excluídos – os componentes da ralé da sociedade antarense, que, na humildade, revelam ser portadores de grandeza. Destacam-se a prostituta Erotildes e o bêbado Pudim de Cachaça.

5) Sacerdotes – Padre Pedro-Paulo, com visão de uma Igreja pós Concílio Vaticano 2º, luta pela defesa da dignidade humana e na defesa dos pobres; contrapõe-se ao Padre Gerôncio, que vive voltado para sua postura de Igreja pré-conciliar e à parte dos problemas sociais, dedicando-se à espiritualidade e à elite dirigente.

Padre Gerôncio, pároco de Antares, de setenta e poucos anos, aparentando mais idade, é um escritor de ensaios biográficos sobre figuras históricas do Rio Grande do Sul, mas, segundo o professor Martim Francisco, que o entrevistou, e leu os mesmos, é “tudo muito ingênuo e convencional”.

Abordando a Igreja na atualidade do Concílio Vaticano II, padre Gerôncio fala, em sua entrevista ao professor Martim, que respeita e estima João XXIII, considerando-o um santo, mas crê que no seu pontificado a Igreja foi muito avançada nas suas reformas.

⁸⁵ Ib., p.292.

Padre Pedro-Paulo, com cerca de 30 anos de idade, reside na Vila Operária e “possui certos traços de beleza, perigosamente bonitos para um padre”, diz o professor Martim em sua obra chamada *Jornal de Antares*.⁸⁶ Ele se preocupa com a defesa dos mais pobres e participa ativamente de suas lutas, o que lhe acarreta problemas com as autoridades e as elites de Antares.

No entanto, ambos os sacerdotes revelam lados positivos e negativos em suas posturas eclesiológicas, sociais e morais.

A composição de grande parte das personagens obedece ao princípio “caricato” e, através de seus nomes, o autor desenha, ironicamente, a deformidade de certos traços de caráter e personalidade.

Interessante notar o emprego simbólico dos nomes das personagens, denotando suas características sociais, econômicas e morais: Vacarianos e Campolargos relacionam-se com as atividades pastoris do Rio Grande do Sul, vacas e cavalos. “Erotildes”, que é uma variação da palavra grega “Erotilde”, diminutivo de “Eros”, o deus do amor, denota a profissão de meretriz. “Joãozinho Paz” mostra, ironicamente, que uma pessoa oposta à violência é submetida injustamente à tortura e à morte na prisão. “Vivaldino Brazão”, salienta, na personalidade do prefeito, o mundo político que se baseia na esperteza, corrupção, tradição, e no uso, sem escrúpulos, dos bens públicos. “Inocência Pigarço”, mais uma ironia; “Inocência” (do latim *Innocentia* — pureza, candura, isenção de culpa), num delegado torturador, e “Pigarço”, equívoco de cor grisalha, ressalta a atuação da personagem na delegacia. “Beata” (do latim *beata* - devota, que vê em excesso), esposa de Inocência, contraditoriamente, não acredita nas atrocidades do esposo. “Pedro-Paulo”, o padre moderno, partidário da Teologia da Libertação, reverencia os apóstolos da Igreja, Pedro e Paulo, que sofreram o martírio em defesa de suas idéias e no amor aos excluídos, uma das bandeiras da Teologia da Libertação (anos 60-70), em propor uma Igreja

⁸⁶ *Ib.*, p.183

que se engajasse na opção preferencial pelos pobres e na denúncia profética das estruturas de opressão social na América Latina.

Opondo-se a essa visão moderna de Igreja, encontra-se o padre “Gerônimo” (do grego gero - velho), homem de idéias conservadoras e aliado das elites dominantes. “Alambique” e “Pudim de Cachaça” revelam as preferências éticas dessas personagens. “Cícero Branco” referência ao célebre orador e advogado romano Marco Túlio Cícero, que, com eloquência forense, combate a conspiração orquestrada por Catilina contra a República. O Cícero romano, através do pronunciamento das “Catilinas”, denuncia os conspiradores; Cícero Branco, fazendo-se de porta-voz dos mortos, e, empregando uma linguagem impregnada de retórica barroca, age como o romano, combatendo, em praça pública, a podridão e a moral vivida pela sociedade antarense.

Na verdade, tudo se passa como num baile de máscaras, onde a cidade de Antares vive o papel da sociedade brasileira, onde, a cada dia, se desvendam falcatruas e crimes morais perpetrados pelas elites dirigentes, e que, de tanto tirarem e colocarem as máscaras, se perde a noção de valores, ao ritmo de uma dança alucinante, em que desaparece até o ato de escandalizar-se.

2.2.4 - Breve contexto literário

Erico Verissimo se engaja nos problemas sociais quando já estava na maturidade. Ele possuía uma visão universalista e se preocupava com a dignidade do ser humano, dentro de uma sociedade que busca o lucro a qualquer preço. Neste sentido, Erico acentua em suas obras uma dimensão humana.

Quando da elaboração do romance Incidente em Antares, vivia-se em 1970, época profundamente marcada por uma repressão militar no Brasil, que já vinha desde a ditadura militar,

instaurada em 1964. Por outro lado, havia um ufanismo do povo pela conquista definitiva da taça Jules Rimet, sagrando-se o país tricampeão mundial de futebol. As pessoas, nesse período, estavam conscientes de que ocorriam prisões arbitrárias de opositores do regime militar, muitas vezes sofrendo torturas e até mortes. Com a vigência do Ato Institucional n.º. 5, o governo não devia prestar contas de seus atos a nenhuma instância. Greves eram proibidas, atentados atrozes aos direitos humanos eram cometidos pelos órgãos de segurança do governo. Tudo isso foi um cenário que Erico Verissimo vivenciou e quis que sua literatura fosse uma voz para externar a defesa do ser humano, sujeito às injustiças das ditaduras.

Com a censura política atuando em todos os meios de comunicação social, os intelectuais tinham que recorrer a estratagemas para ludibriá-la, empregando linguagem figurada para evitar a retenção e proibição de suas obras. Esse foi o caso de Erico, ao criar “Antares” (cidade das antas ou da estrela da Constelação de Escorpião), onde podia através das personagens tratar o momento que passava a história brasileira. Ao lançar o livro *Incidente em Antares*, Erico revelou numa entrevista:

Andava impressionado (e ainda ando) com a crescente dose de mentiras, fantasias e ‘empulhações’ de nossa vida cotidiana. [...] Todos somos cúmplices uns dos outros. [...] Um baile de máscaras, enfim! Claro, não há nenhuma novidade na idéia, ao contrário, isso já foi dito um bilhão de vezes em prosa e verso. Mas eu tinha em mil novecentos e sessenta e nove esboçado uma estória que se passava em Porto Alegre, e em que essa ‘dança com máscara’ ia aparecer. O título era *A hora do sétimo anjo*, que é uma frase do Apocalipse de São João. [...] Fiz o esquema com desenhos, bonecos, cada um com seu drama..., e com seus destinos cruzados. Estava bem adiantado no plano do livro quando vi um dia, numa revista estrangeira, uma fotografia que me impressionou pelo que continha de simbólico.

[A foto retratava uma greve de coveiros com os esquifes aguardando sepultamento]. Erico continua falando do incidente:

Pensei assim: ‘E se esses mortos resolvessem erguer-se e fazer greve contra os vivos?’. Achei que era um bom ponto de partida para um conto ou uma novelinha. Brinquei com a idéia por algumas horas, mas depois esqueci dela, dedicando-me inteiramente ao romance

que então escrevia, ‘A hora do sétimo anjo’. Achei que a coisa toda da fotografia poderia acabar sendo apenas uma anedota macabra.⁸⁷

Essa idéia de relegar ao esquecimento aquela foto de uma revista americana, que mostrava dez ou doze mortos aguardando sepultamento diante de um cemitério nova-iorquino por causa de uma greve de coveiros, não vingou. Erico já tinha a idéia de satirizar uma sociedade absurda desde os contos de Fantoches, mas, em 1970, ao passar por um cemitério de Porto Alegre, relembrou a fotografia. De imediato, rejeitara a idéia por achar inverossímil uma greve de coveiros no Brasil, e era o nosso país que pretendia abordar em sua nova obra. Erico conta, assim, a retomada do tema:

Dia oito de maio de mil novecentos e setenta. Andava caminhando com minha mulher pelas colinas do Alto Petrópolis quando a idéia me voltou com tanta força que comecei a trabalhar nela mentalmente. Mandeí meu ‘conselheiro’ para o diabo e, peripateticamente, fui esboçando a estória. Quando cheguei à esquina da Carlos Gomes com a Protásio Alves, o livro já estava estruturado. E o título me veio como que soprado pela brisa daquele belo outono.

Tentando resolver o problema dos grevistas-coveiros, sedimentou a idéia de realizar uma greve que envolvesse também os contingentes operários que trabalhavam nas indústrias da cidade de Antares. Erico complementa:

Meia hora depois, em casa, enfiei no fundo duma gaveta toda a papelada de *A hora do sétimo anjo* e comecei a trabalhar no *Incidente*.[...] a primeira coisa que fiz foi um desenho em cores da praça central da cidade, onde a parte mais dramática do romance se desenrola. Depois atendi as personagens ou, melhor, os candidatos a personagens que batiam à minha porta e pediam um lugarzinho no novo romance. A resposta era: ‘Entra e senta!’ ou então: ‘Não tem vaga!’.

No mês seguinte, Erico vai visitar a filha Clarissa nos Estados Unidos e, diante de sua sempre presente dificuldade de iniciar um romance, criou para si mesmo uma cilada, colocando

⁸⁷ BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Veríssimo*, p.156

uma mesinha perto de uma janela que dava para um local cheio de árvores, “botei papel na máquina (uma Royal vermelha igual a esta que tenho aqui no Brasil) e, por assim dizer, ‘me peguei de surpresa’. Assim, como quem não quer nada, comecei a escrever”, diz o escritor. Um ano mais tarde, estava pronto o romance.⁸⁸

Conclusão do capítulo

Foi estudado, dentro do objetivo de nosso estudo, como o ser humano, exposto em *Incidente em Antares*, apresenta sua forma de agir diante dos acontecimentos e suas posturas éticas e morais. Daí, poderemos, no último capítulo, discutir não a eclesiologia mais ‘certa’ do ponto de vista da Igreja que se pode detectar neste ser humano de Erico Verissimo, mas qual dessas eclesiologias apresentadas pode ajudar mais o ser humano, e por isso, vai ser a eclesiologia mais importante para a Igreja.

Nesse sentido, verificaremos como o mundo está lendo a Igreja e como o autor expressou essa leitura, pois os valores humanos lá contidos e sua compreensão de humano apresentada vai nos ajudar a compreender o Deus que nós acreditamos a partir da Revelação.

⁸⁸ Ib., p.158.

CAPITULO III

ANÁLISE TEOLÓGICA

3 – Análise teológica sobre o papel da Igreja na sociedade a partir de *Incidente em Antares*

Durante os acontecimentos narrados na segunda parte da obra de Erico Veríssimo, *Incidente em Antares*, realizava-se o Concílio Vaticano II, XXI Concílio Ecumênico da Igreja Católica, que foi aberto sob o papado de João XXIII, no dia 11 de outubro de 1962, e terminado sob o papado de Paulo VI, em 8 de dezembro de 1965. Nesse concílio, a Igreja procurava eliminar a resistência da teologia à modernidade e levava a Igreja a dialogar com o mundo.

O ser humano possui a tendência para se acomodar a uma situação existente, a permanecer numa posição e resistir às mudanças, pois elas o retiram de sua situação de conforto. Nesse sentido, o pior problema é não acompanhar a história, não ver o contexto em que se vive. Erico Veríssimo retrata essa postura na conversa entre as duas famílias que dominam Antares, evidenciando que a maior resistência às mudanças é proporcionada por aqueles que detêm privilégios, pois os ventos das mudanças lhe causam calafrios porque normalmente são acompanhados de alterações nos domínios desses privilégios. Zózimo conversa com sua mulher, D. Quitéria, e Tibério:

— Não. Eu quero que os homens da nossa... da nossa geração compreendam que seu tempo passou. . . que não podemos continuar olhando para trás... recordando as nossas cargas de cavalaria. . . Sepé Tiaraju. . . As “califórnias” do Chico Pedro... Bento Gonçalves... Tempos novos chegaram, estão sempre chegando... Pedem outra espécie de gente. . . gente capaz de ousar. . . de olhar para a frente, enxergar longe. . . homens com um pé no presente e outro no futuro.

O Cel. Vacariano voltou-se para a amiga:

— Estás de acordo com o teu marido?

Quitéria Campolargo encolheu os ombros num gesto de dúvida:

— Não sei. . . acho que um passado como o nosso não se bota fora como a água suja dum banho. Eu sou tradicionalista, o que não quer dizer que seja atrasada. . .⁸⁹

⁸⁹ VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p. 102.

De igual forma, as estruturas hierárquicas da Igreja nos anos que precederam o Concílio Vaticano II ofereciam resistências às mudanças de postura em relação ao diálogo com o mundo. Até então, a Igreja, na sua experiência vivencial, dava destaque à sua estrutura hierárquico-sacramental, considerando-se a instituição salvífica perfeita, preenchida por Deus de todos os meios salvíficos necessários. Portanto, distanciava-se da história moderna, achando-a não salvífica e de todas as outras instituições democráticas e religiosas consideradas como deficientes para plenificar o cristão. Tal maneira de agir distanciada do mundo levou a Igreja a um fechamento em si. Essa vivência intra-ecclesial levaria a uma divisão estruturada entre clero e leigos. Diante de um mundo moderno marcado pela pluralidade, a Igreja buscava manter-se como uma rocha onde ofereceria unidade, segurança e proteção.⁹⁰ Essa postura levava a Igreja a permanecer num gueto social distanciando-se das modernas evoluções espirituais taxadas negativamente.

Erico Verissimo visualiza esse contexto, envolvendo os problemas na época vivenciados pela Igreja Católica, através do personagem padre Pedro-Paulo:

— Só agora a Igreja está voltando às suas origens — diz o sacerdote — isto é, à sua pureza original. Por muitos séculos os príncipes da Santa Madre cortejavam e serviam reis, duques, presidentes, ministros, senadores, generais, milionários. Voltamos as costas ao povo. Conservamos um ranço medieval. Por um lado dizíamos que nosso reino não era deste mundo, mas por outro nos apegávamos a tesouros e pompas terrenos. Tratávamos de convencer os pobres de que era necessário contentarem-se com a má sorte que Deus lhes dera na terra a fim de merecerem o reino dos céus e receberem, com juros, a sua recompensa por tantos anos de sofrimentos e de necessidades neste «vale de lágrimas.»

Descascando um figo, ele conclui:

— Daqui a muitos anos os historiadores talvez possam dizer que as reformas por que a nossa Igreja está passando agora foram tão (ou mais) importantes do que as da Reforma protestante.⁹¹

⁹⁰ KEHL, Medard. *A Igreja, uma eclesiologia católica*, p. 29.

⁹¹ VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p. 184.

É justamente no momento histórico do Concílio Vaticano II que ocorre a mudança radical dessa imagem mantida no decorrer de quatrocentos anos. A Igreja retoma a orientação de buscar nas origens bíblico-patristicas e deter os olhos à realidade que ela tem num mundo secularizado.

Na visão de alguns personagens da obra *Incidente em Antares*, o relacionamento com Deus estava mais voltado para a aquisição da vida eterna. O Reino de Deus só era alcançado após a morte, evidenciando um tipo de formação eclesiológica, como se depreende do diálogo entre D. Quitéria e Tibério:

— O Zózimo não ignora o estado dele — continuou Quitéria. — Nenhum de nós se faz ilusões. Sabemos que todos um dia teremos de morrer. Gente melhor que nós tem morrido. A Virgem Maria, por exemplo, Napoleão Bonaparte... Morrer não é privilégio de ninguém. Todos morrem. Os ricos e os pobres, os inteligentes e os estúpidos. Uma das coisas que aprendi com a velhice foi fazer as pazes com a minha morte. Quando a Moura Torta bater na minha porta eu digo: “Entre, comadre, tome um mate. Ah, não quer? Então vamos embora”.

Fez uma pausa, olhou por alguns segundos o quadro que a janela emoldurava e depois, voltando-se para o amigo, disse:

— O que acontece é que tu és um homem sem fé, sem religião. Eu acredito em Deus e na Outra Vida, que deve ser melhor que esta. Reconheço meus defeitos, mas não tenho sido a pior das esposas nem a pior das mães ou das sogras. Tenho feito as minhas caridades. Rezo todas as noites. Vou à missa todos os domingos e me confesso todas as semanas. Estou certa que, depois da nossa morte, o Zózimo e eu vamos nos encontrar de novo em algum lugar.

— Pobre homem! — exclamou Tibério. — Não vai se livrar de ti nem na Eternidade.⁹²

Essa mudança de postura para uma eclesiologia voltada ao seguimento de Jesus Cristo e buscando vivenciar já aqui na terra o Reino de Deus, acarretava tensões e discussões internas na Igreja, já antes do início do Concílio.

⁹² VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p. 105.

Nesse período, duas tendências teológicas se conflitavam: a apologética tradicional e a apologética renovada. O papa João XXIII tinha plena consciência da necessidade da renovação, não só da Igreja, como instituição, mas da própria vida cristã pautada no testemunho do Evangelho. O Concílio, na visão do papa, seria a força motriz para desencadear essa renovação, daí chegando ele a afirmar que esse evento “iria se preocupar com as questões fundamentais da humanidade, daria uma atenção especial aos pobres e estaria totalmente voltado para o diálogo com o mundo moderno”.⁹³

Nesse sentido, em *Incidente em Antares*, padre Pedro-Paulo expõe ao pesquisador Martim Francisco suas preocupações, com os mais desprovidos dos recursos materiais em Antares:

— Que pensas de Antares? Esta pergunta tem um tom um tanto profissional... mas vá!
 — Não é diferente da maioria das outras cidades pequenas do nosso Estado. Vocês, com a pesquisa que estão fazendo, é que poderão dizer alguma coisa que não seja mera avaliação a olho nu. O que me impressiona aqui é a enorme defasagem que existe, por exemplo, entre os estancieiros ricos e a gente descalça e subalimentada. Fiquei feliz quando disseram que você e o seu grupo estão dando muita atenção a essa horrenda favela chamada Babilônia. Acha sinceramente que poderá publicar em livro todas as fotos desse lugar e seus habitantes?⁹⁴

O Concílio Vaticano II marca o final do espírito apologético da Contra-Reforma, implantado pelo Concílio de Trento, e empreende um diálogo da Igreja com o mundo, não mais o condenando, mas se dispondo a escutá-lo numa atitude acolhedora. Importante salientar que os textos do Concílio abordam “uma teologia do mistério de Deus, do ser humano e da Igreja em profunda relação dialética com a história [...] Nesse sentido, a história é propriamente o campo de atuação dos seres humanos, aberto à presença do mistério de Deus que se revela no tempo, no espaço e na cultura”.⁹⁵ Outro aspecto é o diálogo da teologia com as ciências humanas, o que antes não ocorria já que se preconizava uma teologia pura. Agora, se entendia que as ciências

⁹³ João XXIII, Radiomessaggio La grande aspettazione. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio, BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*, p. 78.

⁹⁴ VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p. 185.

⁹⁵ GONÇALVES, Paulo Sérgio. *A teologia do Concílio Vaticano II e suas conseqüências na emergência da Teologia da Libertação*. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio, BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*, p. 79.

forneciam elementos importantes para a compreensão do ser humano visto dentro de sua cultura, história. Outro elemento de renovação eclesiológica é a visão ecumênica e inter-religiosa. Um quarto aspecto é a ação da Igreja no mundo, articulando teologia e pastoral para gerar uma teologia prática. Dessa forma, a Igreja procura escutar as angústias, necessidades, esperanças do ser humano e assumi-las como suas.⁹⁶

O Concílio parte da defesa da dignidade humana, pois o ser humano, sendo imagem e semelhança de Deus, foi criado para vivenciar dentro da história a comunhão em passagem para atingir a comunhão eterna e definitiva com Deus. Daí ser imprescindível que o ser humano tenha condições de liberdade para poder discernir e desenvolver essa vocação para a qual foi criado. Como Deus é relação, e sendo a pessoa humana imagem divina, ela nasce para viver em relação, e suas atividades devem almejar a uma vida comunitária sob a ótica da responsabilidade e da solidariedade.

Denomina-se eclesiológico o desdobramento correspondente à Igreja. A eclesiologia conciliar é de comunhão. Sua base fundamental é o mistério trinitário, compreendido na relação pericorética entre Pai, Filho e Espírito Santo, na missão de cada Pessoa divina e na emergência do Reino de Deus na história. Assim, a Igreja é corpo de Cristo e, estando a serviço do Reino, é sacramento de salvação universal, promotora da unidade, concretizando-se historicamente como povo de Deus.⁹⁷

O Concílio Vaticano II eliminou a concepção de uma teologia una e deu margem ao pluralismo teológico. Nesse sentido, buscou eliminar o centralismo religioso e o eclesiocentrismo na elaboração teológica.

Não se produz mais teologia tendo a religião como única perspectiva possível ou a Igreja como única instância possível à salvação. O pluralismo denota a secularização do mundo,

⁹⁶ CONSTITUIÇÃO PASTORAL GUADIUM ET SPES, nn 1-9.

⁹⁷ GONÇALVES, Paulo Sérgio. *A teologia do Concílio Vaticano II e suas conseqüências na emergência da Teologia da Libertação*. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio, BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*, p. 82.

tornando a religião um dos eixos de compreensão deste mundo, suscitando a experiência como categoria imprescindível à compreensão e à interpretação da ação de Deus na história⁹⁸.

Assim, evita-se focar no objeto Igreja, pois esta só tem sentido na relação com o Reino de Deus, que veio com Jesus Cristo, como promessa aos pobres e, através deles, a toda a criação.

Não é a Igreja institucionalmente constituída a meta da auto-revelação de Deus no Antigo e Novo Testamentos, e também não devem desembocar definitivamente nela todos os caminhos de Deus com os homens, mas no Reino de Deus, onde se imporá universalmente, e precisamente em favor dos pobres, a vontade de justiça, paz e vida da parte de Deus'. Neste sentido, podemos referir o dito de Jesus em Mt 6,33 também à eclesiologia: "Procurai primeiro o Reino e a justiça de Deus, e tudo isso vos será por dado por acréscimo" — também a Igreja... Uma Igreja realmente humana e cristã nos é prometida como dom de Deus, na medida em que nos ponhamos incondicionalmente a serviço do seu Reino.⁹⁹

Essas novas concepções de se fazer teologia iriam dar margem na América Latina ao surgimento da Teologia da Libertação, que buscou extrair do Concílio a forma de empregar na elaboração teológica a visão de contexto e a importância da história. Gustavo Gutiérrez iria indicar a necessidade de se elaborar uma teologia que teorizasse a práxis histórica de libertação dos pobres. Desse modo, a Teologia da Libertação une a fé com a experiência dos pobres, dando a essa libertação uma conotação histórico-salvífica. Em outras palavras, diante da vida de exclusão vivenciada pelos pobres dentro de uma realidade que estruturalmente os torna pobres, se verifica que na história se faz a libertação, e ela precisa ser compreendida na dialética entre salvação e história.

Karl Rahner, que influenciou teologicamente o Vaticano II, escreveu em sua obra pós conciliar:

⁹⁸ Ib. p. 84.

⁹⁹ KEHL, Medard. A Igreja, uma eclesiologia católica, p. 36.

O homem, porém, enquanto ser pessoal que goza de transcendência e liberdade, é ao mesmo tempo um ser inserido no mundo, no tempo e na história. Essa afirmação é fundamental para descrever os pressupostos que a mensagem cristã faz acerca do homem. Pois, se o âmbito da transcendência e da salvação não se inserisse de início na própria história do homem e no seu existir no mundo e no tempo, a questão da salvação e a mensagem da salvação não poderiam acontecer historicamente nem se referir a uma realidade histórica.¹⁰⁰

Para entender a realidade histórica e interpretá-la de acordo com a Palavra de Deus e colocar em prática uma práxis libertadora, a Teologia da Libertação emprega três mediações: a mediação socioanalítica, a hermenêutica e a teórico-prática. “A mediação socioanalítica proporciona a compreensão da realidade histórica, em sua dimensão sociológica, política, econômica e cultural. São utilizados vários instrumentos analíticos, especialmente o marxismo, tendo em vista um entendimento científico mais preciso da situação analisada”.¹⁰¹ A mediação hermenêutica se faz pela interpretação da realidade em relação à Palavra, expressa na Sagrada Escritura e tendo também como fonte a Doutrina Social da Igreja. Já a mediação teórico-prática procura aplicar na realidade histórica gestos concretos de amor evangélico ajudando os oprimidos a se libertarem da pobreza e da opressão.

A Teologia da Libertação também é pastoral, por isso os agentes de pastoral são os seus sujeitos. Ela emprega a metodologia do ver a realidade, juzá-la tomando como base a Palavra de Deus e agir buscando a concretização do Reino de Deus. Essa teologia iria marcar profundamente as conferências episcopais da América latina de Medellín (1968), de Puebla (1978) e de Santo Domingo (1992).

Padre Pedro-Paulo, cuja visão eclesiológica era ligada à Teologia da Libertação, fala ao professor Martim Francisco sobre as dificuldades de se relacionar com a outra postura eclesial representada pelo vigário em Antares, padre Gerônimo:

¹⁰⁰ RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*, p. 56.

¹⁰¹ GONÇALVES, Paulo Sérgio. *A teologia do Concílio Vaticano II e suas conseqüências na emergência da Teologia da Libertação*. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio, BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*, p. 89.

— Como são tuas relações com o Pe Gerôncio?

— Boas, mas meio cerimoniaosas. Gosto do velho. É uma boa alma, mas tem horror a mudanças, de qualquer natureza. Um amigo meu oferece uma boa explicação metafórica para pessoas desse tipo. São como cegos (diz ele) que aprenderam durante anos e anos a topografia da casa onde moram, a posição de cada móvel, de cada objeto e assim podem mover-se com facilidade, sem colisões, como se pudessem ver claro. Um dia surge um sujeito... um "maluco", dirão eles, e começa a renovar a casa, mudar a posição dos móveis e dos utensílios, abrir novas portas e janelas, e quando o nosso pobre cego tenta fazer suas caminhadas habituais, começa a chocar-se com obstáculos inesperados, a ferir-se, a sentir perigosas correntes de ar... e fica tomado de pânico ou de um sentimento de revolta. Esse é o caso de muitos escritores e pensadores católicos da atualidade não só no Brasil como no resto do mundo. E veja bem: os "móveis" da Igreja, a sua "decoreação", tinham para esses "cegos" um caráter sagrado, intocável.

— O vigário sabe que os jovens te procuram para confessar-se e pedir conselhos. E que muitos habitantes da cidade preferem as missas aqui na tua capela às da Matriz. Estou informado de que o bispo desta diocese, e possivelmente o arcebispo metropolitano, já receberam uma das famosas cartas anônimas de Antares denunciando o "padre comunista".

— Ah! Quanto a isso não tenho a menor dúvida. Estou já com o espírito preparado para o que der e vier. Dia virá em que me mandarão cantar noutra freguesia... na pior que puderem encontrar...¹⁰²

Verifica-se que a recepção da Teologia da Libertação não foi realizada sem reações. Historicamente, a Igreja da América Latina tinha sido educada na forma de pensar e agir da cristandade medieval, enfocando prioritariamente o monopólio religioso da Igreja. Dessa maneira, a Igreja ao longo da colonização do continente aliou-se aos reis de Espanha e Portugal e a imagem que se transmitia de Igreja era de uma organização eclesiástica que administrava sozinha a salvação e que, portanto, devia ser acolhida por todos os homens para satisfação da vontade divina.¹⁰³

Outro dado que advinha desse relacionamento entre Igreja e poder é que ele perpassava também pela sociedade, alindo-se a Igreja às elites dirigentes. Pode-se detectar, através da entrevista do professor Martim Francisco com D. Quitéria, em *Incidente em Antares*, essa junção

¹⁰² VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p. 185.

¹⁰³ CATÃO, Francisco Augusto Carmil. *O perfil distintivo do Vaticano II: recepção e interpretação*. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio, BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*, p. 110.

de forças católicas e estruturas oligárquicas diante da ameaça de mudanças políticas, religiosas e econômicas, e que redundaram na criação do grupo Legionários da Cruz:

[...] Fui [D. Quitéria] logo dizendo que não propunha a criação dum centro recreativo, mas duma frente ativa de luta, dum corpo militante para enfrentar não só os pelegos do Jango e do Brizola como também todos os tipos de esquerdismo, viessem de onde viessem.

— Compreendo.

— ... e que a nossa guerra não era só política como religiosa e moral. Precisávamos combater também a dissolução de costumes.

— Como foi recebida a idéia?

— Ora, o senhor sabe como é cidade pequena. A coisa toda fica muito na conversa fiada. Perde-se tempo em detalhes sem importância. Todos aceitaram a minha sugestão para o nome do grupo: Legionários da Cruz. Nosso lema (segundo a proposta não me lembro de quem) devia ser Deus, Pátria e Família..., o que não é nenhuma novidade.

O Dr. Quintiliano então se levantou e pediu que acrescentássemos Lei e Ordem. O Cel. Tibério pulou e gritou: «E Propriedade!». Vi que ia começar a inana. Ora, o Prof. Libindo, que estava esperando uma oportunidade para dar um quinau no juiz, disse com aquele jeitão suficiente dele:

“Meu caro magistrado, quem defende a Pátria defende precipuamente a Lei e a Ordem, contidas ambas no vocábulo oceânico Pátria”. (Me lembro direitinho das palavras que ele usou, tenho boa memória.) O Dr. Quintiliano, vermelho como um camarão, não se entregou: “Pois se a coisa é assim” — disse — “bastaria então que no lema dos Legionários da Cruz se falasse apenas em Deus, pois a idéia de Deus, na sua universalidade incomensurável, abrange tudo: Ele próprio, as suas leis, a sua ordem cósmica e moral, a Pátria, a Família, a Humanidade”. E o Tibério berrou de novo: «E a Propriedade!».¹⁰⁴

Importante salientar que essa união de forças católicas e estruturas oligárquicas não levava em conta uma mínima coerência no testemunho cristão no mundo. Era como se todos vivessem papéis, substituindo a máscara de acordo com o espaço onde deveria exercer seu personagem. Assim na paróquia, vivia-se o papel de fiel de Jesus Cristo; nos negócios, uma postura totalmente contrária ao seguimento de Jesus, e assim por diante. Isso é salientado por Erico Verissimo ao mostrar a incoerência de Tibério ser presidente de honra dos Legionários da Cruz. Questionada a respeito pelo professor Martim Francisco, D. Quitéria explica suas razões:

— É, mas foi eleito contra o meu voto. O Tibé e a pobre da Lanja, mulher dele, são meus velhos amigos, apesar de nossos antepassados terem sido inimigos de morte durante mais de sessenta anos. Olhe, moço, eu lhe proíbo de fazer uso público do que eu lhe disse hoje

¹⁰⁴ VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p. 180.

nesta sala, ouviu? O Tibério é um velho chineiro e desfrutável. Viveu metido em negociatas durante o Estado Novo e os outros Estados que se seguiram. Tem duas mulheres, o salafrário, a legítima e a amante. No entanto aceitou cinicamente a presidência de honra dos Legionários. É como eu lhe digo. Essas contradições vão acabar destruindo a nossa sociedade. Acendemos uma vela a Deus e outra ao diabo. Mas o senhor não acredita em Deus nem no diabo, não?

—Não, D. Quita, sinto muito, mas não acredito.

— Pois devia. Eles existem. E cá entre nós, que ninguém nos ouça, eles não residem, como se diz, Deus no Céu e o Tinhoso no inferno. Eles estão também aqui embaixo junto com a gente, a todas as horas do dia e da noite. Tome nota do que estou lhe dizendo.¹⁰⁵

Com o Concílio Vaticano II essa forma da Igreja se relacionar com o mundo sofre uma alteração profunda, pois agora ela deve estar voltada a um despojamento dos privilégios, aliando-se aos pobres e se afastando das estruturas de poder. Outro aspecto impactante na mudança era não mais ser parceira do poder dominante, mas ser agente transformador dentro de uma sociedade injusta e excludente. Isso levaria a Igreja latino-americana a tentar encontrar uma maneira de atuar no mundo em que atendesse a duas exigências: a tradição católica e o testemunho evangélico numa sociedade nominalmente católica, mas estruturalmente opressiva e injusta. Os fiéis e o clero, até hoje, têm esse desafio pastoral e têm dificuldades para superar o dilema entre a centralidade pastoral da oração e da conversão pelo coração, e a responsabilidade social e política do cristão.

Importante frisar que como, normalmente, acontece com as mudanças, principalmente, no campo religioso, as formas antigas muitas vezes permanecem vivas e em conflito com as novas. É o que ocorreu após o Concílio, em que o espírito de renovação eclesial na hora em passa a se concretizar, encontra “modelos de Igreja”, de um lado, o modelo comunitário, surgido no Vaticano II, e o velho modelo baseado na comunhão eclesial focada nas formas clericais, dando prioridade ao ministério e não à comunidade.¹⁰⁶

¹⁰⁵ *Ib.*, p. 183

¹⁰⁶ CATÃO, Francisco Augusto Carmil. *O perfil distintivo do Vaticano II: recepção e interpretação*. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio, BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*, p. 113.

O professor Martim Francisco, ao entrevistar padre Gerônimo, em *Incidente em Antares*, colheu dele sua visão eclesial, que evidencia o conflito com um outro sacerdote com a abertura advinda do Concílio Vaticano II:

“[...] Igreja sem latim, sem o velho ritual e com todas essas novidades. . . padre sem batina, música profana. não, não é mais a Igreja de Cristo. Vamos acabar na nudez do protestantismo. E é uma tristeza! O P. Pedro-Paulo (o senhor o conhece porque já os vi juntos) é desses sacerdotes jovens, “pra frente”, como diz o vulgo. Imagine, permite que uns meninos boêmios e esquisitos toquem música de jazz nas suas missas. Pois é. Onde vamos parar com essas modernices? E cá para nós (conto com a sua discrição) para o meu gosto, o P. Pedro-Paulo preocupa-se demais com política. Já leu até Marx e Lenine, isso para não falar em outros comunistas ateus. É um bom moço, reconheço, dedicado à sua paróquia, muito querido dos operários, não nego. Mas acho que está deslumbrado com todas essas reformas da nossa Madre Igreja”.¹⁰⁷

Papel da Liturgia e da Igreja

Essa preocupação levantada por Erico Verissimo em *Incidente em Antares* sobre o aspecto litúrgico e sobre a participação dos fiéis nas celebrações, com conseqüente divisão dos mesmos em relação às duas visões eclesiológicas, leva a uma reflexão sobre o Evangelho de Lucas. Nele se observa que os cristãos, no início do cristianismo, se reuniam para realizar aquilo que Jesus Cristo lhe mandara fazer em sua memória, não importando se estavam sendo perseguidos, ou não. Detecta-se, também, na narrativa evangélica, que eles possuíam corações que “ardiam”, semelhantes aos discípulos de Emaús. Isso era parte essencial do ato memorial, e deu forma à celebração cristã. Talvez a pergunta a ser formulada é se conseguimos manter esse mesmo ardor quando se celebra, seja pelo padre Gerônimo, padre Pedro-Paulo ou qualquer outro?

Talvez seja difícil ter uma resposta satisfatória, no entanto, podemos com segurança afirmar que comparando as celebrações durante vários séculos, quanto ao uso de recursos utilizados, há uma enorme diferença entre elas, seja de equipamentos, trajes, corais, instrumentos musicais. E essas variações se ampliam dependendo do local onde se realiza a celebração.

¹⁰⁷ VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p.171.

Encontramos celebrações em paróquias onde o luxo impera, e em outras, onde a simplicidade domina. Assim, podemos detectar que cada celebração revela-nos algo da Igreja.

Essa diversidade de celebrações nos revela também variadas formas de viver como Igreja. Elas revelam como as paróquias concebem a Igreja, mesmo que seus fiéis não se apercebam. Revelam uma Igreja de cúpula, ou Igreja-Povo de Deus, como preconizou o Vaticano II; Igreja clerical ou ministerial, sociológica ou evangélica. Daí, poderemos lançar um desafio: “Dize-me como são as tuas celebrações, que eu direi qual é tua Igreja!”. Importante ressaltar que a uma Igreja clerical, corresponde uma liturgia clerical. A uma Igreja onde todos os fiéis são responsáveis, corresponde uma liturgia onde as responsabilidades são amplamente partilhadas.

Sendo a Igreja inserida no mundo, ela porta em si o que a humanidade vivencia, e desta forma, suas celebrações refletem os problemas e alegrias que a humanidade sente. Isso é bem salientado pela Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual, que em suas primeiras sentenças expressa:

“Íntima união da Igreja com toda a família humana - As alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para comunicá-la a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história”.

Ora, isso implica numa eclesiologia, em que deve sobressair o papel da liturgia como expressão da kénosis que a Igreja deve assumir, seguindo o exemplo dado por seu fundador, Jesus Cristo. Assemelhando-se ao seu mestre, a Igreja se faz pobre e solidária com ele, ou seja, participando do fardo dos que sofrem e levando este fardo com eles e por eles, a seu lado e em seu lugar. Deste modo, a Igreja se preserva de se tornar satisfeita e indiferente diante daqueles que ela encontra no caminho, e mantendo-se fiel ao ideal de busca do Reino de Deus e de sua justiça. Na sua kénosis, a Igreja assume a função de serva. É a cristologia do serviço do Lava-pés, onde

percebemos a kénosis de Jesus, ou seja, como Deus se manifesta na história. No agir de Jesus que une e congrega, reconcilia e perdoa, serve desinteressadamente e luta para que todos tenham vida, reside o programa de vida da Igreja. A vocação da Igreja é, então, agir como Jesus agiu. E os parâmetros desse agir, estão sedimentados nas quatro opções fundamentais de Jesus:

“Opção preferencial pelos pobres;

Opção pela pessoa humana e contra o legalismo;

Opção pela misericórdia;

Opção pelo serviço e contra o poder”.¹⁰⁸

Se o Pai “amou tanto o mundo que deu seu Filho único” (Jo 3,16) que assumiu, deste modo, sua kénosis na Encarnação, vemos que ao enviar o Filho e o Espírito ao interior da criação, para fazê-la mais e mais semelhante à comunhão divina, isto se constitui numa missão. Se for esta a missão no mundo por parte da divindade, a Igreja, como Corpo de Cristo, deve igualmente ter como missão “a descida” kenótica ao interior do mundo que contradiz e se recusa a Deus. Missão kenótica que se entrega pelo mundo como realização participativa na cruz de Cristo, a partir da exigência de Jesus: “Vem e segue-me” (Mc 1,17; 2,14; 10,21). Assim, a Igreja, para verdadeiramente pertencer ao Senhor, não pode nem deve deixar de recordar sua própria origem que se dá na cruz, e assim, percorrer o caminho do seguimento do Crucificado e junto dele.

Ora, isso implica que a missão da Igreja não deve estar calcada na opulência e na riqueza visível que a glória deste mundo tenta, mas sim sob o signo da kénosis e da cruz, o que, aliás, já preconizava o Novo Testamento: “Eu vos envio como ovelhas no meio de lobos”(Mt 10,16) – “O servo não é maior do que o seu senhor. Se me perseguiram, também vos hão de perseguir”. (Jo

¹⁰⁸ BLANK, Renold J. *Escatologia do mundo: O projeto cósmico de Deus*, p.194.

15,20)- “Se o mundo vos odeia, sabeis que me odiou a mim antes que a vós”. (Jo 15,18)- “é necessário entrarmos no Reino de Deus por meio de muitas tribulações”. (At 14,22).¹⁰⁹

A missão da Igreja deve estar sempre associada a Cristo e em assumir com ele o “último lugar”, para servir ali solidariamente aos irmãos e irmãs e responder por eles de maneira representativa, realizando assim a salvação recebida. A autoconcepção da Igreja como “corpo de Cristo” acentua o seu caráter de novidade e escatológico, e ambos se relacionam com a experiência vivida por parte dos cristãos com Jesus Cristo. É assim a Igreja, Povo de Deus, constituída de crentes em Jesus Cristo, no qual todas as promessas de Deus foram experienciadas, e porque na cruz e ressurreição de Jesus se dá o início do tempo final, onde a comunhão universal e escatológica ocorre em torno de seu líder. Desta forma, Igreja só pode ser corretamente entendida a partir deste conceito cristológico (LG 1), quando ela se entende como “o reino de Cristo já presente no mistério” (LG 3).

Como corpo de Cristo, ou seja, como um sinal do Cristo ressuscitado e exaltado, a Igreja não pode assumir qualquer tipo de postura, pois ela está subordinada ao condicionamento histórico daquele que ela deve representar. Portanto, a Igreja só pode ser ela mesma, na medida em que ela segue o Espírito de Cristo que a marca.

A igreja como sacramento de salvação só o é em Cristo, sujeito de toda ação salvífica da Igreja (LG 1.9.48; SC 5). Por isso ela deve constantemente fazer um exame de consciência, remorso e mudança de atitude, pois ela sempre corre o perigo de deixar de ser promessa e de ser transparência do sinal. A Igreja só evitará este perigo, caso na prática do discipulado de Jesus e na celebração do culto de sua entrega, ela sempre procure ser imagem e testemunho de Jesus (Rm 8,29).

¹⁰⁹ XAVIER, Donizete J. *A Eclesiologia hoje: perspectivas eclesiológicas*, p.10.

O Concílio Vaticano II procurou com suas reformas aproximar a Igreja deste ideário kenótico, no entanto, pela fragilidade dos homens que a constituem não se aprofundou muito nas questões acima elencadas. Tomemos como exemplo, a Liturgia. A reforma litúrgica só deu os primeiros passos. Claro, que se olharmos para a situação da liturgia antes do Vaticano II, verificamos que houve um acentuado progresso, visto que até então a liturgia estava imobilizada pela uniformidade em textos, cânticos, e gestos. O ritualismo impregnava a Igreja, e o direito canônico dirigia a liturgia, e através dela, a administração dos sacramentos. Embora “o direito canônico tenha contribuído para o progresso da Igreja, ele a engessou tanto na metade do século XX que passamos da necessária rubrica ao perigoso rubricismo.”¹¹⁰

Quando se celebravam os acontecimentos salvíficos, o que sobressaia na própria ação litúrgica era a mentalidade jurídica. Grassava e, ainda hoje, continua regendo, em muitos locais, o critério da validade, que inibe o sentido da ação. O rito que deve ser aberto ao mistério kenótico de Jesus, se reduz a sinal. Invés de ser acentuado o invisível, se dá mais importância à aplicação aparente do rito. Como consequência tende a levar o mistério cristão a se refugiar no misterioso.

Liturgia como expressão da kénosis eclesial

Com o advento do Vaticano II, que desvendou para muitos o significado real do que é liturgia, criou-se a mentalidade de busca de uma boa performance de uma celebração. No entanto, muitas vezes, o alcance desse objetivo residiu mais na parte externa que uma celebração proporciona do que da experiência interior do mistério da salvação. Por isso, para muitas pessoas as reformas advindas do Vaticano II tiveram mais efeito no tocante à substituição do ritualismo pelo funcional, pela praticidade.

Outro fator sujeito a críticas, foi a substituição do critério da validade para a ambientação das celebrações. Existe um anseio por uma participação ativa dos fiéis na função litúrgica. Busca-

¹¹⁰ DUCHESNEAU, Claude. *A celebração na vida cristã*, p. 35.

se uma celebração que contenha inúmeros movimentos, sons, etc.; e quando falta algum desses ingredientes, parece que a celebração deixou de cumprir sua finalidade. Ora, isso acarreta um costume pernicioso, pois os fiéis quando não encontram em uma paróquia esse ambiente, vão em demanda de uma outra paróquia que preencha esse desejo emocional. Na verdade, a vida moderna tem contribuído para esse agir, e a mídia influencia as pessoas a buscarem eventos onde ocorra uma participação efetiva. Entra o domínio da técnica e sai a afetividade, onde o que só tem validade é o que se pode viver intensamente.

Ocorre um outro aspecto que afeta profundamente a religião. A sociedade moderna, formada em base tecnicista e pragmática, perdeu a capacidade de entender a linguagem simbólica. Essa linguagem ajuda a penetrar no mistério, de trazer à tona uma realidade invisível que está por trás do objeto simbólico, de unir Deus e o ser humano. Como na ausência do símbolo não ocorre a linguagem religiosa, nem o ato sacramental, talvez esse seja o dado mais preocupante com que a liturgia tenha que lidar em nossos dias. Numa sociedade dominada pela técnica, em que os cristãos se sentem minoritários, e “pela primeira vez em sua historia a Igreja deve viver e anunciar a fé num mundo arreligioso”¹¹¹, tudo isso constitui desafios para a liturgia.

A Igreja tem que tratar situações adversas, como a sua procura por parte de grande número de fiéis somente por ocasião de grandes acontecimentos da vida: nascimento, casamento, morte. Isso também afeta a liturgia, pois ir à missa dominical deixou de ser um hábito. Ela passou a concorrer com outras atividades proporcionadas pela sociedade de consumo. Daí que a Igreja tem que envolver suas celebrações com motivações que proporcionem aos seus participantes razões para se manterem diferentes da maioria das pessoas de seu meio. Caso isso não ocorra, a celebração torna-se vazia. Sabemos que onde a liturgia está morta, morre a fé em Jesus Cristo, já que ela é, para muitos cristãos, o único elo que os mantém unidos à Igreja.

¹¹¹ *Ib.*, p.37

Pio XII em sua encíclica *Mediator Dei*, define a liturgia como “o culto público de nosso Redentor, cabeça da Igreja, ao Pai celeste... é numa palavra, culto integral do Corpo místico de Jesus Cristo, isto é, da cabeça e de seus membros”¹¹². Daí ser necessário que a Igreja, como seu fundador, realize sua kénosis, e por conseqüência, o ato litúrgico deve expressar esse caráter kenótico da Igreja. Para tanto, ela precisa fazer o seguimento de Jesus. Torna-se importante compreender qual foi o comportamento de Jesus Cristo como celebrante para que assim o sigamos. A posição de Jesus diante do culto judeu possuía dois pontos contraditórios: elo e liberdade. Elo quanto ao seu respeito ao culto judaico, mas a liberdade quanto às práticas culturais judaicas, como:

1. Obediência ao repouso no sábado – para Jesus, a lei, por sagrada que seja, não é feita para tornar o homem escravo dela;
2. As práticas de purificação - Jesus eliminou a separação entre o pretense sagrado e o pretense profano. Para ele o que valia era a religião do coração. Tudo o que constitui matéria no mundo, como os alimentos, os objetos, são neutros, profanos: o sagrado não existe neles. Com suas atitudes, Jesus nos ensinou que devemos suprimir da vida cristã qualquer apelo a sacralização de objetos. Por isso, quando escolhemos um objeto para o culto, não devemos empregar o critério se ele é sagrado ou não, mas do serviço que esse meio ou objeto poderá prestar à celebração. Jesus transforma o antigo regime cultural, evidenciando que todas as coisas podem se tornar sagradas de acordo com o uso que dela faz o coração do homem. Tudo é profano, mas todo profano pode se tornar consagrado;
3. A oração - Jesus contesta as práticas exteriores que não correspondem à verdade interior.
4. O Templo - Jesus tira o caráter sagrado que o Templo exibia, quando disse que onde dois ou três estiverem reunidos ele estará no meio dele (Mt 18,20), Jesus substitui a presença de Deus no Templo pela sua própria presença na comunidade, e elimina o quorum exigido pelas reuniões sinagogais de 10 pessoas.

¹¹² *Mediator Dei*, nº 20.

Yves Congar escreveu: “Esquecendo-se da recusa de Cristo em sacralizar objetos, lugares e mesmo pessoas, a Igreja, cedendo a uma tendência de religião natural, empenhou-se em restabelecer um sistema sacral, semelhante ao judeu... infelizmente, de novo, sacralizamos excessivamente, restabelecemos tabus, ritualizamos, pregamos a separação”¹¹³. Ele cita exemplos: as consagrações de igrejas e altares, quando na origem, bastava celebrar ali a Eucaristia; e as hóstias que substituíram o pão normal no século IX.

O comportamento de Jesus, quanto a situações semelhantes encontradas em seu tempo, evidenciam:

- Perigo de idolatria - Muitas vezes, ao sacralizar um objeto, um lugar, uma pessoa, corre-se o risco de focar o respeito no objeto, e não em Deus, que é o absoluto. Pode se chegar ao limite da idolatria.
- Falta de verdade interior - A observância das leis e das práticas pode iludir, fazendo-nos acreditar que ao cumpri-las nos torna quites com nossas obrigações. Foi o caso do fariseu que cumpriu a lei com perfeição (Lc 18,9-14).

Jesus nos revela que o verdadeiro lugar do culto é o coração. É evidente que a celebração, para que ocorra, necessita de um lugar, de um ambiente e de um rito, mas sua autenticidade não é decorrente de uma prática bem observada, mas é resultado de uma vida já inteiramente consagrada a Deus. Exemplo pode ser dado com a missa de domingo que fosse a atividade religiosa da semana, desobrigando o fiel de ser testemunho cristão no mundo o resto do tempo. Jesus pede que vivamos a interioridade de nossas preces, e não o número e a exatidão das fórmulas que dizemos.

¹¹³ CONGAR, Yves in DUCHESNEAU, Claude. *A celebração na vida cristã*, p. 67.

Quando os fiéis se reúnem em assembléia, realizam ato significativo para a liturgia cristã, pois a assembléia é o principal ator da celebração. Como Cristo disse que “onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, ali estou eu no meio deles”(Mt 18,14), a assembléia é um autentico sacramento da presença do Senhor. Quanto a esse aspecto, muitas vezes nossas igrejas são mais locais que abrigam o Santíssimo, do que casa da assembléia. E as nossas missas são mais ocasiões para garantir a presença real, do que assembléias que se abrem para a presença do ressuscitado.

Outro fator preponderante para esse espírito kenótico de nossa liturgia é privilegiar a sobriedade, a simplicidade, mas com bom gosto, elegância, e beleza. Devemos atentar-nos que a verdadeira beleza está na simplicidade e na sobriedade, pois Deus é simples, sóbrio, sem complicação. E que a existência da ostentação e do luxo numa celebração, nem sempre, são fatores impicantes da presença da beleza, e muito menos expressão do mistério de Cristo que se entrega.

O grande objetivo de uma kénosis litúrgica é evitar, ao máximo, (o que se fez da Idade Média até o Vaticano II), adornar de “entulhos”, de partes supérfluas, pois elas tendem a comprometer o essencial: a Palavra e o Mistério Pascal. É missão nossa priorizar a simplicidade, para que numa celebração eucarística se destaque a essência de nossa fé: a Páscoa! Daí ser premente a formação litúrgica permanente, preconizada pela Constituição Conciliar Sacrosanctum Concilium sobre a Sagrada Liturgia (cf. nn. 15 a 19) de todas as pessoas envolvidas numa celebração: professores de liturgia, bispos, padres, diáconos, ministros, leitores, músicos, equipes de liturgia, catequistas, povo em geral.

Aspectos históricos

Para compreendermos o que foi a reforma litúrgica do Vaticano II, é preciso lembrar aquilo que se chamou de “movimento litúrgico”. Quando ele surgiu é uma questão sujeita a inúmeras discussões. Importante frisar que sempre em determinados períodos da história surgiram

movimentos que dedicaram especial atenção à liturgia. Um destes foi o período que vai do século IV ao VI, e que correspondem ao tempo que, tanto no Ocidente, como no Oriente, nasceram as grandes famílias litúrgicas: os conhecidos ritos alexandrino, antioqueno, romano, galicano, etc. Depois, teve o período de Carlos Magno (747- 814), com a criação do rito germânico romano, seguido dos séculos X-XI. Daí se chega ao Concílio de Trento (1545 a 1563).

O movimento litúrgico é mais moderno e está associado à busca de uma renovação, ou seja, quer inicialmente, uma renovação da própria vida espiritual pela força da Liturgia. Posteriormente, quer a renovação da própria liturgia, partindo da compreensão mais profunda de seu espírito. Se detivermos nossa atenção sobre o período histórico do iluminismo, verificaremos que lá se encontra o prenúncio do movimento litúrgico, quando, então, se procurava a simplicidade na celebração litúrgica, ou seja, se tentava eliminar tudo aquilo que fosse considerado como supérfluo, com exclusão de todo enfeite inútil. Embora tenham surgido reações contrárias, a grande maioria tinha um desejo pelo essencial. Lutava-se “contra os exageros a respeito de procissões, peregrinações e confrarias, contra os abusos relativos a bênçãos e exorcismos”.¹¹⁴

O objetivo era que fosse criado entre os participantes da Liturgia uma assembléia; que a celebração litúrgica fosse o centro, evitando que fosse rezado o terço durante a missa, e assim, levarem os fieis a participarem da liturgia. Infelizmente, os próprios erros do iluminismo, e o seu combate pela Igreja, obscureceram este movimento que tinha raízes renovadoras. Nessa época, sobressai o combate contra a exuberância do barroco.

O estilo barroco surgiu com o advento dos grandes descobrimentos náuticos e do descobrimento do Homem, o que fez os povos buscar um retorno ao paganismo e ao Antigo Testamento. Daí advém a imagem de um Deus pomposo e poderoso, manifestando-se um pouco à

¹¹⁴ NEUNHENHEUSER, B. et al. *A Liturgia: momento histórico da salvação*, p.15.

moda dos homens. A busca do que era majestático contaminou a sociedade em todos os níveis. Exemplo pode ser encontrado no livro de Michel Florisoone (*Esthétique et Mystique d'après Sainie Thérèse d'Avila et Saint Jean de la Croix*, Paris 1956) em que ele cita que São João da Cruz e Santa Teresa d'Ávila ao tentarem combater o exagero, o excessivo que ia de encontro com a beleza sóbria que preconizavam para os Carmelos, foram considerados, na época, como inimigos da beleza.

Como bem expressa Frei José Arioaldo da Silva:

“A nobre simplicidade da liturgia romana do primeiro milênio, em sua forma de celebrar o mistério, cedeu lugar à extravagante pompa barroca no período pós-tridentino, em que prevalece o luxo, o triunfalismo, o enaltecimento exagerado dos elementos exteriores do culto, relegando o essencial para segundo plano. Numa palavra, aconteceu no segundo milênio um impressionante deslocamento de eixo na compreensão e vivência da liturgia: do essencial para aspectos acidentais, do teologal para o devocional, do eclesial-comunitário, participativo, ministerial, para o individualismo religioso, do mistério celebrado para o cumprimento meramente exterior dos ritos, da adaptação às culturas para a uniformidade rígida e obrigatória para todos, da nobre simplicidade para cerimoniais complicadíssimos, incompreensíveis... E pensar que foi com esta vivência e compreensão de liturgia, isto é, em moldes medievais e pós-tridentinos, que fomos evangelizados no Brasil!... Esta foi a liturgia (e não outra) que herdamos e que se enraizou no imaginário de nossa gente, e que passou a compor (pelo “catolicismo popular”: cf. Puebla, 444-456) o mosaico da nossa rica tradição cultural a ser evangelizada.”¹¹⁵

Ora, essa falsa concepção de que para agradar a Deus você tem que criar obras suntuosas e esplendorosas, gerou um hábito, que posteriormente levou à mentira:

“Quando os cristãos não tiveram mais ouro, lançaram mão da purpurina; quando não mais tiveram mármore, pintaram a madeira de mármore; quando não tiveram mais vidros de cor, coloriram os vidros... E na Igreja, que é a casa da Verdade, tudo se tornava de mentira, e o homem apenas se enganava a si próprio.”¹¹⁶

Outro ponto a ser destacado nessa época, é o tratamento que foi dado ao altar. Procurou-se dar ao mesmo um design diferente de mesa. Ele estará sempre elevado em relação ao piso e distante da assembléia, num local onde só pode ter acesso o clero. O povo verá de longe um rito

¹¹⁵ SILVA, Frei José Arioaldo da. *Sacrosanctum Concilium e Reforma Litúrgica Pós-Conciliar no Brasil*, p.3.

¹¹⁶ BARBOSA, Dom Marcos. *A Arte Sacra*, p.2.

litúrgico cheio de pompa, como se estivesse assistindo a um espetáculo, e onde ele é um mero espectador. Criou-se uma clara distinção entre clero (que realiza a Liturgia) e o povo (que assiste a Liturgia).

Nesse sentido, ficou difícil a participação verdadeira e sacramental do povo. Surge então, uma liturgia voltada só para o clero. O povo procurará, então, se ater à recitação do rosário, enquanto diante de seus olhos se descortina uma cerimônia pomposa a que ele não tem acesso, em que ele está distante, não só espiritualmente, como materialmente. Ou, então, o povo recorre à oração diante das imagens de seus santos favoritos. Nessa época, então, para satisfazer ao povo, são multiplicados nas laterais das igrejas, altares devocionais contendo relíquias e imagens, e não mais, o objetivo direto de servir de “mesa do Senhor”. Será o lugar de onde será exposto à veneração o santo: e será dito: “o altar da virgem”, “o altar de São João” etc.¹¹⁷

Qual seria o comportamento de Jesus diante desse quadro?

Jesus disse que até os animais têm a sua toca, mas que ele não tinha uma pedra para encostar a cabeça. Ele que teria direito a ter todo conforto material assumiu a pobreza, não se adornou de trajes, títulos, nem se fez pagar pelo seu sublime sacerdócio. Esse sentimento serviu de lastro à renovação monástica que foi o ponto de partida do movimento litúrgico que iria desaguar no Concílio Vaticano II. Destaque deve ser dado ao monge beneditino Dom Guéranger, que no século XIX, se tornou inimigo declarado de toda forma de galicismo, vendo na unidade litúrgica com Roma e na volta do caráter clássico da Liturgia romana, a renovação que a Igreja deveria empreender.

Daí até ao Vaticano II, surgem forças preponderantes que lutam pela renovação litúrgica no século XX, deixando de ser uma corrente subterrânea para caminhar na superfície. Aprovada e

¹¹⁷ NEUNHENHEUSER, B. et al. *A Liturgia: momento histórico da salvação*, p. 69.

promulgada por Paulo VI, em 4 de dezembro de 1963, a Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia veio coroar toda essa luta de séculos por uma renovação litúrgica.

A Simplicidade e a Nobre Beleza

Deus habita a própria e humilde existência humana. No entanto, a comunidade precisa de locais "propícios" que possam arejar a alma, templos sóbrios e úteis que veiculem a solidariedade, em que os fiéis possam abraçar a religiosidade/espiritualidade numa força coletiva! Um ambiente em que essa necessidade de comunidade se revele em alegria, em espaço luminoso e não tumular. Por isso, os critérios que devem orientar a construção das igrejas necessitam estar baseados em: racionalidade e uma nova sensibilidade aberta a novos valores estéticos, como a simplicidade, a pureza, a sobriedade e a economia de meios. Estes critérios estavam ao serviço da renovação teológica e litúrgica que adquiriram expressão oficial na encíclica *Mediator Dei* (1947) e foram revistos no Concílio Vaticano II.

Muitas vezes, se utilizam de materiais caríssimos nas construções das igrejas, e se deixa de utilizar materiais rústicos, mas que contêm em si a beleza da sobriedade, como: pedra, tijolo, madeira apenas encerada, estopa, couro, e palha. Estes materiais, quando bem empregados, podem revelar nobre beleza, como preconiza a *Sacrosanctum Concilium*.

Um outro campo a ser buscada a simplicidade se encontra nas vestes litúrgicas. “Por que não nos contentarmos com a sóbria alva dos romanos, em vez de nos cobrirmos de rendas (e tão ordinárias!), como se estivéssemos ainda em pleno século XVIII? Teremos medo de parecermos pobres? E Jesus e os Apóstolos não o foram?”¹¹⁸ A *Sacrosanctum Concilium* (nº 124) quando aborda a nobre beleza, recorda que esta se encontra mais na simplicidade que na suntuosidade:

¹¹⁸ BARBOSA, Dom Marcos. *A Arte Sacra*, p.2.

“Ao promoverem uma autêntica arte sacra, prefiram os Ordinários à mera suntuosidade uma beleza que seja nobre. Aplique-se isto mesmo às vestes e ornamentos sagrados”.

No mesmo artigo, ocorre a orientação sobre a funcionalidade: “Tenham os Bispos todo o cuidado em retirar da casa de Deus e de outros lugares sagrados aquelas obras de arte que não se coadunam com a fé e os costumes e com a piedade cristã, ofendem o genuíno sentido religioso, quer pela depravação da forma, que pela insuficiência, mediocridade ou falsidade da expressão artística. Na construção de edifícios sagrados, tenha-se grande preocupação de que sejam aptos para lá se realizarem as ações litúrgicas e permitam a participação ativa dos fiéis”.

Vale a pena verificar a identidade de pensamento com dom Piero Marini¹¹⁹, mestre-de-cerimônias litúrgicas pontifícias, que exprime:

“ Se a Escritura é o manancial de que deve haurir a renovação da Liturgia, a práxis litúrgica primitiva das Igrejas dos Santos Padres, ou seja, a "pristina Sanctorum Patrum norma" deve considerar-se como a norma e a regra inspiradora da própria reforma. A práxis litúrgica das Igrejas dos Santos Padres torna-se uma forma originária da Liturgia cristã, sobre a qual a vida litúrgica da Igreja de todas as épocas é chamada a medir-se e a averiguar-se. Precisamente por este motivo, a Liturgia deve voltar à simplicidade originária: "Brilhem os ritos pela sua nobre simplicidade, sejam claros na brevidade e evitem repetições inúteis..." (Sacrosanctum Concilium, n. 34). E ainda mais: "Que os ritos se simplifiquem, bem respeitados na sua estrutura essencial; sejam omitidos todos os elementos que, com o passar do tempo, se duplicaram ou menos utilmente se acrescentaram; restaurem-se, porém, se parecer oportuno ou necessário, e segundo a antiga tradição dos Santos Padres, alguns que desapareceram com o tempo (Sacrosanctum Concilium, n. 50)".

Abordando a beleza e a dignidade que deve revestir-se o culto, dom Marini, no mesmo documento, salienta:

“No início do terceiro milênio, é necessário transmitir a imagem de uma Igreja que celebra, anuncia e vive o Mistério de Jesus Cristo na beleza e na dignidade da celebração. Uma beleza que não é apenas formação, formalismo estético, mas que se fundamenta na "simplicidade nobre", capaz de manifestar a relação entre os elementos humanos e o divino da Liturgia. Trata-se da dinâmica da Encarnação: aquilo que o Filho unigênito, cheio de

¹¹⁹ MARINI, Dom Piero. *No 40º aniversário da promulgação da constituição "Sacrosanctum Concilium"*, p.2.

graça e de verdade, fez visivelmente, passou aos Sacramentos da Igreja. A beleza deve deixar transparecer a presença de Jesus Cristo no centro da Liturgia, o que poderá ser tanto mais evidente, quanto mais se puder sentir nas celebrações a contemplação, a adoração, a gratuidade e a ação de graças... Que outra realidade da Igreja é chamada a unir e a expressar a beleza, como o espaço litúrgico e a ação litúrgica? Não apenas o lugar, mas também a ação, ou seja, o gesto, a postura, o movimento e as vestes devem manifestar harmonia e beleza. O gesto litúrgico é chamado a expressar a beleza, uma vez que é gesto do próprio Cristo. Assim, a Liturgia continuará, também graças à sua beleza, a ser fonte e ápice, escola e norma de vida cristã”.

Outro fator a ser revisto é o que se refere à utilização das obras de arte nas igrejas, pois não basta que sejam belas, mas que estejam em harmonia com o espaço litúrgico. Nesse sentido, encontramos na maioria das nossas igrejas uma quantidade excessiva de imagens de santos. A Sacrosanctum Concilium já orienta no seu artigo 125: “Mantenha-se o uso de expor imagens nas igrejas à veneração dos fiéis. Sejam, no entanto, em número comedido e na ordem devida, para não causar estranheza aos fiéis nem contemporizar com uma devoção menos ortodoxa”. Pior quando nos deparamos com estatuas de santos que primam pela mediocridade, não só quanto à estética e beleza, como pelo aspecto histórico. Esse é o caso da imagem de São Sebastião. Diz a tradição que nascido na Gália, ele foi centurião romano (centurião era um militar de alta patente no exército romano com 100 homens sob seu comando) no tempo do imperador Diocleciano. Ora, a esse posto só ascendiam aqueles guerreiros que mais se destacavam. Quando buscamos encontrar essa figura do guerreiro na iconografia do santo, nos deparamos com um dândi andrógino, um guerreiro ambíguo, um jovem anêmico, lânguido e letárgico.

Aprofundando nesse tema, vale salientar:

“Inutilmente nos esforçaremos por repelir as acusações de idolatria que alguns dos irmãos separados lançam contra nós, enquanto as nossas igrejas oferecerem o doloroso espetáculo de um amontoado de imagens de má qualidade, como que disputando os lugares no retábulo do mesmo altar. De outro lado, como incutirmos nos fiéis o verdadeiro sentido e função do altar, se, por sua inútil multiplicação, ele se apresentar constantemente como um pedestal de imagens? Mas, além do número, moderado, deve haver também uma ordem conveniente na exposição das imagens. Assim, nunca se devia expor uma imagem do Cristo ou de Nossa Senhora em pé de igualdade com a de outro santo. Mas isso também

não significa que devamos ter sempre, dominando toda a igreja, um Crucificado monumental no altar-mor, solução de que se abusou um pouco. O verdadeiro memorial do Calvário está na própria missa, sinal escolhido pelo próprio Cristo, e o crucifixo do altar poderá ser, com muita propriedade, a própria cruz processional, ali colocada outrora, bem como os candelabros, ao entrar o cortejo para o ofício litúrgico.”¹²⁰

O monge camaldolense, dom José C. Velasco, formado pela Escola Ecumênica de André Rublev, em Trento, e que abriu a primeira escola de pintura iconográfica bizantina no Brasil, resume o critério de arte sacra: “A tríade dos valores: beleza, bondade e verdade vivem somente se em comum acordo. O Bem, se separado da Verdade e da Beleza, é somente um sentimento indefinido, um impulso privado de força; a Verdade abstrata é uma palavra vazia e a Beleza sem o Bem e a Verdade é somente um ídolo.”¹²¹

Vale ressaltar um outro aspecto litúrgico que foi pouco evidenciado na Sacrosanctum Concilium, mas que tem fundamental importância para liturgia. Lá, em seu artigo 30 diz: “Para fomentar a participação ativa, promovam-se as aclamações dos fiéis, as respostas, a salmodia, as antífonas, os cânticos, bem como as ações, gestos e atitudes corporais. Não deve deixar de observar-se, a seu tempo, um silêncio sagrado”. O corpo deve se envolver ativamente, pois “tal envolvimento constitui uma exigência fundamental da comunicação simbólica, na qual as palavras formam expressão e os gestos e as coisas entram na “dança dos significados” e “no movimento das palavras”.”¹²² A fé se revela através de posturas ativas, seja na nossa vivência diária, seja na celebração litúrgica.

Deus inserido na realidade humana

¹²⁰ BARBOSA, Dom Marcos. *A Arte Sacra*, p.4.

¹²¹ VELASCO, dom José C. *A catequese da beleza*, p.2.

¹²² COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritual idade litúrgica como momento histórico da salvação*, p.47.

Erico retrata em *Incidente em Antares* qual era postura das oligarquias em relação aos direitos fundamentais dos seres humanos no diálogo mantido por Tibério com o governador a respeito da greve geral em Antares:

— Mas, doutor, estamos diante duma calamidade! Já imaginou uma cidade parada, sem luz, sem água, sem transportes? Greve geral!

— Pois é. - - Sinto muito.

— Precisamos agir sem demora.

— De que jeito? A nossa Constituição reconhece o direito dos trabalhadores à greve.

— Mas isso não é mais uma greve e sim um princípio de revolução, parte duma conspiração política esquerdista para tomar o poder pela força.

Fez uma pausa na conversação, como se a ligação tivesse sido subitamente cortada. De novo, porém, Vacaria ouviu a voz grave que o sono tornava mais espessa:

— Não há nada que meu governo possa fazer dentro da legalidade.

— Pois então faça fora da legalidade.

— Alô? Fale mais alto, coronel.

— Mande a legalidade pro diabo! — vociferou Tibério. — Envie tropas da Brigada Militar para Antares e obrigue esses mequetrefes a voltarem ao trabalho. O aumento que eles pedem é absurdo. A greve é dos trabalhadores das indústrias locais. Os outros apenas se solidarizaram com eles. Coisas que os chefes do P.T.B. e os comunas meteram na cabeça dos operários.

— Coronel, o senhor esquece que estamos numa de democracia.

— Democracia qual nada, governador! O que temos no Brasil é uma merdocracia.¹²³

O Vaticano II iria orientar que o Povo de Deus, crendo que o Espírito Santo o conduz, vê e discerne nos acontecimentos da história sinais da presença de Deus e de seu projeto. Um destes sinais é a defesa dos direitos humanos e da luta pela transformação da realidade.¹²⁴ O texto conciliar chega a lamentar-se diante do fato de que, em toda parte, os direitos fundamentais da pessoa ‘não sejam ainda reconhecidos e protegidos’ e, ao mesmo tempo, rejeita energicamente toda discriminação por causa do sexo, da raça, da cor, da condição social, da língua e da religião, que afeta os direitos fundamentais da pessoa, tanto pessoais como sociais.

Tomando o exemplo do personagem João Paz, um idealista, que foi torturado na prisão apesar de ser um inocente, Erico retrata a situação vivida naquele período de ditadura militar onde

¹²³ VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p. 193.

¹²⁴ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. *Deus: experiência histórica e rosto humano* - alguns elementos sobre a questão de Deus no Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio, BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e prospectivas*, p. 194.

a tortura e a violência eram práticas contumazes. Na discussão entre João Paz e Cícero Branco se evidencia prática da tortura contra a dignidade humana:

— Não desconverse. Você sabe muito bem que não morri de pneumonia no hospital, mas fui, isso sim, assassinado na prisão. Você nega isso?

— Não.

— E você também sabia muito bem que eu não cometi nenhum crime.

— Um momento! Não tenho o dom da ubiqüidade nem o da onisciência. Nem o próprio prefeito sabe de tudo quanto se passa na sua delegacia. Houve uma denúncia. O delegado Inocêncio é um fanático da justiça e um técnico... Ele afirma que você é o chefe em Antares do “grupo dos onze”. Queda saber o nome dos outros dez guerrilheiros potenciais. Interrogou você pelos métodos normais, aceitos pelas nossas leis, mas você recusou falar.

- — Como é que eu ia confessar uma coisa que não sabia? Nunca tive nada a ver com esse grupo, se é que ele existe mesmo em Antares.

— Seja como for, o Inocêncio Pigarço não teve outra alternativa senão recorrer aos seus “métodos especiais”.

— Por que não diz a palavra exata: tortura?

— Ora, como advogado, cultivo quando me convém o hábito do eufemismo.

— Confesse que foi sua a idéia de transferir o meu cadáver para o hospital, em segredo, e lá simular uma morte natural.

— Confesso. Mas você poderia ter evitado a tortura e a morte se revelasse os nomes dos guerrilheiros de Antares.

— Mas eu não sabia de nenhum! E se soubesse, não os denunciada!¹²⁵

O Concilio Vaticano II iria explicitar seu conceito sobre a dignidade humana:

[...] deve superar-se e eliminar-se, como contrária à vontade de Deus, qualquer forma social ou cultural de discriminação, quanto aos direitos fundamentais da pessoa, por razão do sexo, raça, cor, condição social, língua ou religião. Além disso, embora entre os homens haja justas diferenças, a igual dignidade pessoal postula, no entanto, que se chegue a condições de vida mais humanas e justas. Com efeito, as excessivas desigualdades económicas e sociais entre os membros e povos da única família humana provocam o escândalo e são obstáculo à justiça social, à equidade, à dignidade da pessoa humana e, finalmente, à paz social e internacional.¹²⁶

¹²⁵ VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*, p. 247.

¹²⁶ CONCILIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Gaudium Et Spes*, n. 29.

CONCLUSÃO FINAL

Na análise que foi elaborada mostrando os dois tipos de eclesiologia que se pode depreender do romance *Incidente em Antares*, através dos personagens padre Gerônimo e padre Pedro-Paulo, representando respectivamente as eclesiologias pré e pós Concílio Vaticano II, fica evidenciado que o autor, Erico Verissimo tinha uma tendência em olhar de maneira positiva a posição do padre Pedro-Paulo, já que ela representa a Igreja que está ao lado dos pobres e oprimidos, enquanto padre Gerônimo carrega o fardo de se voltar mais para o aspecto espiritual, em detrimento das ações em defesa dos pobres e, também, por seu engajamento com as oligarquias.

No entanto, ambos padres possuem pontos positivos e negativos em suas posições e, na verdade, representam dois momentos históricos vividos pela Igreja e o grande problema levantado pelo romance não é nem a defesa ou condenação das eclesiologias mencionadas, mas sim de sinalizar a importância de se acompanhar a história, verificando o contexto, pois uma Igreja que não sabe lê-lo fica sem discurso para passar para o ser humano.

Se nos transportarmos para o atual contexto vivido pela Igreja, vamos detectar que não temos mais uma cultura homogênea baseada na fé cristã, nem há mais o acatamento da sociedade às normas da Igreja, quando falava dos problemas humanos, já que a voz dela é apenas mais uma voz. Por isso, é necessário um tipo de ação pastoral diversa daquela empregada para uma época em que a fé já era pressuposta. Hoje, já não podemos agir assim, pois a sociedade é mais pluralista.

Nesta análise contínua sobre seu papel no mundo, a Igreja deve levar em conta que, hoje, as pessoas perderam as suas esperanças nas concepções utópicas. Praticamente todas as grandes utopias que marcaram o século XX se desmoronaram:

- A utopia que a ciência resolveria todos os nossos problemas. Verificamos que muitas vezes ela cria mais problemas que soluções.
- A utopia que o socialismo iria estabelecer um mundo mais fraterno. Essa utopia se desmoronou na hora de sua prática.
- A utopia do comunismo, que se destruiu sob o impacto de sua política, ao produzir um sistema de opressão maior que o existente em outros sistemas.

Toda essa situação leva o ser humano à busca do sentimento religioso. A grande questão é: até que ponto o cristianismo está nesta busca? Quando observamos o fenômeno religioso, verificamos um crescimento da religiosidade. Podemos aí divisar a força dos movimentos pentecostais, a busca pelas religiões orientais, pelo esoterismo e misticismo. No entanto, a gravidade é depararmos com a situação em que esta busca se dá por um cristianismo não verdadeiro. O risco deste cristianismo falso é a fuga da encarnação, ou seja, da religião que não se envolve com ninguém e com nada. De desligar fé e vida. Deste modo, o homem moderno vai tendo uma visão distorcida da essência do cristianismo, tendendo ir direto ao Cristo da fé sem passar pelo Jesus da história.

Diante deste panorama, o único caminho a seguir é construir uma eclesiologia baseada em sua essência e no papel que ela deve desempenhar. A forma de atuação da Igreja deverá sempre refletir o seu ser, sua essência, a sua vocação. O papel da Igreja no mundo é seguir Jesus, o que significa que ela estará trabalhando para que o Reino de Deus comece já, aqui e agora, tendo como modelo a kénosis de Jesus Cristo. Ter consciência de que a Igreja deve ter o caráter de diakonia, ou seja, de ser servidora de todos os seres humanos. Colocando-se a serviço do ser humano. Esta missão está em conformidade com o amor de Jesus, missão que leva os homens a doarem-se uns aos outros. Daí que a missão salvífica da Igreja passa por um descer kenótico. Fora da comunhão não há salvação, fora da comunhão não há comunidade, não há Igreja.

Deve ela ter sua essência na missão kenótica de entrega pelo mundo, tendo como modelo a participação na cruz de Cristo. Deve a Igreja recordar a sua origem na cruz, pois foi lá que ela nasceu. Redescobrir o caminho do crucificado, se conscientizando que o cristianismo é um evento antes de ser doutrina, é uma presença, uma realidade acontecida.

A Igreja, como sacramento de Cristo deve realizar sua própria kénosis, guiada pelo Espírito Santo, buscando com seu testemunho de serviço redescobrir o caminho do seguimento do crucificado, realizando no mundo sua missão profética de sinal do reino, onde seja menos instituição e mais carismas. Deve ela ser expressão de:

1- Comunhão. Como expressa a Lumen Gentium 4, citando São Cipriano: “A Igreja é o povo reunido na unidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo”. A eclesiologia deveria então, ser de comunhão, de diálogo e de relação.

2- Missão – Uma Igreja missionária que deve anunciar o Reino de Cristo (LG 5). A essência de Deus trino é comunhão e o seu ser se abre para fora quando o Pai envia o Filho e o Espírito ao interior da criação para fazê-la semelhante à *communio* divina e para acolhê-la eternamente.

3- Kénosis – A missão eclesial deve possuir o caráter kenótico, ou seja, a marca da kénosis de Jesus deve se tornar visível no testemunho da Igreja quando ela interage com o mundo. A Igreja não é o Reino, mas é sinal e servidora do Reino. Ela realiza este serviço ao reino no seguimento de Jesus.

Diante do acima exposto, grandes questões se levantam:

- Qual a maneira de ser Igreja na sucessão de Jesus Cristo?

- Qual a maneira de ser Igreja para agir no mundo?

A missão, hoje, nasce da experiência, de um encontro pessoal com Cristo, numa experiência salvífica. Assim, não adianta empregar normas, ou ameaças, pois a pessoa hodierna vive sua fé a partir de uma experiência, que vai ser proclamada a partir do querigma que apresenta o Cristo dentro de uma sociedade pluralista. Ocorre, hoje, uma relativização das verdades e práticas católicas (até da pessoa de Jesus Cristo) na sociedade pluralista e secularista em que vivemos. O anúncio querigmático, pois, tem que ser através de um processo em que o cristão vai se aproximando de Cristo, já que não podemos pressupor nas pessoas a fé. Antigamente, quando recebíamos uma criança para a preparação para a primeira Eucaristia, já a recebíamos com fé, hoje já isso não ocorre, pois ter pais e avós com fé não atrai os jovens.

Como no passado acentuávamos muito a busca dos sacramentos (batismo, casamento etc.), hoje, verificamos que as pessoas participam dos sacramentos como num festival sociológico, sem conhecer seus significados. Então, na evangelização não adianta dá só o sacramento. Por isso da importância que a 5ª Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, que aconteceu em maio de 2007, na cidade de Aparecida (SP), prescreve que os agentes da missão devam ser discípulos e missionários, desde o bispo, passando pelos presbíteros, diáconos permanentes, consagrados e os leigos. Estes devem possuir maior espaço de participação para serem sujeitos eclesiais e competentes interlocutores entre a Igreja e a sociedade e com responsabilidade na vida pública.

Os discípulos e missionários devem estar a serviço da vida plena. Naturalmente, existe a vida de Deus em nossa vida, de sermos irmãos de Jesus Cristo e participarmos da vida trinitária, mas a vida não se limita só a isso, Jesus se preocupa com a vida cultural, espiritual, e com a dignidade do ser humano. Toda pastoral devia transparecer a preocupação da Igreja em pensar a

vida plena. Nossa pastoral deve estar voltada para os novos areópagos, para os pobres, para os rostos sofridos, através do testemunho de vida.

A Conferência de Aparecida, fundamentada na teologia que acentua que por estarmos em comunhão com a Santíssima Trindade, devemos estar em comunhão com os outros, aponta que ser cristão implica ser cristão numa comunidade. É a comunidade que transmite o Cristo vivo. Tudo que temos, nos veio através da comunidade eclesial, e ela deve ser uma comunidade de amor, nutrida pela Palavra e pela Eucaristia. Essa comunhão se dá numa unidade orgânica do Corpo de Cristo, são carismas diversos dentro do mesmo corpo.

Os organismos paroquiais, pois, devem ser animados por uma espiritualidade de comunhão missionária. O documento de Aparecida toca num ponto importante que deve ser uma preocupação da Igreja nos nossos dias: os “afastados”. Afastados são aqueles que saíram da Igreja, não pelo simples motivo de sair da comunidade, mas porque estão buscando sinceramente a Deus. Eles partem na demanda de uma experiência religiosa e vivência comunitária, procuram um lugar onde sejam acolhidos e se sintam incluídos numa comunidade. O pessoal que está afastado de nossa Igreja nos sinaliza que necessitamos de uma conversão pastoral. Isso pressupõe um novo élan espiritual, que perceba os sinais do tempo. Essa conversão pastoral deve ir contra a inércia, de atuar só numa pastoral de manutenção, e exige imaginação para novos serviços e ministérios.

Esse é o contexto atual, por isso, os responsáveis pelas pastorais devem assumir novas posturas pastorais. A Igreja não muda no aspecto teológico, mas no administrativo. As primeiras comunidades cristãs tiveram que adaptar-se ao contexto. Em vista da missão, se deve abandonar as estruturas caducas que não favorecem a transmissão da fé e reformular as estruturas paroquiais para maior comunhão e participação de todos, especialmente no mundo urbano, diz o documento.

A reformulação paroquial provém de uma proposta de iniciação cristã com maior participação de leigos nos projetos paroquiais e diocesanos, para que o leigo surja como sujeito eclesial.

BIBLIOGRAFIA**A) OBRAS / SITES****A1) OBRAS DE ÉRICO VERÍSSIMO**

VERISSIMO, Erico. *Incidente em Antares*. 45. ed. Porto Alegre: Globo, 1995.

OBRAS INFANTIS E JUVENIS

A Vida de Joana d'Arc, 1935

As Aventuras do Avião Vermelho, 1936

Os Três Porquinhos Pobres, 1936

Rosa Maria no Castelo Encantado, 1936

As Aventuras de Tibicuera, 1937

O Urso com Música na Barriga, 1938

A Vida do Elefante Basílio, 1939

Outra Vez Os Três Porquinhos, 1939

Viagem à Aurora do Mundo, 1939

Aventuras no Mundo da Higiene, 1939

ROMANCE URBANO

Clarissa, 1933

Caminhos Cruzados, 1935

Música ao Longe, 1935

Um Lugar ao Sol, 1936

Olhai os Lírios do Campo, 1938

Saga, 1940

O Resto É Silêncio, 1942

Noite, 1954

ROMANCE HISTÓRICO

O Tempo e o Vento

O Continente, 1949

O Retrato, 1951

O Arquipélago, 1961\2

ROMANCE POLÍTICO

O Senhor Embaixador, 1965

O Prisioneiro, 1967

Incidente em Antares, 1971

CONTOS

Fantoches, 1932

As Mãos de Meu Filho, 1942

O Ataque, 1959

Galeria Fosca, 1987

NARRATIVAS DE VIAGEM

Gato Preto em Campo de Neve, 1941

A Volta do Gato Preto, 1946

México, 1957

Israel em Abril, 1969

ENSAIO

Brazilian Literature: an Outline, 1945

Breve História da Literatura Brasileira, 1995

BIOGRAFIAS E MEMÓRIAS

O Escritor diante do Espelho, 1966

Um certo Henrique Bertaso, 1972

Solo de Clarineta I, 1973

Solo de Clarineta II, 1976

A2) OBRAS SOBRE ÉRICO VERÍSSIMO

BACELAR, Armando. *Ideologia e Realidade em Erico Verissimo*. In: Segundo Congresso Brasileiro de Crítica e História Literária. Anais. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis, 1963. p.543-551.

BORDINI, Maria da Glória. *Criação Literária em Erico Verissimo*. Porto Alegre: L&PM / EDIPUCRS, 1995.

CHAVES, Flávio Loureiro (Org.). *O Contador de Histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1981. p.29-34.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: O escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Escola Técnica – UFRGS, 1996.

CHAVES, Flávio Loureiro. *Realismo & Sociedade*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1981.

FERNANDES, Célio Marques. *Erico Verissimo, o grande escritor*. Brasília, Câmara dos Deputados, 1976.

FURLAN, Oswaldo Antonio. *Estética e Crítica Social em "Incidente em Antares"*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 1977.

LORENZON, Algir. *História de um contador de estórias*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul, 1976.

MARTINS, Wilson. *Erico Verissimo*. In: *O Modernismo*. São Paulo: Cultrix, 1965. p.292-296.

MONTENEGRO, Olívio. *Erico Verissimo*. In: *O romance brasileiro*. 2.ed Rio de Janeiro: José Olympio, 1953. p.265-272.

POMPERMAYER, Malory J. *Erico Verissimo e o problema de Deus*. São Paulo, Loyola, 1968.

SILVA, Márcia Ivana de Lima. *A gênese de Incidente em Antares*. Coleção Memórias das Letras – 6. Porto Alegre: EDIPUC, 2002.

SILVEIRA, Paulo de Castro. *O humanismo na obra de Erico Verissimo*. Maceió: Edições Cores, s.d.

SURO, Joaquim Rodrigues. *Erico Verissimo: História e Literatura*. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1985.

VELLINHO, Moysés. *Erico Verissimo romancista*. In: Letras da Província. Porto Alegre: Globo, 1956.

A3) OBRAS CONSULTADAS

AMOROSO LIMA, A. *Introdução à literatura brasileira*. São Paulo: Aguilar, 1966.

ALVES, Rubens. *O Enigma da Religião*. São Paulo: Papyrus, 1933.

BAKHTIN, M. *Questões de literatura e de estética*. São Paulo: Unesp/Hucitec, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. 4ª. Ed., São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BIBLIA DE JERUSALÉM

BLANK, Renold J. *Deus na História: centros temáticos da Revelação*. São Paulo: Paulinas, 2005.

BLANK, Renold J. *Escatologia do mundo: o projeto cósmico de Deus*. São Paulo: Paulus, 2001.

BOFF, Clodovis. *Teoria do Método Teológico*. Petrópolis: Vozes, 1999.

BOFF, Clodovis. *Uma Igreja para o novo milênio*. São Paulo: Paulus, 1998.

BORDIEU, P. *As regras da arte*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

BOSI, A. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1960.

CÂNDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. 8ª. Ed., São Paulo, T.A. Queiroz, 2002.

CELAM. Documento de Aparecida: texto conclusivo da V Conferência Geral do episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: CNBB-Paulus-Paulinas, 2007.

CODATO, Adriano Nervo, OLIVEIRA, Marcus Roberto. *A marcha, o terço e o livro: catolicismo conservador e ação política na conjuntura do golpe de 1964*. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: v.24,n.47, p.271-302, 2004.

CONGAR, Yves-Marie. *Igreja e papado*. São Paulo: Loyola, 1997.

CONCILIO VATICANO II, *Constituição Dogmática Lúmen Gentium*.

CONCILIO VATICANO II, *Constituição Pastoral Guadium Et Spes*.

COSTA, Valeriano Santos. *Viver a ritualidade litúrgica como momento histórico da salvação – Participação litúrgica segundo a Sacrosantum Concilium*. São Paulo: Paulinas, 2005.

COUTINHO, A. *Introdução à literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: São José, 1959.

COUTINHO, A. *Enciclopédia da literatura brasileira*, Rio de Janeiro: OLAC, 1990.

CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa*. São Paulo: Paulinas, 2003.

DÉBRAY, Régis. *Deus, um itinerário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

DE LA FUENTE, Eloy Bueno. *Eclesiologia*. Madrid: BAC, 1998.

DUCHESNEAU, Claude. *A celebração na vida cristã*. São Paulo: Paulinas, 1977.

DURAND, G. *As estruturas antropológicas do imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FORTE, Bruno. *A Essência do Cristianismo*. Petrópolis: Vozes, 2003.

FORTE, Bruno. *Para onde vai o Cristianismo?* São Paulo: Loyola, 2003.

GADAMER, Hans-Georg. *Verdad y método: fundamentos de una hermenêutica filosófica*. Salamanca: Sígueme, 1988.

GIRARD, Marc. *Os símbolos na Bíblia*. São Paulo: Paulus, 1997.

GONÇALVES, Paulo Sérgio, BOMBONATTO, Vera Ivanise (Orgs.). *Concílio Vaticano II: análise e perspectivas*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HAIGHT, R. *Jesus símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.

HEINZ-MOHR, Gerd. *Dicionário dos Símbolos: imagens e sinais da arte cristã*. São Paulo: Paulus, 1994.

KEHL, Medard. *A Igreja, uma eclesiologia católica*. São Paulo: Loyola, 1997.

LAJOLO, Marisa. *O Que é Literatura* São Paulo: Brasiliense, 1995.

LIBANIO, J.B.; MURAD, Afonso. *Introdução à teologia: perfil, enfoques, tarefas*. 3. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

MARCILI, S. et al. *Panorama Histórico Geral da Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1987.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. 5. ed. São Paulo: Paulus, 1984.

MOISÉS, Massaud. *A análise literária*. 14^a. Ed., São Paulo: Cultrix, 2003.

NASSER, Maria Celina de Q. Carrera. *O que dizem os símbolos?*. São Paulo: Paulus, 2003.

NEUNHENHEUSER, B. et al. *A Liturgia: momento histórico da Salvação*. São Paulo:Paulinas, 1987.

PORTELA, E. *Literatura e realidade nacional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1981.

RAHNER, Karl. *Curso Fundamental da Fé*. São Paulo: Paulinas, 1989.

RICHARD, P. *Raízes da teologia latino-americana*. São Paulo: Paulus, 1987

RICOEUR, P. *A Metáfora Viva*. São Paulo: Loyola, 2000.

RICOEUR, P. *O Conflito das interpretações: ensaios de hermenêutica*. Porto: RÉ S, 2002.

- ROCCHETTA, Carlo. *Teologia da Ternura: um evangelho a descobrir*. São Paulo: Paulus, 2002.
- RONCARI, L. *Literatura brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos*. São Paulo: EDUSP, 1995.
- ROMERO, S. *Forma e desenvolvimento antonômico da literatura nacional*. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1960.
- SACHETTO, Maria Elisabeth, FERNANDES, Maria das Graças R. P. *Erico Verissimo: história e crítica na ficção brasileira*. Ducave, Juiz de Fora, n. 263, p. 2-4, out/2005.
- SANTANA, Jaime dos Reis. *Literatura e ideologia*, São Paulo: Novo Século, 2005.
- SCHÖKEL, L. A. *A palavra inspirada*. São Paulo: Loyola, 1992.
- SILVA, J.N.S. *História da literatura brasileira e outros ensaios*, Rio de Janeiro: Mec, 2002.
- SOBRINO, J. *Ressurreição da Verdadeira Igreja*. São Paulo: Loyola, 1983.
- SOUZA, Ney de (Org.). *Temas de teologia latino-americana*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- TEIXEIRA, Faustino (org.) *No limiar do mistério*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- TAVARD, George H. *A igreja, comunidade de salvação: uma eclesiologia ecumênica*. São Paulo: Paulus, 1998.

TAVARES, H. *Teoria literária*, Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *A Revelação de Deus na Realização Humana*. São Paulo: Paulus, 1995.

TORRES QUEIRUGA, Andrés. *Recuperar a Criação: por uma religião humanizadora*. São Paulo: Paulus, 1999.

TUFANO, D. *Estudos de literatura brasileira*. São Paulo: Moderna, 1989.

VELASCO, Rufino. *A Igreja de Jesus: processo histórico da consciência eclesial*. Petrópolis: Vozes, 2003.

XAVIER, Donizete J. *A Teologia da Santíssima Trindade: a kénosis das pessoas divinas como manifestação do amor e da misericórdia*. São Paulo: Palavra & Prece, 2005.

XAVIER, Donizete J. *A Eclesiologia hoje: perspectivas eclesiológicas*. São Paulo: Pontifícia Faculdade de teologia Nossa Senhora da Assunção. 2005 (Mimeografado)

A 4) OBRAS SOBRE TEOLOGIA E LITERATURA

MAGALHÃES, Antonio. *Deus no Espelho das Palavras: Teologia e literatura em Diálogo*. São Paulo: Paulinas, 2000.

MANZATTO, Antonio. *Teologia e Literatura: Reflexão Teológica a partir da Antropologia contida nos romances de Jorge Amado*. São Paulo: Loyola, 1994.

VÁRIOS, *Concilium* 115, 1976.

VÁRIOS, *Teologia e literatura*. Cadernos de pós-graduação 9. São Bernardo do Campo: UMESP1997.

A5) SITES

BARBOSA, D. Marcos O.S.B. *A Arte Sacra*

Fonte: “A Sagrada Liturgia renovada pelo Concílio” Frei Guilherme Baraúna – OFM Ed. Vozes – 1964, Petrópolis - RJ

Disponível em:

<http://www.pastoralis.com.br/pastoralis/html/modules/wfsection/article.php?articleid=84>

Acesso em: 17.04.06, 16h35

BARCELLOS, José Carlos. *Literatura e Teologia: Aproximações*

Disponível em: <http://www.odialetico.hpg.ig.com.br/liteologia.htm>

Acesso em: 17.07.06, 9h20

CARVALHAES, Cláudio. *Paul Tillich e a Teologia da Cultura*

Disponível em: <http://www.teologiabrasileira.com.br/Materia.asp?MaterialID=184>

Acesso em: 22.12.06, 21h

CENTRO DE MEMÓRIA ERICO VERÍSSIMO

Disponível em: <http://www.pucrs.br/fale/pos/centrodememoria/ericoverissimo/>

Acesso em: 14.10.06, 15h

HOHFELDT, Antonio. *Erico Verissimo*

Disponível em: <http://www.moderna.com.br/catalogo/encartes/85-16-04816-0.pdf>

Acesso em: 12.04.06, 10h45.

MARINI, Piero. *No 40º aniversário da promulgação da constituição "Sacrosanctum Concilium"*

Disponível em:

http://www.vatican.va/news_services/liturgy/2003/documents/ns_lit_doc_20031204_40-concilium_po.html

Acesso em: 18.04.06, 19h35.

MARQUES FILHO, Teotônio. *Incidente em Antares*

Disponível em: <http://www.portrasdasletras.com.br/pdtl2/sub.php?op=resumos/docs/antares>

Acesso em: 25.04.06, 13h20

PROJETO RELEITURAS. Biografia de Erico Verssimo.

Disponível em: http://www.releituras.com/everissimo_bio.asp

Acesso em: 13.04.06, 16h

SILVA, Frei José Ariovaldo da. *Sacrosanctum Concilium e Reforma Litúrgica Pós-Conciliar no Brasil - Um olhar panorâmico no contexto histórico geral da liturgia: dificuldades, realizações, desafios.*

Disponível em:

<http://www.itf.org.br/index.php?pg=conteudo&revistaid=6&fasciculoid=73&sumarioid=1149>

Acesso em: 23.04.06, 19h.

SCHULTZ, Adilson. *Agenciamentos teórico-metodológicos básicos para o estudo do lugar do Protestantismo no imaginário religioso brasileiro a partir do encontro da Teologia com a Literatura (na Casa de João Guimarães Rosa)*

Disponível em: http://www.est.com.br/nepp/numero_01/Adilson.htm

Acesso em: 11.11.06, 9h

VEJA ON-LINE. *Memórias do Regime Militar*: o Brasil de 1968 a 1985 nas páginas da VEJA.

Disponível em: http://veja.abril.com.br/idade/exclusivo/regime_militar/abre.html

Acesso em: 12.11.07, 15h.

VELASCO, dom José C. *A catequese da beleza*.

Disponível em: <http://www.pime.org.br/mundoemissao/igrejамcateq.htm>

Acesso em: 25.04.06, 21h20.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)